

ENDGAME

DIÁRIOS DE TREINAMENTO

VOLUME 3

EXISTÊNCIA



SHANG



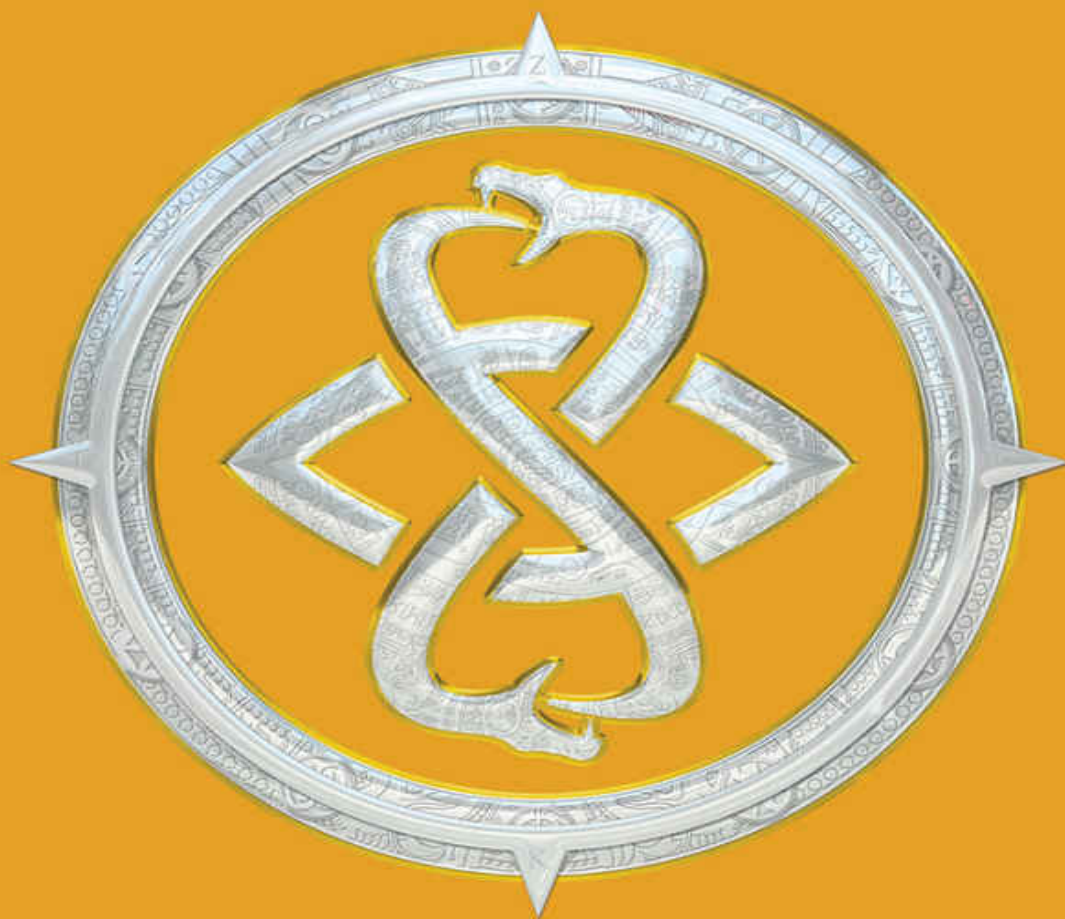
CAHOKIANO



OLMEÇA



AXUMITA



JAMES FREY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ENDGAME

DIÁRIOS DE TREINAMENTO

VOLUME 3 EXISTÊNCIA

JAMES FREY

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2015, Third Floor Fun, LLC.
Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Endgame: The Training Diaries – Volume 3: Existence

PREPARAÇÃO

Ângelo Lessa

REVISÃO

Yasmine de Lucca

REVISÃO DE EPUB

Viviane Maurey

Vanessa Goldmacher

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-749-5

Edição digital: 2015



EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Doze mil anos atrás, eles vieram. Desceram do céu entre fumaça e fogo e criaram a humanidade, deixando-nos regras segundo as quais viver. Precisavam de ouro, e, para extraí-lo, instalaram aqui as doze linhagens. Quando conseguiram o que queriam, foram embora. Mas avisaram que um dia retornariam e que, quando isso acontecesse, seria para o Jogo. O Jogo que determinaria nosso futuro.

Isso é o Endgame.

Por 10.000 anos as linhagens existiram em segredo. As 12 linhagens originais da humanidade. Cada uma precisa ter um Jogador preparado o tempo todo. Um Jogador se torna elegível aos 13 anos e perde a elegibilidade ao fim dos 19. Cada linhagem tem seus critérios para decidir quem é digno de ser escolhido. Quem é digno de salvar seu povo. Geração após geração, eles foram treinados para dominar o uso de armas, os idiomas, a história, as estratégias e os disfarces, as técnicas de assassinato. Juntos, os Jogadores são tudo: fortes, gentis, implacáveis, leais, espertos, estúpidos, feios, libidinosos, mesquinhos, instáveis, belos, calculistas, preguiçosos, exuberantes, fracos. Eles são bons e maus. Como você. Como todas as pessoas.

Isso é o Endgame.

Quando começar, os Jogadores terão que encontrar três chaves, que estão espalhadas pelo planeta. A única regra é que não há regras. Quem encontrar as chaves primeiro ganha o jogo.

Estas são as histórias dos Jogadores antes de serem escolhidos. Como deixaram a vida normal que levavam e se tornaram quem estavam destinados a ser. Estes são os Diários de Treinamento.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Olmeca
JAGO

Shang
AN

Axumita
HILAL

Cahokiana
SARAH

Sobre o autor

Conheça os títulos anteriores da série

Leia também

Olmeca JAGO



Jago se apaixonou por ela à primeira vista. É como clichê de filme cafona — é como clichê de *todos* os filmes cafonas. O olhar dos dois se encontra no meio de um salão cheio. O coração dele palpita.

Fogos de artifício explodem. A terra treme. Ele ouve música, sente cheiro de flores, estremece com a onda de amor que o percorre por inteiro.

A garota é franzina e linda. Ela gira ao som da techno salsa como se seu corpo fosse feito de música. Seu cabelo, uma seda loura, se agita no ar, os braços magros rodopiam acima da cabeça. Um sorriso radiante ilumina o salão; e o coração de Jago.

Quando a luz estroboscópica se apaga, a música muda, dançarinos ocupam a pista de dança da boate e ela desaparece no mar de corpos.

Jago a esquece em um piscar de olhos.

Com ele é assim: amor, garotas, beleza. Ele ama amar, se apaixona com frequência e rapidez, depois esquece tudo na mesma velocidade. Às vezes demora um mês, às vezes uma semana, e às vezes, como esta noite, minutos. Nada o agrada mais do que desfilar pelas ruas de Juliaca de braços dados com uma garota bonita, deitar ao lado de um corpo quente às margens do lago Titicaca, acariciar um rosto lindo ao luar. E, como ele é Jago Tlaloc, todas as garotas da cidade se deliciam em serem amadas por ele, porque ser amada por Jago é ser coberta de presentes caros, ser admirada e invejada, andar de braços dados com o herdeiro da organização criminosa mais poderosa do Peru. Ele sabe que elas só o amam por seu dinheiro e poder, mas perdoa. Ser amada por Jago é ter todos os pecados perdoados.

Ser amada por Jago é ser abandonada por Jago, mas, se você perguntar a qualquer garota de Juliaca, ela vai dizer: vale a pena. Esta noite, ele não foi à boate à procura de amor. Foi para dançar, suar e esquecer a semana, para se perder em uma tempestade de barulho e movimento. Para se perder em uma multidão. Sacudindo-se no centro da pista de dança, o corpo colidindo com o de estranhos: esse é o único jeito de Jago passar despercebido, ser um estranho para si mesmo. Ele passou os últimos dias fazendo serviços inusitados para a família, visitando aqueles que decidiram irritar os poderosos Tlaloc... e fazendo-os entender as consequências de suas escolhas. Lembrando-lhes a quem devem sua lealdade.

É claro que a organização Tlaloc emprega muitos braços musculosos. Mas alguns lembretes exigem um pouco mais de força. Algumas almas desafortunadas pedem uma visita do próprio Jago, herdeiro dos negócios da família, Jogador da linhagem olmeca. Nem todos sabem que ele é o Jogador, óbvio, como foram tantos primogênitos e primogênicas dos Tlaloc antes dele; tampouco sabem que, se o Endgame um dia chegar, Jago carregará nas costas o peso da vida de todos eles. Não sabem que deveriam lhe ser gratos. Mas sabem que precisam temê-lo — e isso basta. Jago faz o que precisa fazer, machuca quem precisa machucar. Mas às vezes, depois de concluída a tarefa, ele precisa beber, dançar e esquecer. Portanto, ele não está procurando amor, assim como não está procurando problemas. Mas encontra ambos.

* * *

O grito dela é quase inaudível sob a música e o barulho da multidão, mas ele passou anos apurando os sentidos. São três: jovens, valentões e atléticos. Encurralaram a garota em um canto escuro; estão rindo do medo evidente no rosto dela. Um dos caras a cutuca no ombro. Outro passa os dedos pelo cabelo louro da garota, espalha-o pelo rosto dela. É quando Jago se intromete. São três, e ele é um só, e tem apenas 16 anos. Mas ele é um Tlaloc. E um Jogador. Seu corpo é firme e resistente como uma montanha. Jago poderia matar os três sem transpirar sequer uma gota. No entanto, ele chega por trás dos homens e diz: — É melhor vocês irem para outra boate hoje, não acham? Os jovens se viram, prontos para rir, prontos para lutar, até que veem o rosto dele. Repararam na cicatriz que vai do olho esquerdo até o pescoço, lembrança de uma briga com faca quando era mais novo. Ele repuxa

os lábios em uma simulação macabra de sorriso, e eles veem os dentes, os incisivos com jaquetas de ouro cravejadas de diamantes. — *Feo* — sussurra o maior dos três. É o apelido de Jago; há pavor na voz do homem.

Eles conhecem a cicatriz, conhecem o sorriso. Sabem que devem recuar rapidamente, com reverências e pedidos de desculpa, ir embora e nunca mais aparecer ali.

Jago os dispensa com satisfação e só então se vira para a garota. Ela não está escondida atrás do cabelo nem piscando para afastar as lágrimas, nem se encolhendo nas sombras para se tornar invisível, nem mesmo abalada ou agitada. Só o observa com atenção, com intensa curiosidade. Tem algo de estranho na expressão dela, algo de atraente, e ele demora um momento para entender o que é.

Então se dá conta.

Ela não o conhece.

Não sabe de nada.

Jago fecha os lábios, escondendo os dentes; cobre a cicatriz com a mão e torce para o ambiente escuro da boate disfarçar o rosto bexiguento. Quer esconder tudo que tem de feio.

Uma coisa está acontecendo com ele.

Uma coisa que ele não sabe identificar.

“Não é amor, não pode ser isso”, pensa, porque ele já sentiu amor, conhece bem o sentimento, em toda a sua fugacidade e glória superficial.

— Aqueles homens estavam com medo de você — diz ela, em inglês; está impressionada.

Ele assente.

— *Eu* devia ter medo de você? — A pergunta é feita em tom de desafio.

— Provavelmente.

Ele tem vontade de sorrir. Tem vontade de gargalhar. Mas não quer assustá-la. Pela primeira vez em muito tempo, não quer parecer Jago Tlaloc. Talvez não queira *ser* Jago Tlaloc. Não com esta garota, não esta noite.

— Bom, este é o meu verão das decisões erradas, então — diz ela, e ri. — Quer dançar comigo?

Ele pega a mão dela. Por um momento, não consegue respirar.
— Qual é o seu nome? — pergunta ela enquanto seguem para a pista de dança.

Ele leva a mão ao ouvido e inclina a cabeça como se dissesse “Está alto demais, não consigo ouvir”. Então a conduz até a multidão dançante. Amanhã ele voltará a ser Jago Tlaloc, herdeiro, monstro, salvador. Hoje, será só mais um corpo no escuro.

* * *

— Você não vai mesmo me dizer seu nome? — pergunta a garota enquanto ele a leva até o alojamento.

Ela é inglesa, está no ensino médio e veio ao Peru fazer intercâmbio, apesar de não saber espanhol. É de um lugar chamado Cornualha e é bailarina, ou era; ela mesma não tem certeza. Diz que já viajou o mundo todo, mas nunca viu nada, e, apesar de isso não fazer sentido, Jago quase entende.

Ele também já viajou o mundo, já foi a todos os continentes, às vezes para resolver assuntos de família, às vezes para treinar, no papel de Jogador, mas sempre para alguma coisa feia e brutal, sempre com um propósito, nunca apenas para *ver*.

Ela lhe conta muitas coisas enquanto os dois caminham de mãos dadas pela noite vazia de Juliaca; não sobre a vida dela, mas sobre os sonhos para uma nova vida: que quer paixão, poesia e assombro, que quer novas experiências, aventuras selvagens, riscos apavorantes e a conquista do mundo.

— E amor — acrescenta ela, olhando fixamente para Jago. Seu toque na mão dele é quente e firme, sem sinal de vergonha. — Quero amor de fazer tremer a terra, de estourar fogos de artifício e partir o coração. Você já sentiu isso?

Jago dá de ombros.

— Já tive namoradas, se é o que você quer dizer.

— Não, não estou falando de “namoradas”. — Ela imita não só o sotaque dele, mas também o jeito intencionalmente casual que ele usou ao pronunciar a palavra. — Estou falando de uma alma gêmea,

uma pessoa que parece ser sua outra metade. Um amor que muda a sua vida, que a engole. Um tipo de amor com um quê de Pablo Neruda.

— Quer dizer que você amou um homem chamado Pablo? — pergunta Jago, confuso.

Ela dá uma risadinha e engancha o braço no dele.

— Acho que temos muito trabalho pela frente.

— Não sei se acredito nesse tipo de amor, capaz de engolir toda a minha vida, como você diz.

Ele não sabe por que está admitindo isso. Todo o seu conhecimento sobre o mundo feminino o alerta de que esse é o contrário do que deve dizer. Mas alguma coisa nela o faz querer ser sincero.

— Acho que a minha vida é cheia demais para um amor assim.

— Cheia de quê?

— De dever, por exemplo. Família.

Jago não pode contar que jurou a vida a um único objetivo, o mais importante de todos. Que, enquanto o Endgame pairar no horizonte, ele nunca poderá amar nada tanto quanto ama o povo olmeca.

Mesmo se não fosse inconcebível, seria proibido.

— Dever? — Ela ri de novo, uma música familiar que ele queria ouvir sem parar. — Você fala como se fosse velho. — Ela balança a cabeça. — Eu não. Desperdicei tempo demais com o dever. Sei o que tem lá fora. O que é possível. E vou ter tudo isso.

Ela parece bem mais jovem do que ele, mas ao mesmo tempo, de alguma forma, mais velha, porque fala como se o tempo estivesse acabando, como se quisesse tudo aquilo *agora*, aqui, neste verão, nesta cidade. Esta noite.

Ela para abruptamente embaixo de um poste de luz e segura as mãos dele.

— Quer ouvir um segredo?

Ele faz que sim.

— É agora. Neste verão. Tudo vai mudar. Tudo que eu era acabou. Estou me libertando.

— De quê?

— De tudo que me prende. De todo mundo que me diz o que fazer, quem eu tenho que ser. De todas as obrigações. De todos os

deveres. Você nunca teve vontade de fazer isso? Deixar tudo para trás? Correr para as colinas? Gritar na noite?

— Eu...

— *Livreeeeeeeeeeeeeeeee!* — grita ela, jogando a cabeça para trás. A luz do poste a ilumina como se ela tivesse uma aura, e Jago quase tem medo de piscar, como se a tivesse imaginado, como se ela pudesse desaparecer a qualquer momento.

“Tudo vai mudar”, disse ela. Jago sente o mesmo: uma vibração no ar, a pele arrepiada. Tudo muda esta noite.

Esta noite, pela primeira vez, ele consegue imaginar como é querer o que ela quer. Liberdade. Fuga. Uma aventura selvagem com essa garota estranha e destemida, os dois se jogando no grande desconhecido.

Ela não vai dizer o próprio nome enquanto Jago não disser o dele. Mesmo depois de se beijarem à luz do poste ao lado do alojamento, mesmo depois de ela apertar o corpo no dele e deixá-lo sentir seu calor, seu desejo.

— *Quem é você?* — pergunta Jago, impressionado, quando eles se desgrudam.

Mas é outra a pergunta que não sai da cabeça dele: “*O que é você?*” Que tipo de criatura estranha, encantadora e bela conseguiria fazê-lo se sentir assim, como se ela fosse a primeira garota que ele tocava, a primeira garota que desejava?

— Você primeiro — diz ela.

Jago não quer dizer o nome verdadeiro. Estamos no século XXI, e a primeira coisa que ela vai fazer quando for embora é entrar no Google e pesquisar sobre ele e sua família, e vai descobrir tudo que ele não quer que ela saiba, os boatos e as alegações que inevitavelmente cercam uma organização criminosa, ainda que o governo não dê a mínima e se recuse a processar os membros.

— A maioria das pessoas me chama de Feo — responde ele. O apelido sempre lhe caiu bem, como se identificasse sua verdade secreta e fundamental.

— Feo? — Ela franze o nariz. — Significa alguma coisa?

Jago ri.

— Você não sabe mesmo nada de espanhol, né?

— Me diz o que significa.

Ela tem uma irresistível e viciante combinação de ferocidade teimosa com inocência crua. Ele vê nos olhos dela: essa garota não tem medo.

— Adivinha.

Ela o avalia com atenção, semicerra os olhos e sorri.

— Montanha.

Jago faz que não.

Ela leva o dedo aos lábios dele e bate em um dos incisivos com jaqueta de ouro.

— Garoto de ouro — palpita ela. — Cabeça de diamante.

— Não chegou nem perto.

— Me diz — pede ela, com um beijo no pescoço.

— Não.

— Me diz. — Um beijo na ponta do nariz.

— Não...

— Me diz.

Ela beija a palma da mão dele, sobe para o pulso, para o antebraço, e ele sabe que essa garota vai ser problema. Ela vai tirar o que quiser dele, e ele tem muito a perder.

— *Feo* — diz ele, cedendo. — Feio.

Ela se encolhe.

— Quem chama você assim?

Ele dá de ombros, sorri para mostrar que não liga, que para ele aquilo é uma piada sem importância.

— Quem não chamaria?

Ela passa as pontas dos dedos pela cicatriz.

— Eu não — responde ela, baixinho.

De repente ele fica constrangido, não por causa do apelido, mas por permitir que ela o toque, e por um momento ínfimo sente uma pontada de raiva, por ela conseguir fazê-lo arder de vergonha. Em um momento, uma faísca de raiva; que, de repente, some como se nunca tivesse existido.

— Seu nome é muito melhor, imagino.

— É Alicia. — Ela fica nas pontas dos pés, dá um beijinho rápido nele, recatada de repente. — Acha que consegue se lembrar da

próxima vez?

— Próxima vez?

Ela recua e abre devagar a porta do dormitório feminino. Já se passaram horas do toque de recolher, mas ela não parece preocupada, diz que já saiu escondida antes. Além do mais, o que aquelas babás superprotetoras podem fazer? Jago adora o jeito como ela fala.

— Você sabe onde me encontrar — diz ela, e desaparece no interior da fortaleza. — Mas pense em um nome melhor quando voltar.

* * *

Na noite seguinte, Jago a leva para jantar no Los Gatos, um bastião exclusivo de elegância, um restaurante à luz de velas cujos garçons deixam sempre pronta, no gelo, uma garrafa do melhor champanhe, para o caso de ele aparecer por lá.

Ele pede todas as entradas do cardápio e quatro pratos principais, para poderem experimentar de tudo, e, depois que tomam um gole do champanhe, ele chama o garçom e pede uma garrafa do vinho mais caro.

Enquanto bebem o vinho tinto intenso, Jago coloca uma caixinha de veludo sobre a toalha branca da mesa. Ao abri-la, Alicia encontra uma pequena safira em uma delicada corrente de ouro.

— Ah — diz ela, fechando a caixa e voltando a comer.

Não é exatamente a reação que Jago esperava.

— Não gostou? Achei que realçaria seus olhos.

— É lindo. Mas é tão...

— O quê?

— Ah, deve ter sido caro à beça, e a gente acabou de se conhecer. É meio estranho, não acha?

— Acho lindo. Você é linda, então me parece uma combinação perfeita.

Ela balança a cabeça.

— Hum... ok. Mas eu quase não uso joias. Seria um desperdício. Então...

Não foi como na boate ou sob o luar. A coisa não flui entre os dois, e ele não sabe por quê. Ele pede licença para ir ao banheiro e, no caminho, coloca dinheiro na mão do maître, sussurrando um pedido. Quando volta à mesa, um violinista se aproxima e começa uma versão triste de uma cantiga de ninar. Jago chama uma senhora que anda entre as mesas com uma braçada de rosas, compra doze e lhe dá uma gorjeta dez vezes maior que o valor das flores em si. Ele as oferece para Alicia. Ela aceita, mas não sorri.

— Lamento, mas... — Ela para, vira-se para o violinista e diz: — É lindo, mas estou com um pouco de dor de cabeça, então...

O violinista olha para Jago e, vendo-o assentir, se afasta, com um ar envergonhado, temendo ter desagradado o monstro de Juliaca.

— Desculpa — diz Jago rapidamente.

Jago sente a noite lhe escapando. Se não entende o que fez de errado, como vai consertar? Ele fala onze línguas com fluência, conhece dezenove maneiras de matar um homem só com as mãos, tem a cidade a seus pés... mas, por algum motivo, não consegue fazer essa garota sorrir.

— Eu não sabia que você estava com dor de cabeça.

— Não estou, eu só...

— Na Inglaterra é lei não terminar as frases? — pergunta ele com rispidez, mas na mesma hora lamenta o lampejo de raiva. Só não está acostumado a esse tipo de frustração.

Ela sorri.

— Arrá! *Aí* está você — diz ela.

— Hã? É claro que eu estou aqui.

— Não, quero dizer *você*. Você de verdade, não essa porcaria brega e romântica. O você de ontem à noite.

— Como? Porcaria brega e romântica?

— Flores, luz de velas, champanhe, violino? Um colar caro para uma garota que você acabou de conhecer? Não sei com que tipo de garota você costuma sair, mas...

Ele sai com garotas que gostam dessa “porcaria brega e romântica” e das recompensas que vêm junto. Garotas que querem namorar um Tlaloc, ou ao menos um Tlaloc com a aparência dele. Garotas que não fazem perguntas difíceis nem exigências que ele prefere ignorar.

— E que tipo de garota *você* é, Alicia? O que prefere fazer?

— Que tal *conversar*? Me fale sobre você.

Ele dá de ombros.

— Não tenho nada para falar.

— Você estuda?

— Claro — mente ele. — Quem não estuda? O segundo ano é um saco.

— Provas, escolher faculdades, essas coisas, né?

Ele assente como se soubesse do que ela está falando. A vida de Jago não é como a dos adolescentes que ele vê na TV. Dentro dos muros da propriedade da família, ele estudou com professores particulares e preparadores físicos, treinado não para uma vida banal, com faculdade e um emprego qualquer, mas para o dever, o sacrifício, a coragem e, em algum momento, a soberania.

— Estou pensando em fazer... hã... direito — diz ele, tentando imaginar se isso vai impressioná-la.

— Duvido.

— Como é?

Ela se levanta.

— Você acha que não descobri quem você é, *Feo*? Você deve me achar muito burra. E eu não saio com pessoas que me acham burra.

— Espera! Por favor!

Jago para; se recompõe. Por todo o restaurante, cabeças se viram. Ele não pode se dar ao luxo de ser visto assim, implorando. Os Tlaloc não imploram. Quando ele fala de novo, é com um desprezo arrogante:

— O que você *acha* que sabe sobre mim?

— Sei que você é Jago Tlaloc, que sua família é poderosa e que você é o herdeiro de tudo. Sei que essa cidade toda tem medo de você.

— A voz dela se suaviza de forma quase imperceptível. — E sei que você dança muito mal. — Ela dá de ombros. — É o que eu sei. Vim aqui hoje porque queria saber mais, não porque queria champanhe caro e joias. Você não pode me *comprar*, Jago. Não com um jantar caro e, definitivamente, não com um monte de mentiras sobre sua vida. Não é assim que eu sou. Não achei que você fosse assim.

— E não sou — protesta ele.

— Então, prove. Mostre quem é Jago Tlaloc. O verdadeiro. A pessoa por quem me apaixonei na primeira vez que vi.

— Você... se apaixonou?

Jago não entende. Ninguém se apaixonaria por ele só de olhar. Seu rosto não foi feito para derreter corações; foi feito para aniquilá-los.

— É claro que sim. Já falei: não sou burra.

* * *

Eles vão embora do restaurante. Jago a leva a seu vendedor de rua favorito, um idoso que grelha *anticuchos* e *picarones*, ao norte do centro da cidade. Ela experimenta tudo, e o modo como seus olhos se acendem na primeira mordida de *choclo con queso* faz a noite valer a pena. Eles se sentam na beirada da ruína de um muro de tijolos com vista para um terreno baldio e comem exageradamente, lambendo a gordura dos dedos e tirando-a dos lábios um do outro com beijos, passando entre um e outro uma garrafa gelada de Pilsen Callao, conversando o tempo todo.

Jago conta a Alicia sobre sua vida, sua *verdadeira* vida. Não fala sobre o Jogo, claro — esse segredo é tão sagrado quanto o juramento que ele fez, de proteger e servir à linhagem. Mas ele conta como é ser um Tlaloc, crescer cheio de privilégios em um lugar cercado de pobreza. Ser amado e odiado igualmente, nunca saber se as pessoas ao seu redor fazem o que fazem porque querem ou porque têm medo. Jago tem os pais e os irmãos; tem José, Tiempo e Chango, três garotos com quem cresceu e nos quais pode confiar em toda e qualquer situação. Mas, fora isso, Jago tem capangas, subordinados, puxa-sacos, colegas, inimigos.

Jago admite que às vezes tem a sensação de que os inimigos são o que há de mais verdadeiro na vida dele. Pelo menos, ele sempre sabe o que pensam; pelo menos, sabe que o que sentem é real.

Jago conta a Alicia como foi trabalhar para conquistar seu espaço, aprendendo sobre os negócios da família quando ainda era criança. Como é sair em patrulhas de proteção, defender o território... Ele a deixa acreditar que, quando participava desse tipo de coisa, ficava

no carro esperando, porque explicar que era faixa preta em várias artes marciais aos oito anos e que passou mais horas da infância com armas, facas e bombas do que com desenhos animados e bichos de pelúcia despertaria perguntas que ele não pode responder. Mas ele não mente para ela.

Quando ela pergunta se ele já violou a lei, ele diz que sim.

Quando ela pergunta se ele já machucou alguém, se já matou alguém, ele hesita... mas diz que sim.

Ela não vai embora.

Jago conta que não gosta disso, de machucar pessoas, que só faz porque é necessário. E Alicia toca na cicatriz dele outra vez com aqueles dedos macios e cuidadosos, e diz:

— Eu acredito em você.

Quando ela pergunta se ele já se imaginou tendo uma vida diferente, fugindo do que a família quer para ele, escolhendo o próprio caminho, Jago não hesita:

— Isso não é uma opção para mim.

Ser Tlaloc, ser criminoso, ser o Jogador: tudo isso é inseparável de sua vida, nada disso é uma *escolha*, tanto quanto respirar ou viver não são escolhas. Para ele, é uma alegria servir à família e ao povo, cumprir as expectativas deles. Ser o Jogador olmeca, ser o herdeiro Tlaloc: essas coisas o definem, por mais feias ou difíceis que sejam às vezes.

— E mesmo que fossem uma opção... nem tudo é dor e crime.

Minha família faz coisas boas por Juliaca. Construimos hospitais, temos várias instituições de caridade. Cuidamos para que ninguém do nosso povo passe fome. Damos aos pobres. Só roubamos dos...

— Ricos? — Ela ri. — Tudo bem, Robin Hood. Você é um herói do povo. Entendi.

“Se você me conhecesse...”, pensa ele, desejando poder contar a história toda, explicar que jurou proteger seu povo de um ataque do céu, do fim do mundo, que se sacrificaria pela sobrevivência da linhagem olmeca, que já sacrificou muito.

Mas então lembra que Alicia não é olmeca. Que, se o Endgame chegar, não vai lutar por ela.

— Eu sou quem eu sou — diz ele, baixinho. — Quem meu povo e minha família precisam que eu seja. É tudo o que posso ser. Você não entenderia.

Ele costuma ver TV, sabe como é a vida para pessoas como ela, que vivem afastadas dos pobres, que têm possibilidades infinitas de escolha e nenhuma preocupação maior do que despertadores e espinhas no rosto.

Ela entrelaça os dedos nos dele e aperta com força.

— Você ficaria surpreso.

Ela conta que fez aulas de balé desde que aprendeu a andar, que a mãe é uma antiga *prima ballerina* que precisou se aposentar quando engravidou e que nunca perdoou Alicia por encerrar sua carreira.

— Ela também nunca me perdoou por ser mais talentosa do que ela — diz Alicia, sem modéstia nem amargura, e Jago gosta ainda mais dela por isso.

Durante treze anos, Alicia não fez quase nada além de dançar.

— De manhã, de tarde e de noite — continua ela. — Estudei em casa por um tempo, depois entrei para uma escola de dança, onde as aulas normais são uma piada. Todo mundo sabe que a única coisa que importa é dançar.

— Aposto que você é uma bailarina incrível.

— Eu era — diz ela, novamente sem modéstia. Ele repara no tempo verbal.

Para Jago, é difícil não olhar para a linha comprida e insondável do pescoço de Alicia, para o jeito delicado como os braços dela se curvam e se deslocam quando ela quer explicar alguma coisa. Cada movimento é gracioso, eficiente, quase como se ela fosse uma lutadora, como ele. Talvez os dois não sejam tão diferentes, afinal. O trabalho duro, o cronograma opressivo de treinamento, a visão limitada de vida direcionada a um único objetivo... Ele reconhece isso tudo e se pergunta se esse é o campo magnético que os atrai um para o outro, essa singularidade de propósito.

— Já fui a Paris, Tóquio, Buenos Aires, Cidade do Cabo. Fale o nome de qualquer cidade, e eu já dancei lá — diz ela. — Dancei, mais nada. Nada de passeios, nada de cultura e, obviamente, nada da comida local. Nada que atrapalhasse o regime de ensaios. Nenhum

tipo de distração. — Ela semicerra os olhos e o encara. — E, com certeza, nada de garotos.

— Não pode ser tão ruim assim. Você está aqui.

— Exatamente. Porque eu desisti.

— Como assim? Você disse que dançar era sua vida.

— *Era* minha vida. E que tipo de vida era? — Ela rouba o finzinho dos *anticuchos* dele e saboreia cada mordida. — Eu não aguentava mais. Fiz *plíés* demais, sabe?

Jago assente. Tenta se imaginar abandonando a própria vida, qualquer coisa a ela relacionada. Declarar independência de tudo o que conhece. “É liberdade demais”, pensa Jago. “Libertar-se de tudo pode deixar você sem nada.”

— Meu pai aceitou bem, mas minha mãe... — ela balança a cabeça

— ... *surtou*. Eu finalmente convenci os dois a me deixar passar seis semanas aqui, meio que como uma separação experimental do balé, entende? A ideia era eu “refletir sobre as minhas opções”. — Ela faz sinal de aspas quando diz as últimas palavras, e fica claro que pretende pensar bem pouco enquanto estiver no Peru. — Eu basicamente perdi os primeiros dezesseis anos da vida, Jago. Meu plano é compensar isso a partir de agora.

— É muita coisa para recuperar em seis semanas.

— Eu sou muito eficiente. Só demorei quatro dias para encontrar você, não foi? E mais uns dez minutos para fisgar?

Ela é tão segura, tão segura do que há entre os dois, apesar de eles terem passado poucas horas na presença um do outro.

— Você acha que me fisgou, é? — provoca ele. — Talvez eu seja mais escorregadio do que você pensa.

Ela abraça os ombros dele e se senta em seu colo.

— Tente escapar — sussurra ela no ouvido de Jago. — Eu o desafio.

* * *

A escola de verão não é uma escola de verdade, principalmente em Juliaca. Alicia tem muitos amigos para ajudá-la, e os professores e mentores do programa de estudo internacional não são muito

exigentes. Ninguém se importa se Alicia passa o tempo todo com Jago.

E é o que ela faz.

Com ela, as coisas são diferentes: não quer nenhum presente de Jago, não liga para o poder dele nem para o que ele pode obrigar as pessoas a fazer. Gosta de ouvir os detalhes; acha fascinantes os contornos do poder, o conhecimento de Jago, os eventos que ele pode controlar. Gosta de ouvir sobre policiais corruptos, quem recebe dinheiro e quanto, como se aprende a detectar o cheiro de fraqueza e covardia, como farejar um calcanhar de aquiles e explorá-lo.

Ela gosta de ouvir, mas ele não gosta de falar, porque vê a crítica nos olhos dela, identifica-a em sua voz. Ela fica fascinada... mas também enojada.

— Só acho que tem coisa melhor para você por aí — diz ela sempre que Jago fala sobre seus familiares e o que fazem, ou sobre o que esperam dele. Ou, às vezes: — A polícia realmente faz vista grossa? Não importa quantas leis sejam violadas? Quantas pessoas fiquem feridas?

Alicia sempre elabora as frases assim. Não diz “quando *você* viola a lei” ou “quando *você* fere pessoas”. Ela acha que ele é diferente do restante da família, diferente da cidade inteira, talvez, e ele sabe que deveria se ressentir disso.

Ela o faz ter vergonha das coisas de que ele sempre sentiu mais orgulho, e ele provavelmente deveria se ressentir disso também. Mas não é ressentimento aquilo que o queima quando ele a encara, quando diz o nome dela.

É algo que não tem nome, que é grande e poderoso demais para ser definido por palavras.

Mas, se ele tivesse que escolher uma, seria *amor*.

Jago gosta de Alicia porque ela não quer nada dele, porque não o quer pelo poder, pelo dinheiro nem pelo sobrenome. Mas o sentimento maior, o sentimento que o desperta no meio da noite, suando e ofegando após ter um pesadelo em que a perde — o sentimento que, como ela falou uma vez, engoliu a vida dele —, não é por causa do que ela quer. É por causa do que ela vê.

Ao olhar para Jago, Alicia vê uma pessoa que ele não sabia que podia ser. Não Feo, não o Jogador, não o herdeiro da fortuna Tlaloc. Ela vê *Jago*, o garoto que ama, e esse garoto se sente ao mesmo tempo um estranho e a versão mais verdadeira de si próprio. Ele a ama porque ela vê não apenas o que *existe*, mas também o que é possível.

Ela pede para ouvir as histórias das cicatrizes dele. Diz que quer saber quem o machucou.

— Você devia ver como o outro cara ficou — disse Jago na primeira vez que Alicia pediu, mas ela não riu, e ele sabe que ela entende o significado por trás dessas palavras. — Não é que eu *goste* — acrescentou ele rapidamente. — Não machuco pessoas por *diversão*. — Eu jamais pensaria isso. É que... — Ela beija a cicatriz. — Não ligo para o que você fez no passado, Jago. O que você fez não precisa definir quem você é. O que seus pais querem não precisa definir quem você é. Quem é você *agora*? Quem você quer ser?

— Você fala como se eu pudesse escolher.

— Você acha que essa vida feia é tudo que pode ter, Jago, mas está enganado.

Ele gostaria de poder contar a verdade. Que seus tios e tias o treinam para mais do que os negócios familiares. Que o motivo de ele passar tantas horas na academia ou na galeria de tiro, o motivo de falar tantos idiomas e saber mexer no computador de forma que execute todo o necessário não está relacionado apenas aos negócios e à força bruta. Durante toda a vida, ser um Tlaloc e ser o Jogador foram duas partes do mesmo todo. Sim, ele divide o tempo entre treinar para o Endgame e ajudar a organização. Sim, às vezes ele usa as armas em defesa do povo olmeca e às vezes para preservar o território da família. Ele aprendeu que ambos são a mesma coisa: que Jogar é um dever familiar sagrado. Que, em troca dos séculos jogando, pelos filhos e filhas que eles sacrificaram à causa, a família Tlaloc merece compensação, merece respeito e poder.

Mas, agora, ele se questiona.

Talvez tenha confundido os dois deveres, achado que eram um só. A família, os negócios, a linhagem... será mesmo possível que sejam

desassociáveis? Que o compromisso com um não exija o compromisso com o outro?

Alicia não gosta do que sabe sobre o dever dele, porque acha que se resume a intimidação e corrupção, ganância e crime.

Se soubesse quem ele realmente é por baixo de tudo isso, do juramento solene que fez, dos deuses severos a quem serve, talvez tivesse uma opinião diferente.

Ou talvez não, considera ele. O Endgame também é uma questão de violência, de guerra e sangue. Alicia não tem amor por essas coisas e não as quer para Jago, de forma alguma. Quer tornar a vida dele bonita.

Ela o apresenta a Tchaikovsky e Prokofiev e Stravinsky, aos poemas de amor de Pablo Neruda e às lendas russas do século XIX, todas as coisas belas que aprendeu a amar por causa do balé.

— Como você pode dizer que o balé cegou você para o mundo se você viu tanta coisa? — pergunta Jago.

— Eu quero mais.

Ele coloca Mudra para ela escutar, e Almas Inmortales, Sanguinaria e Hand of Doom, todas as suas bandas de metal preferidas.

— Feio — declara ela sobre a música, a palavra que ela usa para qualquer coisa de que não gosta.

Mas, por amor a ele, ela escuta, observa com atenção a expressão no rosto dele quando ele aumenta o volume e se sacode ouvindo os acordes barulhentos. É feio e cheio de ira, e é disso que ele gosta. Essa é a música que toca na cabeça e no coração dele, esse é o som de sua vida.

— Não há espaço para baboseira nessa música — reflete Alicia. — Não tem onde ela se esconder.

— Exatamente.

Ela entende o que ele quer dizer, e o beija, e, embora ele devesse ter ido para a academia vinte minutos atrás, embora já tenha perdido as três últimas aulas de musculação, ele a beija de volta, e sabe que não vai a lugar algum tão cedo.

E daí se ele está negligenciando alguns deveres? Alicia vai embora no fim do verão. Todo o resto pode esperar mais três semanas.

Até o Endgame. Jago quer acreditar nisso.

* * *

Ninguém aprova.

— Vejam só quem está chegando. É o sumido! — diz Tiempo, com alegria, quando Jago se encontra com os amigos para um jogo de *dudo*, o que ele não faz desde que a conheceu.

Alicia está fazendo uma prova de espanhol. Jago passou a noite toda estudando com ela, mas mesmo assim sente sua falta durante as duas horas que passam separados.

— Pensamos que você tivesse desaparecido, *Feo* — diz Chango, sacudindo o copinho com dados.

Todo mundo em Juliaca joga *dudo*, das criancinhas na rua à bisavó dele. O próprio Jago joga com os amigos desde pequeno, quando apostavam moedas de chocolate. Hoje, usam moedas de verdade. Jago quase sempre ganha.

De vez em quando, Jago desconfia que os amigos o deixam ganhar. Os quatro se conhecem há mais de uma década, mas ele ainda é um Tlaloc; os pais dos três trabalham para os dele. Jago tenta não pensar nisso.

— Finalmente largou *la gringa*? — provoca José.

Jago os fuzila com os olhos.

— Pare de chamá-la assim.

José estica um copo com dados para Jago.

— Ficou cego? É isso que ela é, *Feo*.

— O nome dela é Alicia — diz Jago. — E eu não terminei nada.

— Ela é que deve ter terminado com você — diz Chango. — Ou está quase.

Jago estava ansioso por esta tarde, imaginando que contaria aos amigos como tudo parece diferente, como o mundo mudou. Mas, agora que o momento chegou, ele não sabe onde estava com a cabeça.

Chango, Tiempo e José já lutaram com ele, morreriam por ele, mas não estão interessados em saber dos seus sentimentos.

— Por que você nunca traz a garota aqui, Jago? Tem vergonha dela?

— pergunta José.

Chango o cutuca.

— Ele tem vergonha *da gente*.

Chango sempre foi o mais inteligente dos três.

— Não pode ser verdade — diz Tiempo, que sempre foi o mais leal.

— Diga para ele que não é verdade, Feo.

— Não é verdade, Chango.

— Então você a esconde da gente porque...?

— Se você encontrasse uma garota que conseguisse aguentar sua cara feia, saberia por que o Feo quer ficar sozinho com ela — diz Tiempo. — Sabe, meu rapaz, quando um homem e uma mulher *realmente* se gostam...

— Cala a boca, *cojudo*, ou vou enfiar esses dados pela sua garganta — reage Chango.

Tiempo só ri. É assim que eles falam uns com os outros, sempre foi assim, e Jago nunca viu nada de errado nisso até agora.

Talvez não *errado*, só *menos* errado. Eles se conhecem tão bem, se amam tanto... Por que só conseguem conversar usando piadas e insultos?

— O que a Mama Tlaloc acha da sua gringa? Quer dizer, da *Alicia*? — pergunta José.

Jago se mexe com inquietação.

— Ela não sabe.

Todos riem.

— Sua mãe sabe de tudo, amigo — diz Tiempo. — Ela só gosta de esperar o momento certo para agir. Lembra quando quebramos a janela do banheiro dela, botamos a culpa no jardineiro e ela fingiu que acreditava na nossa história?

Jago não gosta de pensar nisso. O que seus amigos não sabem é que, antes de sua mãe demitir o jardineiro, deu uma surra nele até sangrar. “A dor dele pesa nos seus ombros”, disse ela a Jago. “É isso que acontece quando a gente é covarde demais para falar a verdade.”

— Ela esperou — relembra José, balançando a cabeça com admiração. — Esperou seis meses, até...

Chango dá um soco no chão.

— *Bam!* O martelo Tlaloc bateu. No pior momento possível. Ela fez a gente chorar na frente das irmãs Laredo.

José sorri e solta um suspiro.

— Ah, as irmãs Laredo... — Ele balança o dedo para Jago. — Das irmãs Laredo, só lembro que você ficou com as duas. Sempre tão ganancioso, Feo...

— Como eu estava dizendo — interrompe Tiempo, elevando a voz —, você pode apostar que a sua mãe já sabe da sua gringa, e talvez seja melhor você resolver isso antes que ela resolva.

— Ou se livrar do problema — diz Chango, com o que poderia ser quase preocupação genuína. — Você sabe como são essas turistas, Feo. Já saiu com muitas.

— Já *largou* muitas — acrescenta José, rindo.

— Ela está explorando — insiste Tiempo. — Para ela, são férias, mas, para *você*, é sua vida. Não fique cego a ponto de fazer uma coisa da qual vai se arrepender.

A única coisa de que Jago se arrepende é de ter se encontrado com os amigos hoje, de imaginar que ficariam felizes por ele, que poderiam aceitar que ele não é mais a pessoa que era. Que está diferente.

Ou, pelo menos, quer estar.

* * *

Jago a leva ao deserto.

Quer mostrar a Alicia as linhas de Nazca, os desenhos antigos que há mais de mil anos falam sua verdade secular para o céu. Mostra a ela as linhas vistas de cima; de um helicóptero da família que ele mesmo pilota. Quando pousam, vão andando até as linhas, para que ela sinta a terra antiga debaixo dos pés.

Ele não diz que as linhas rabiscadas na terra são mensagens do céu, que simbolizam um juramento de um povo antigo a seus deuses.

Não conta que certa vez ficou de pé naquele solo sagrado e jurou sua vida à linhagem e a um jogo que pode acabar com o mundo.

Que passou uma faca pela palma da mão, deixou o sangue escorrer nas linhas antigas, se uniu ao passado e ao futuro.

Tudo isso é proibido.

Jago a leva quando já não há mais turistas, e eles conseguem respirar o silêncio de uma noite estrelada. Isso é o mais perto que ele pode chegar de revelar seu segredo. Sem usar palavras, ele diz: "Este lugar é meu coração. Este solo abaixo de nós, este céu acima de nós, estas mensagens dos mortos; este lugar é minha alma."

Eles se deitam em um cobertor, lado a lado, com as mãos unidas e os olhos nas estrelas.

— Você acha que tem alguém lá em cima? — pergunta ela.

— Você acha?

— Estamos falando de Deus ou homenzinhos verdes?

— Foi você quem perguntou.

Ela suspira.

— Acho... que com todos esses milhões de estrelas, todos esses planetas, provavelmente não estamos sozinhos. Mas meio que espero que sim.

Essa não era a resposta que ele esperava.

— Por quê?

Ela se vira de lado e olha para Jago. Ele faz o mesmo.

— Não gosto da ideia de alguém lá em cima olhando — responde ela. — Julgando, sei lá. Gosto da ideia de que podemos escolher o que tudo isso significa. Quem vamos ser. E acho...

— O quê?

— Eu... não sei bem como dizer. Nunca falo assim. Ou nunca falei antes. — Ela toca no rosto dele delicadamente. — Você me transforma em uma pessoa nova, Jago. Todos os dias, você me transforma em uma pessoa diferente.

— Isso não me parece uma coisa boa.

— É a melhor coisa do mundo.

Os dois ficam em silêncio por um tempo, quando os lábios dela tocam os de Jago e eles encontram um jeito de conversar sem palavras.

Ela só conclui o pensamento quando os dois já estão quase dormindo sob as estrelas, o corpo delicado de Alicia aconchegado ao

de Jago.

— Acho que não quero acreditar em óvnis nem, sabe, em algum tipo de poder superior porque acho lindo sermos os únicos. Bilhões de estrelas, e só nós para vê-las. Como uma única fagulha na escuridão, entende?

Ele a aperta de um jeito delicado, mas também com firmeza, para dizer que sim, que entende. E deseja que ela esteja certa.

— Você não respondeu. O que *você* acha? — pergunta Alicia.

Ele sente no pescoço o calor da respiração dela. Alicia está com a cabeça apoiada no peito dele, e Jago se pergunta se ela consegue ouvir seu coração batendo.

É estranho; ali é o lugar onde ele se tornou Jogador. Está saturado de lembranças e sangue. Mas ele nunca se sentiu tão distante de ser Jago Tlaloc, Jogador da linhagem olmeca. Ali, ele é só um garoto deitado ao lado de uma garota. Parece que nada mais importa nesse momento, só os dois, a respiração regular, os corações batendo, os corpos quentes, os sonhos e o amor que sentem.

Ela faz perguntas que ninguém nunca se deu ao trabalho de fazer. Para Alicia, Jago é gentil e delicado, muitas coisas que ele nunca soube que seria capaz de ser.

Ela o acha lindo, e ali, no escuro, ele quase consegue acreditar nisso.

— Não sei se estamos mesmo sozinhos — mente ele. Em seguida, diz uma coisa verdadeira, o tipo de coisa que Jago Tlaloc, Jogador da linhagem olmeca, jamais admitiria: — Mas é assim que me sinto quando estou com você. Sozinho no universo. Só nós dois.

— Uma fagulha na noite — sussurra ela.

— Uma fogueira.

* * *

Jago aceita uma parte do conselho dos amigos: conta à mãe sobre Alicia. A mãe finge surpresa.

— Convide a garota para vir jantar — diz ela, e não é um pedido. Ele obedece.

Ele sempre obedece à mãe.

Jago a busca em um dos Blazers à prova de balas da família. Alicia inspira fundo quando eles se aproximam da primeira torre de guardas, depois parece segurar a respiração durante toda a entrada sinuosa da *hacienda*. Ele tenta ver tudo aquilo pelos olhos dela — um castelo em uma colina — e se pergunta se ela o está julgando por morar como um rei apesar de toda a pobreza lá embaixo. Os Tlaloc ajudam muito os pobres de Juliaca, mas poderiam fazer mais. Sempre podem fazer mais.

— Isso é *incrível* — sussurra Alicia quando eles param na frente do terreno bem-cuidado e ele abre a porta do carro.

Tem algo novo nos olhos de Alicia quando ela olha para Jago, e ele percebe que ela nunca o imaginou crescendo em um lugar assim. Ele contou muitas coisas sobre o poder dos Tlaloc, mas não muito sobre o dinheiro que o torna possível e que decorre desse poder. Fora aquele desastroso primeiro encontro, ele evitou dar presentes caros e levá-la a restaurantes chiques. Alicia não é esse tipo de garota.

Mas o sorriso radiante no rosto dela é algo que ele nunca viu.

— O que foi? — pergunta ele.

Alicia balança a cabeça.

— É que... eu não sabia.

O jantar é tão desastroso quanto ele esperava, embora Alicia não faça ideia. A mãe de Jago, Hayu Marca, é especialista em se fazer de gentil e atenciosa, mas, por baixo das camadas de fofura maternal, há aço impenetrável. E os estranhos parecem nunca perceber isso. Alicia fica intimidada pelo pai dele, Guitarrero Tlaloc, que supõe ser o chefe da família. A mãe de Jago, por outro lado, a cumprimenta na entrada da propriedade e logo a envolve em um abraço caloroso.

— Não sei por que você estava tão preocupado — sussurra Alicia para Jago, depois. — Ela é um amor.

Jago murmura uma resposta vaga.

Os cozinheiros se dedicaram, preparando porções generosas de *lomo saltado, aji de gallina, pollo a la brasa* — o melhor da comida peruana. Alicia come com vontade e não hesita ao ver o porquinho-

da-índia assado servido inteiro, em um espeto. Come um pedacinho e declara “interessante”. É o maior elogio dela.

— Jago disse que você é bailarina.

O inglês da mãe dele é perfeito. Assim como Alicia, ela se recusa a chamá-lo de Feo, mas não por achar que o apelido não faz sentido. Ela sempre diz que o nome do filho é prerrogativa da mãe, e não quer ceder essa responsabilidade para as ruas.

— Eu *era* — corrige Alicia.

O pai de Jago levanta uma sobrancelha.

— Você parou?

— Acho que pode haver alguma coisa melhor para mim por aí. Pelo menos, eu queria ter a chance de descobrir.

— E o que os seus pais pensam disso? — pergunta a mãe.

Alicia dá de ombros.

— Eles são pais. Gostam do que conhecem. Entende?

— Hummm. — A mãe franze o cenho.

— Mas, no fim das contas, eles querem que eu seja feliz — acrescenta Alicia, talvez sentindo que a conversa está enveredando por um caminho estranho. — Quer dizer, não é isso que vocês querem para o Jago? Que ele encontre o que o faz feliz?

— O que faz Jago feliz é cumprir seus deveres — diz o pai.

— Tem que haver mais do que isso — argumenta Alicia. — Sei que vocês têm muitas tradições familiares aqui, mas não querem que ele encontre o próprio caminho?

Jago segura a mão de Alicia por baixo da mesa e a aperta de leve, torcendo para ela entender a mensagem: “Pare, por favor.”

Ela para, e o assunto muda abruptamente para cinema. Falam sobre a diferença entre os galãs de Hollywood e os da América do Sul, algo sobre o qual a irmã mais nova e a mãe de Jago podem discutir à vontade. Alicia se sai muito bem em fingir que se importa com essas coisas.

Ele sabe que é tarde demais. O estrago está feito. Ele espera a sobremesa, os licores pós-jantar, os rituais prolongados de despedida da mãe, os elogios e as carícias no cabelo e as promessas trocadas de manter contato, de ser uma família, de amar uma à outra porque as duas amam Jago. Pelo sorriso radiante de Alicia,

Jago percebe que ela acredita que gabaritou o teste. Ela se despede o beijando na frente dos pais dele, prometendo encontrá-lo para tomar café da manhã bem cedo. Em seguida, entra no carro à prova de balas com a garra vermelha cortando a tinta negra brilhante. Os homens de Jago vão levá-la para casa.

Eles já haviam combinado de se encontrarem bem antes do café da manhã. Jago vai sair escondido mais tarde e resgatá-la no alojamento, “como meu próprio príncipe encantado me resgatando de uma torre”, ela gosta de dizer.

Mas, agora, ela vai embora. E o deixa sozinho com os pais.

— Não — diz a mãe, recostando-se em sua poltrona de couro preferida. — Não gostei dessa.

A casa pertence à família há várias gerações, mas, quando os pais de Jago se casaram, a redecoraram do chão ao teto. Ela escolheu móveis e tapeçarias com um ar antigo, como se sempre tivessem estado ali, como se fosse a casa ancestral *dela*. A garra vermelho-sangue de águia que serve de timbre familiar está pintada no arco acima da porta e entalhada em cada piso de pedra. Agora, essa propriedade é seu domínio. Ela pode ter entrado na família por casamento, mas às vezes Jago pensa que a mãe é mais Tlaloc do que qualquer outro.

— *Eu gosto dela, mamá.* Isso me parece meio relevante.

O pai, como sempre, fica em silêncio quando se trata de questões do coração.

— Ela vai colocar ideias na sua cabeça — diz a mãe.

— Como você sabe que *eu* não vou colocar ideias na cabeça *dela*?

— Ah, Jago. — A mãe se inclina para a frente e junta as mãos. —

Você se acha um homem tão forte, mas ainda é um menino ingênuo. Você é fraco aqui. — Ela toca no peito do filho. — Sempre foi.

— Do que você tem medo, *mamá*? Que eu seja feliz?

— Essa garota não entende nada da sua vida e das suas responsabilidades, Jago. Se fosse uma simples distração, se você só estivesse se divertindo com ela... — Sem que ele possa se explicar, a mãe continua: — Sim, eu sei de todos os treinos a que você faltou, mas não ligo. Garotos são sempre garotos e tudo o mais. Quero que

— Você se divirta, Jago. Mas você não pode ficar achando que é mais do que isso. Essa garota... ela não se encaixa na sua vida. Nem agora, nem nunca vai se encaixar. E você não pode começar a pensar que vocês dois são iguais. O que você faz... você não pode simplesmente largar tudo se ficar de saco cheio.

— Você acha que eu não sei disso? — pergunta ele com rispidez. Ele já pensou muito no assunto, no que seria preciso para ir embora, no quanto teria que querer e do quanto estaria abrindo mão.

— Veja o tom com que fala comigo, Jago.

— A Alicia não é uma garota qualquer, mãe. Ela não é uma distração, mas também não é má influência. Ela é... Alicia. E é incrível. Você enxergaria isso se não fosse tão crítica.

Ele é a única pessoa que ousa falar com ela assim, e normalmente ela gosta. Mas não esta noite.

— Eu poderia proibir você de vê-la — diz a mãe, como se estivesse cogitando a ideia.

— Não faça isso — avisa ele. — Não me faça escolher.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Como é?

Jago não consegue encará-la.

— Entendo — diz a mãe. — Então acho que vou ter que conviver com isso, não é?

Resignada, ela se levanta, vira de costas para ele e sai da sala.

“Venci”, pensa Jago. Mas não é o que ele sente. Talvez por sua mãe ter razão em um ponto: Alicia de fato colocou ideias na cabeça dele, o fez questionar se a violência e o dever são mesmo seu destino ou se não é uma escolha entre tantas.

“Eu poderia ser o Jogador sem ser um criminoso”, pensa Jago.

Poderia escolher uma vida diferente sem renunciar às obrigações.

Será? Ele poderia largar os negócios da família, se tornar poeta ou músico, ou vender carne grelhada em uma viela... não poderia? A hegemonia da família Tlaloc em Puno sempre foi diretamente ligada ao Endgame e aos Jogadores, mas só porque uma coisa sempre foi assim, precisa ser sempre igual?

Ele poderia até dar as costas ao Endgame de vez, renunciar ao status de Jogador, entregar o dever sagrado a outra pessoa. Poderia

se livrar de todo o treinamento, de ter o destino da linhagem dependendo de cada escolha que fizer.

Jago se lembra da primeira vez que se sentiu verdadeiramente o Jogador. Tinha 13 anos, poucos meses haviam se passado desde seu juramento, quando ele se entregou a essa vida e a esse dever. Ele já havia participado de missões de treinamento, claro, mas essa foi diferente. Não foi apenas um exercício que seus tios haviam criado para tentar aprimorar suas habilidades. Foi real. Carregada de significado.

Ele escalou um arranha-céu em Buenos Aires, desarmou um sistema de alarme, passou escondido por seguranças com metralhadoras, arrombou o cofre do homem mais rico da Argentina e resgatou de lá uma antiga faca olmeca que fora roubada do povo de Jago muito tempo antes.

Houve tantas missões depois, que Jago quase não se lembrava dessa. Ele deixou alguns corpos para trás, disso se lembra. Houve uma pequena confusão na saída, um alarme, uma explosão, uma fuga apressada pelo Rio da Prata, mas quase tudo é um borrão em sua memória.

O que ele nunca esqueceu, o que *nunca* vai esquecer, é a sensação de chegar em casa com a faca cerimonial na mão. E que o tio, um ex-Jogador, lhe deu um beijo na testa e disse:

— Você agiu bem em nome do seu povo.

Jago já conquistara outras vitórias para a família; ele luta pela honra Tlaloc nas ruas desde os seis anos. Mas daquela vez foi diferente.

Não foi pelos Tlaloc; foi pelos olmeca. Foi nobre, foi *certo*.

No dia, Jago não se sentiu o monstro de Juliaca, o Feo feio e cheio de cicatrizes a quem não se nega nada, cujo rosto é capaz de fazer seu povo se encolher de medo.

Jago se sentiu um herói.

Ele jamais poderia abrir mão disso. Sem o Endgame, ele não é nada. Não é ninguém.

Mas talvez ele não precise abrir mão. Talvez possa ter não só Alicia como a bela vida que ela quer para os dois, e ainda ser um herói.

Só de pensar assim, de imaginar isso, ele já se sente um traidor.

Pelo menos é assim que a mãe o veria, e ela jamais o deixaria falar

com Alicia de novo. Ele sabe que a mãe o ama. Mas o amor dela é o oposto do de Alicia. É condicionado. Carregado de expectativas. Ela ama o filho, que é herdeiro dos negócios da família, que é o Jogador, que é forte, cruel e poderoso. Não conseguiria imaginar a ideia de um filho que não fosse nada disso, que fosse apenas Jago, seu garoto. Para a mãe, amor e poder são inseparáveis. Se ele abrisse mão de um, perderia o outro. Ele sabe disso.

Mas não importa. Tudo isso são apenas pensamentos, não atos, e pensamentos são seguros. Ninguém consegue espiar dentro da cabeça dele.

A mãe nunca vai precisar saber.

* * *

Mas pensamentos têm consequências.

Até o *ato* de pensar pode ter consequências.

Essa foi uma das primeiras lições que Jago aprendeu, ainda criança, quando dominou a arte rudimentar do combate corpo a corpo. O instinto é sempre mais rápido do que o pensamento consciente e, em uma situação de combate, quase sempre mais preciso. Quando o pensamento sufoca o instinto, quando faz você duvidar de si mesmo ou hesitar na hora de fazer o necessário, é nesse momento que pode ser mais mortal.

Jago deveria saber disso; deveria ter evitado.

Mas, na tarde de sexta, uma semana antes de Alicia ir embora e deixá-lo, enquanto ele segue seus alvos até um hotelzinho barato nos arredores da cidade e os encurrala em um quarto vagabundo alugado por hora, ele não está pensando nas lições de infância.

Está pensando no que Alicia disse pela manhã:

— Vamos fugir juntos, só nós dois. Vamos ver o mundo.

Ela está falando sério?

Faria mesmo isso?

Ele faria?

Ele recebeu a tarefa de caçar dois homens, antigos funcionários que foram idiotas a ponto de roubar dos Tlaloc e achar que escapariam

ilesos. É um crime que costuma vir acompanhado da punição padrão: a morte.

Ele não quer estar ali, naquele hotel caindo aos pedaços, fétido e cheio de manchas suspeitas. Não quer se esgueirar por um corredor infestado de ratos, enroscando o silenciador da arma, se preparando para assassinar dois homens que roubaram de uma família tão rica que nem percebeu direito a perda, dois homens cujo maior crime é a burrice. Tiempo e Chango queriam acompanhá-lo, mas Jago insistiu em vir sozinho.

É um contra dois. Mas esse um é um Jogador.

Os dois ainda não sabem, mas não têm a menor chance.

Jago rasteja até a porta. O gerente, depois de permitir que um pequeno suborno se alojasse em seu bolso, lhe deu o número do quarto e uma dica: a tranca está quebrada. Não há nada no caminho de Jago.

Você acha que essa vida feia é tudo que pode ter, mas está enganado. Ele quase consegue ouvi-la dizendo essas palavras enquanto abre a porta.

Um dos homens, Julio, está deitado de bruços na cama, roncando. Alejandro está se barbeando, de costas para a porta. Duas balas, uma em cada cabeça. Uma entrada rápida e uma saída rápida.

Assim o treinaram.

O que você fez não precisa definir quem você é. O que seus pais querem não precisa definir quem você é. Ela disse isso tantas vezes. Quer tanta coisa para ele.

Jago mira. Em Alejandro primeiro, porque, ao som do tiro, Julio vai levar um segundo para despertar e entender o que está acontecendo e, até lá, já vai estar morto.

Não ligo para o que você fez no passado. Quem você é agora? Quem você quer ser?

O dedo se firma no gatilho, como tantas vezes antes. É um cálculo simples. Esses homens são inimigos da família, da linhagem.

Você tem escolha.

Pela primeira vez na vida, Jago hesita.

E dispara.

Alejandro grita quando a bala explode sua orelha. Jago tem mira perfeita. Sabe matar, sabe ferir. Quando Julio pula da cama, Jago puxa o gatilho de novo, disparando um segundo tiro, na outra orelha de Alejandro, depois um na mão, e um quarto e um quinto — um em cada pé. O tiro final é na barriga, uma polegada acima dos intestinos. Quando Julio pega uma arma, Alejandro está se contorcendo no chão, gritando e sangrando, e a pistola de Jago está mirada em sua testa.

Julio larga a arma e levanta as mãos.

— Pegue seu amigo, saia da cidade e nunca mais volte — diz Jago.

— E diga para todo mundo que a punição por contrariar os Tlaloc é rápida e dolorosa.

Julio assente rapidamente várias vezes, murmurando:

— *Sí, sí*, o que você disser, Feo, qualquer coisa, por favor.

E, com a permissão de Jago, ele se abaixa ao lado de Alejandro para tentar estancar o sangramento.

Jago se pergunta se Julio vai chamar ajuda ou se vai abandonar o homem ferido. Se a decisão for a segunda, vai ser uma morte bem dolorosa. Mas não vai pesar nos ombros de Jago.

“A misericórdia é assim”, pensa ele, afastando-se dos homens e saindo para o corredor, a caminho do abraço de Alicia. Aí está a *sensação* de ter misericórdia.

Ele não vai contar para Alicia.

Isso não é bom o bastante para ela.

Ainda não.

* * *

No dia em que tudo muda, o último dia de Alicia no país, Jago pensa que nunca foi tão infeliz e tão feliz ao mesmo tempo.

Eles vão de carro até uma praia ao leste para ver o sol se pôr no lago Titicaca.

— Bela metáfora para o nosso relacionamento — diz Alicia, sentindo algo parecido com amargura.

Ela insiste na ideia da fuga. Ele diz, um dia após outro, que não pode... que talvez... que não deve... que não sabe... que precisa de mais tempo.

O tempo deles está acabando.

Ela pode voltar para casa e os dois ficarem trocando e-mails e mensagens de texto, fazer qualquer coisa que os adolescentes normais fazem quando um oceano os separa, mas nada neles é normal, e Jago tem medo de nunca mais vê-la depois que ela for embora. Ela vai fugir sem ele ou vai voltar para casa, para o estúdio de dança e para a vida que os pais querem para ela, vai esquecer que flertou com a ideia de ser outro tipo de garota. Eles têm esse último dia juntos, e depois Jago vai deixar para trás tudo que sempre conheceu e amou, vai trair seu dever e gerações e mais gerações de Jogadores Tlaloc, vai envergonhar a família, quebrar o juramento sagrado, abrir mão de todas as certezas da vida e mergulhar no desconhecido. Ou vai perder a única garota que amou e toda a esperança de uma vida bonita.

Ir embora é impossível. Mas a ideia de perdê-la também.

Apesar de tudo, Alicia tem esperanças de que ele mude de ideia e vá com ela; apesar de tudo, Jago tem esperanças de que ela decida ficar.

Enquanto isso, eles tentam não pensar no futuro; Jago segura a mão de Alicia, e eles veem o sol descer no céu em silêncio. Ondas quebram na margem. O céu está riscado de dourado. Nuvens brilham em um tom de rosa furioso.

— Parece fogo — murmura Alicia. — Como se o céu estivesse em chamas.

Jago olha para além dela, para o leste, onde o azul do céu carrega um tom pacífico, sereno. Amar Alicia é assim: uma tempestade de fogo e uma tranquilidade, tudo ao mesmo tempo. Estar perto dela o deixa ensandecido; a pele formiga, o cérebro gira, o coração palpita ante as possibilidades, mas lá dentro há algo que emana calma e segurança. Uma paz que ele nunca havia experimentado e que teme nunca voltar a sentir.

Os dois estão olhando para o céu. Não para as ondas, não para a areia, não um para o outro, certamente não para a estrada vazia que

serpenteia junto à praia. Não viram um motor rugindo ao longe e um carro se aproximando; Jago está determinado a fazer com que esse momento seja perfeito, a permitir que pela primeira vez eles fiquem sozinhos no universo em miniatura que detêm, no qual as obrigações que existem são apenas de um com o outro. Seu coração bate tão alto que sufoca seus instintos.

Assim, ele não vê o carro reduzir a velocidade, a janela se abrir, o cano de um Kalashnikov aparecer. Só quando já é tarde demais ele vê o rosto de Julio ao volante, o rosto do homem que ele poupou. Quando vê, Jago se joga em cima de Alicia, mas nem a velocidade do Jogador é páreo para uma bala, e a bala já foi disparada, e Alicia já está gritando e já está caindo; Alicia está em seus braços, sangrando, pálida, se esvaindo.

Julio acelera e vai embora.

A misericórdia é assim.

* * *

A misericórdia é assim: uma poça de sangue penetrando a areia. Pele pálida, corpo inerte, faces encharcadas de lágrimas. Uma camiseta enrolada e apertada contra o ferimento, que sangra sem parar.

— Por favor — diz Jago ao telefone, falando com o homem do outro lado da linha, um homem que trabalha para a família, que resolve problemas, sejam quais forem; mas está falando também com Alicia, que continua sangrando muito.

Jago conhece primeiros socorros, sabe cuidar de um ferimento, sabe identificar, pensar claramente em uma crise. E também sabe que não pode fazer muita coisa sozinho nessa faixa de areia. Talvez seja melhor colocá-la no carro, levá-la a um hospital, mas o carro está a quase uma milha de caminhada pela praia e ele não quer mover o corpo além do estritamente necessário. “A ajuda virá”, pensa ele. A ajuda virá a tempo.

Ele a deita de costas, deixa que o peso do corpo dela sele a atadura improvisada no ferimento, segura sua mão, se enche de esperança.

— Jago — sussurra ela. — Não consigo.

— Paciência. Vai ter que conseguir. Espere só mais um pouquinho. Tem uma pessoa vindo.

— Não, não consigo... — Ela inspira com dificuldade.

— Não precisa falar.

Por Alicia, ele tenta manter a voz firme, sem medo. Ele é Jago Tlaloc, deveria ser imune ao medo.

Ela tosse sangue. Ele limpa com o máximo de delicadeza possível. Sente a pele de Alicia ardendo.

— Quem eram? — pergunta ela. — Por que atiraram?

— Não sei — mente ele.

Mas ela sempre conseguiu ver através das mentiras dele. Mesmo agora.

— É por sua causa — diz ela. Tem mais força na voz dela agora. Tem fogo. — Isso é por *sua* causa.

— Não importa — diz ele, tentando tranquilizá-la, e essa é a pior mentira de todas; afinal, o que mais poderia importar?

— Alguém *atirou* em mim — diz ela, impressionada. — Eu levei um *tiro*. Como assim?

De repente Alicia ri, e Jago tem medo de ser um delírio, de ser o começo do fim, e a estrada continua deserta. A ajuda ainda não chegou.

— Vou matá-lo por você — promete Jago. — Vou atrás dele e destruí-lo, pedaço a pedaço. Vou fazê-lo sentir *dor*.

— Ah, Deus — ofega ela. — *Você*.

— O quê?

— Você... é como eles. Monstros de merda.

Ele achava que não podia sentir mais dor do que já estava sentindo. Mas isso é pior.

— Não, Alicia...

— Você mata, mas e depois? A família dele mata você? É aí que termina? Alguma hora isso termina? Ou continua para sempre, dor e sangue, e sangue e dor, e dor e *dor*...

Ela está muito pálida. Sua voz sai fraca e hesitante, as palavras flutuam para longe, como se pertencessem a outra pessoa. Ele diz a si mesmo que ela está febril, em choque, que não pensa realmente

dessa forma, que nada do que ela diz no momento importa, desde que fique bem.

— Shhh. Eu sei que dói — sussurra Jago. — Eu sei.

— Mas não está doendo. — Alicia olha para ele com uma perplexidade infantil, depois tosse novamente, expelindo mais um jato fino de sangue. — Não está doendo, Jago. Não consigo... Não consigo sentir. As pernas. Não sinto nada...

Ele prende a respiração.

— Jago.

“Aguenta firme”, lembra ele a si mesmo. “Calma.”

— Isso é normal — mente ele. — Não se preocupe.

Ele afasta o cabelo do rosto suado dela.

— Normal? Isso é normal?

Ela está rindo de novo, rindo, chorando e tremendo, apertando a mão dele como se tivesse vontade própria, um tremor atravessando todo o seu corpo. Exceto as pernas, que estão imóveis. — E se eu não puder mais dançar? E se eu não puder... Não. *Não. Você.* Fique longe de mim.

— Não vou a lugar algum, Alicia.

— Você destrói tudo. Faz tudo ficar feio como você. Quem me dera nunca ter...

— Não diga isso, Alicia. — Ela sempre viu a verdade nele, a possibilidade. Se tudo que ela vê é um monstro... — Por favor...

Se Jago fosse esse monstro, as palavras dela não o deixariam furioso. Ele não daria a mínima para suas acusações, diria que ela entrou na vida dele porque quis e porque acreditou que tudo aquilo não podia afetá-la, além de fazer com que *ele* acreditasse que tinha escolha.

Jago não está com raiva, ele se importa com ela. Quer abraçá-la para sempre, se ao menos ela deixar.

— Por favor, Alicia, diga que sabe que amo muito você. Que nunca mais vou deixar ninguém machucá-la. Que posso consertar isso. Por favor.

Ela não diz.

Não diz nada.

— Alicia?

Os olhos dela estão fechados. O rosto está tão cinzento quanto o céu nublado. Sirenes soam ao longe, vagarosas, inúteis. Jago a abraça, implorando que acorde, mesmo se ela quiser chamá-lo de monstro, mesmo se for gritar para que ele a solte. Ele nunca vai fazer isso.

* * *

Ela sobrevive.

Jago sabe disso porque suborna um médico para lhe contar.

Alicia vai se recuperar; vai voltar a andar. É um milagre da medicina, diz o médico, nada mais.

Ninguém quer lhe dizer nada, ou ao menos não oficialmente, porque ele não é da família.

Ela mesma não fala, porque, quando acorda, se recusa a vê-lo. Jago poderia insistir, claro. Ninguém — e certamente não os médicos do moderníssimo e novinho Ala Tlaloc Memorial — ousaria dizer a Jago Tlaloc aonde pode ou não pode ir.

Mas ele não quer contrariar os desejos dela, e ela deseja nunca mais voltar a vê-lo.

É o que ele ouve da gentil enfermeira depois de passar três dias seguidos na sala de espera, torcendo para ela mudar de ideia.

— Vá para casa — sugere a enfermeira. — Vá descansar. Dê um abraço na sua mãe. A garota vai voltar atrás.

Jago vai para casa. Alicia não muda de ideia.

Mas envia uma carta.

* * *

Querido Feo,

escreve ela, e é nesse momento que ele percebe que tipo de carta será. Agora, ele é *Feo*. Uma fera horrível. E isso não é um conto de fadas. Não vai haver uma transformação no terceiro ato. Ele é o monstro, e ela tem sorte de ter escapado com vida.

Os médicos dizem que vou me recuperar totalmente. Por favor, não se culpe. Não foi culpa sua; foi minha. Você é quem você é; sua vida é o que é. Eu nunca devia ter tentado transformá-lo em outra pessoa. Nunca devia ter deixado você acreditar que isso era mais do que um período de férias para mim. Acho que me permiti acreditar nisso também. Mas, quando isso aconteceu... Eu sei o que quero agora. Quem eu sou. Dediquei a vida toda à dança e não vou virar as costas para isso. É o meu sonho. Acho que você diria que é o meu destino. Precisei quase perder para perceber. Fiquei meio doida por um tempo, achando que era fácil mudar de vida só com força de vontade. Vou para casa, Feo. Obrigada por me ajudar a entender que o meu lugar é lá. Assim como o seu lugar é aqui. Lamento ter sugerido o contrário.

Tudo de bom,

Alicia

Jago não entende. Ele fez isso com ela? Ele a destruiu, a convenceu a abrir mão dos sonhos?

Foi ele quem colocou a vida dela em risco ao não cumprir suas responsabilidades. Se tivesse feito seu trabalho, se tivesse matado Alejandro e Julio, em vez de acreditar naquele estúpido delírio de gentileza e misericórdia, Alicia estaria ilesa.

Seu trabalho, sua vida toda, é proteger seu povo. Talvez essa seja sua punição por ter imaginado que pudesse escapar disso, ou por querer escapar.

Ou talvez ela esteja falando sério: talvez tudo isso tenha sido, como ela disse, apenas um período de *férias* para ela, um intervalo em sua vidinha confortável.

De qualquer modo, era inevitável. A mãe de Jago tinha razão: os dois são diferentes demais. São perigosos demais um para o outro. Alicia o amoleceu... enquanto ele, por outro lado, a deixou tristemente inflexível.

Você é quem você é, escreveu ela.

Tudo de bom, escreveu ela.

Ele não sabe qual dos dois dói mais.

Jago passa dois dias e duas noites trancado no quarto. Entrega-se completamente à dor, deixa que o domine, que o leve; ele se afoga na dor, se afoga nas lembranças de Alicia. Jago aprendeu a suportar a dor, a se refugiar em um lugar na mente em que não a sente, mas desta vez se permite todas as emoções: dor, culpa, traição, fúria. Deixa o fogo arder dentro de si, deixa que queime tudo. E depois, já vazio e limpo, deixa o fogo se extinguir.

Quando está pronto, quando acaba, ele põe fogo na carta, a joga na lixeira e vê as chamas consumirem o que sobrou do papel.

Sai do quarto um homem diferente.

Um homem que aprendeu a lição. A não sonhar, a não se maravilhar, a não amar. A não pensar que merece mais do que já tem, a não pensar que é diferente de um monstro. *Feo*, por fora e por dentro. Isso é bom. É como deve ser.

Ele não vai mais esquecer quem é. Não vai ficar tentado pela misericórdia nem pela beleza. Não vai mostrar fraqueza. Vai encontrar Julio e puni-lo, assim como vai punir todos os inimigos dos Tlaloc e dos olmecas. Mas não vai fazer nada disso por Alicia, que fugiu. Ele promete nunca mais colocar uma garota, uma estranha de linhagem estrangeira, à frente dos amigos e da família. Nunca vai deixar de amá-la, nunca vai esquecê-la. Mas ela é passado, e o passado não precisa definir quem ele é. Alicia lhe ensinou isso. Um novo futuro começa hoje. E, a partir de hoje, ele vai agir só pela linhagem. Só vai cuidar dos seus. São os únicos que conseguem entender o que ele é e amar isso.

São os únicos em quem pode confiar.

* * *

Hayu Marca Tlaloc sai do SUV e entra no beco abandonado, os saltos estalando nos paralelepípedos. Ela olha para o chão com nojo e, com cuidado, passa por cima de uma pilha de cocô de cachorro seco. Vai ter que jogar os sapatos fora quando chegar em casa.

Um pequeno sacrifício pela causa.

Ao seu lado, carrega uma pequena pasta com US\$100.000.

Os olhos de Julio se iluminam quando veem o dinheiro.

— Bom trabalho — diz ela.

Ele inclina a cabeça.

— *Gracias, señora Tlaloc.*

— Mas estou surpresa que ainda não esteja a caminho do Brasil.

Meu filho vai atrás de você, e saiba que ele não está muito feliz.

Ele não ousa olhar nos olhos dela.

— Vim buscar meu pagamento.

— Ah, sim. Seu pagamento. Merecido, devo dizer.

O plano dela funcionou melhor do que o esperado. Ela sabe que o pobre Jago vai ficar devastado por um tempo, mas vai superar isso.

Todo homem precisa de algumas cicatrizes no coração, só assim se

torna um homem forte e implacável. Ele vai se culpar, claro, mas

também vai se perdoar. Os homens sempre se perdoam. Vai ser

mais fácil se ele acreditar que a garota se recuperou, e Hayu pagou

o bastante à equipe de médicos e enfermeiros para garantir que

ninguém diga nada diferente disso.

Desde que ele nunca mais veja *la gringa*, vai ficar tudo bem.

E o problema de *la gringa* foi resolvido.

— Se tentar fazer contato com meu filho, vou matar você — disse Hayu no quarto de hospital. — Entendeu?

— Eu o amo — disse a garota, como se isso fosse permitido. Hayu quase a sufocou com um travesseiro. — Falei tantas coisas odiosas para ele, e agora tenho que dizer...

— *Você nunca mais vai falar com ele.* Não gosto de ter que me repetir, então não me obrigue a dizer isso de novo. Estamos entendidas?

A garota assentiu.

— Vou mandar você de volta para casa, mas tenha certeza de uma coisa: mesmo lá, vou ter pessoas de olho em você. Pelo resto da sua vida. Tenho poder para isso. E quanto à misericórdia... estou gastando toda a minha aqui. Essa é a única chance que você vai ter. Está entendendo?

Alicia assentiu de novo, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ela estava sozinha em um país estrangeiro, com um conhecimento parco da língua local e um buraco de bala na coluna. Tinha acabado

de receber a notícia de que jamais voltaria a andar. Havia perdido toda a vontade de lutar.

Quando a realidade batesse, ela culparia Jago. Hayu pode ter forjado a carta, mas acredita de verdade que é exatamente aquilo que *la gringa* vai querer dizer a ele quando entender os fatos sobre sua nova vida. A bailarina brilhante, confinada a uma cadeira de rodas pelo resto dos seus dias, e tudo porque cometeu o erro de amar o garoto errado. Ela vai passar a odiar Jago, sem dúvida, pensa Hayu. Quase tanto quanto vai odiar a si mesma.

Talvez por isso Hayu tenha decidido correr o risco de deixá-la viva. Transgressões como a dela precisam ser punidas.

— É claro que meu filho nunca pode saber sobre isso — diz ela a Julio agora. — Entendido?

Ele assente.

— Claro, *señora*.

— Você sabe que não gosto de correr nenhum tipo de risco.

— Já me disseram, *sí*.

— Então, vai entender por que tenho que fazer isto.

Hayu pega da bolsa uma pequena arma e dá um tiro na cabeça dele.

Julio cai no chão com um buraco perfeito no meio da testa. Alguém vai encontrar o corpo daqui a um ou dois dias, mas a polícia não vai investigar muito; não um homem desses em um bairro desses.

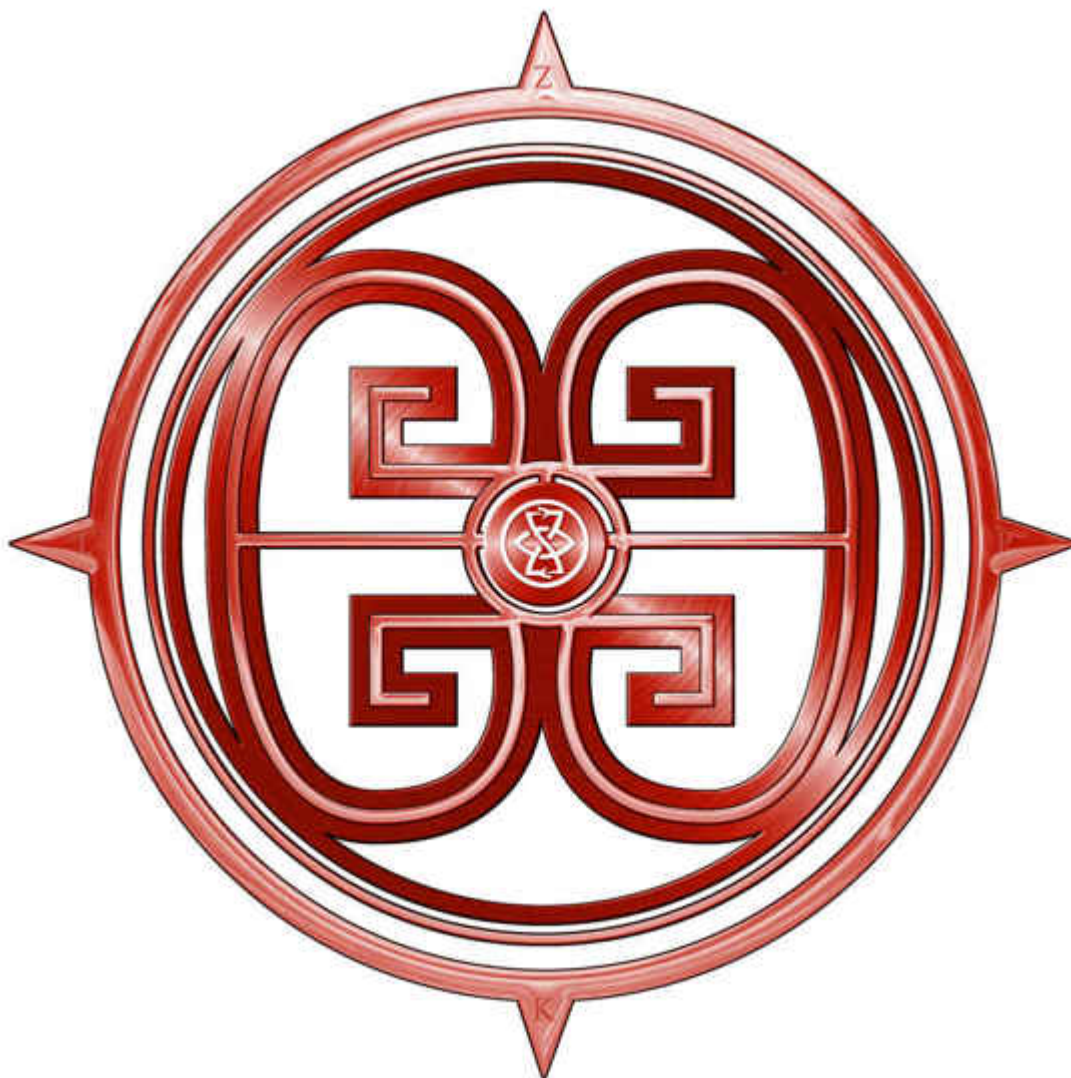
Não que faça alguma diferença, aliás. A polícia está na palma da mão dela. Toda Juliaca está na palma da mão dela. E, agora, seu filho também, outra vez, onde é o lugar dele.

Ela devolve a arma à bolsa e volta para o carro, reparando, com desagrado, que os pombos cagaram todo o para-brisa. Hayu balança a cabeça. Ela abomina ir a essa parte da cidade, quase tanto quanto abomina a violência que inevitavelmente acompanha essas visitas.

“O que não se faz por amor...”, pensa ela, com ironia, depois suspira e volta para casa. Está ansiosa para chegar lá. Seu filho é o Jogador. O homem mais poderoso de Juliaca. E precisa dela. Sempre vai precisar dela.

Quer ele saiba ou não.

Shang AN



Quando a buzina grita em seus ouvidos ao amanhecer, An Liu já está acordado. Está acordado desde as quatro da manhã, esperando o dia começar.

Há seis longos anos espera por esse dia.

— Feliz aniversário, An Liu — diz o pai quando An sai da cama e executa rapidamente os rituais matinais: a limpeza e a arrumação exigidas pelo pai.

Se os lençóis não estiverem devidamente esticados, se suas orelhas estiverem sujas de cera ou se seu cabelo estiver desgrenhado, haverá consequências. O pai de An acredita que todo tipo de bagunça deve ser punido.

An não faz bagunça há anos. Nem lembra como se faz.

— Você escolheu? — pergunta o pai.

An faz que sim.

Ele só fala quando necessário.

O pai acredita em eficiência. Qualquer tipo de descuido será punido, incluindo o excesso de palavras.

— O que vai ser?

O aniversário de An é o único dia do ano em que ele pode escolher. Quando fez cinco anos, ele escolheu facas, e a lâmina entalhou cinco finas linhas de sangue nas costas dele. Quando completou seis, foram seis açoites com o chicote; aos sete, um maçarico tocou sete pontos de seus braços e pernas.

A cada ano ele escolhe com cuidado a pior dor em que consegue pensar. O pai lhe ensinou que ser homem é isso. Um homem quer ser testado; um homem quer sentir dor. O corpo é aço derretido; a dor o endurece e o molda.

Seis anos se passaram desde o início do treinamento. Hoje ele faz 10 anos; hoje ele é aço, hoje ele está pronto.

— Escolho o ferrete.

O pai sorri. Ótima escolha.

— Ótimo.

* * *

A cozinha cheira a caqui, e ele sente o estômago cheio do shì zi bǐng da mãe. Os pãezinhos doces recheados com pasta de gergelim preto

são seu prato favorito, e, no quarto aniversário, ele tem permissão de comer quantos quiser.

— Tudo para o meu pequeno Liu no seu grande aniversário — diz a mãe, puxando-o em um abraço tão forte que faz sua barriga cheia doer.

Mas ele não reclama, porque gosta demais de se esconder no abraço dela. Ali é seguro, atrás dos braços firmes da mãe, apertado contra o peito macio. An tem medo de muitas coisas: tempestades, pássaros grandes, espaços apertados, sombras escuras e até borboletas. Tem medo até dos tios, que o provocam com as vozes estrondosas e dizem que ele nunca vai conquistar o mundo se insistir em ser tão covarde. Mas, nos braços da mãe, An não tem medo. Ela sempre vai protegê-lo.

É nisso que ele acredita, assim como acredita que os limites do mundo são o parque, em uma ponta da rua, e a ponte, na outra. Assim como acredita que as únicas pessoas que importam são os tios e a mãe. Os tios são rigorosos, mas justos; a mãe é tudo. Ele acredita que o mundo é cheio de justiça e generosidade, porque foi o que lhe deixaram ver.

Ele acredita que é especial, pois é o que a mãe lhe diz.

Ele acredita que o pai morreu, pois é o que a mãe lhe diz.

— Os irmãos dele ajudaram a criar você porque são homens bons — diz ela.

Eles são homens bons, e An acha que o pai também deve ter sido. Talvez o melhor dos homens.

Mas, depois do almoço, a porta se abre, e uma sombra alta cobre o chão. Um vozeirão grita o nome da mãe dele. An corre até a sala e se esconde sob uma mesa.

Ele também tem medo de estranhos.

Na cozinha, ouvem-se vozes alteradas; os sons que adultos fazem quando discutem. An se encolhe todo. O estranho chama seu nome, mas ele não se mexe.

— Qual é o problema desse menino? — pergunta o homem.

— Nenhum — responde a mãe. — Liu, venha aqui. Tem uma pessoa que quer conhecer você.

Ela não parece bem, não parece sua mãe, forte e feroz. Ele queria que os tios estivessem em casa. São homens grandes e assustadores, que mandariam o estranho embora, que fariam tudo voltar ao normal.

— Ele é burro? — pergunta o homem.

— É claro que não.

— Então por que não consegue obedecer a uma ordem simples?

— Ele não está acostumado...

— An Liu! — grita o homem.

Então uma mão se fecha ao redor do braço dele e o arrasta para fora de seu esconderijo, colocando-o de pé. Quando o soltam, An Liu sente alívio por um momento, mas a mão recua e bate com força no rosto dele.

Ele começa a chorar.

— Mãe — choraminga o menino, esticando os braços para ela, porque sente dor e medo, e é função dela protegê-lo.

Mas a mãe continua parada ao lado do homem mau, olhando para o tapete. Ela não se mexe.

— Você vai olhar para mim — diz o homem.

An tenta conter as lágrimas. Dá um passo hesitante na direção da mãe.

O homem bate nele de novo, com tanta força que sua visão fica turva. Um zumbido baixo e insistente preenche os ouvidos dele.

— Eu mandei olhar para mim. Não para ela. Para mim. E é melhor você parar de chorar.

An olha para ele. O corpo do homem parece uma árvore, alto e compacto. O rosto é cheio de marcas, e os olhos, pretos brilhantes.

— Você sabe quem eu sou?

An balança a cabeça e reúne todas as forças para impedir as lágrimas de brotarem. Ele tem medo do que vai acontecer se não conseguir contê-las.

— Eu sou seu pai — anuncia o homem. — Pode ficar feliz, pois vim tornar você um homem. E estou vendo que cheguei na hora certa.

* * *

An se senta na beirada do banco, a coluna ereta. Seu olhar está grudado no longo ferrete. A ponta, entalhada com o formato do caractere chinês que significa *força*, emite um brilho laranja enquanto o pai gira o ferro lentamente sobre a chama, aquecendo-o a 400 graus Celsius.

O calor faz a cor mudar; o pai lhe ensinou isso. Um ferro preto chamusca; um ferro vermelho destrói. O pai tira do fogo a comprida haste e espera até que o laranja intenso se transforma em cinza, cor mais apropriada para uma marca permanente.

An se prepara. Respira devagar, se concentra. A dor é uma velha amiga sua, com hábitos familiares e conhecidos.

— Vire-se — ordena o pai.

An se vira, expondo as costas. O pai encosta o ferro na pele macia do pescoço de Na e faz pressão.

O ferro chia.

O cheiro nauseante de carne queimada se espalha pelo ar.

Mentalmente, em silêncio e a salvo do desprezo do pai, An grita e grita.

Três segundos.

Dois segundos.

Dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor dor

Um segundo.

Alívio.

— Um — diz o pai, e recoloca o ferro no fogo para alcançar novamente a temperatura certa.

Logo eles vão recomeçar.

* * *

An Liu deveria comer macarrão da longevidade e bolo no jantar de aniversário.

Mas não come nada.

O homem que se diz pai de An o leva até o porão. An tem medo do porão e das criaturas que podem viver naquela escuridão repleta de

mofo: aranhas, ratos, baratas, monstros. Ele se debate, grita e chora, até que o homem o joga escada abaixo.

Caído, no escuro, atordoado e com dor, An finalmente se cala. O homem, o pai, desce e se aproxima dele.

— Vou mostrar a você o que é a vida — diz o homem, e começa a contar uma série de coisas incríveis.

Que o povo de An é descendente de uma civilização muito antiga, que já foi governada por estranhos deuses vindos do céu. Que, quando esses deuses voltaram para casa, para o céu, prometeram um dia voltar para acabar com o mundo, poupando apenas a linhagem mais merecedora. Que um Jogador é escolhido a cada geração, um jovem necessariamente especial e forte, pois, se os deuses voltarem, esse Jogador vai Jogar pelos shang e levará nas costas toda a esperança de seu povo.

Que os ossos oraculares foram lançados e, de todos os garotos shang existentes em todo o mundo, escolheram An Liu. Quando ele fizer 13 anos, será o Jogador desta geração.

An entende bem pouco do que ouve. As palavras passam voando por ele como mariposas, fugindo a cada vez que ele tenta capturá-las.

— Eu cometi um erro. Não sou orgulhoso, portanto admito isso. Achei que você seria tão inútil quanto sua mãe. Eu deveria ter imaginado que meu sangue prevaleceria. Agora que sei o que você é, o que está destinado a se tornar, vou consertar o que se quebrou na minha ausência. Vou tornar você forte. Os shang me encarregaram disso.

O pai tira o pesado cinto de couro.

— Por quê? — grita An quando começa a apanhar.

— A dor é a própria resposta — diz o homem conforme ergue e desce o cinto.

A dor toma conta de An, até que finalmente, misericordiosamente, o mundo fica preto.

Quando acorda, ele se vê deitado em um catre estreito e duro. As paredes ao redor são nuas e próximas demais. Ele reconhece o espaço: o armário do porão, raramente usado, que cheira a mofo. O sangue seco deixou o lençol duro.

— É aí que você vai dormir a partir de agora — diz o pai.

An está todo dolorido.

— Mãe... — chama ele.

— Sua mãe foi embora.

Isso não faz sentido para An Liu. Ele jamais passou um único dia nem uma única noite sem a mãe. Como ela pode ter ido embora, se um é parte do outro?

— Ela tem nojo de você — continua o pai. — Ela viu como você é mole, como é fraco, e o deixou comigo. Se você me obedecer e se tornar forte, talvez ela volte.

— Quando?

— Vai demorar muito.

— Mas quando? — pergunta An, e se encolhe, pensando que vai apanhar por insistir, mas ele precisa saber.

— Quando você for mais velho. Quando for um homem.

— Quando eu fizer dez anos? — pergunta An, pensando em alguma idade inimaginável para ele. É isso que significa muito tempo para ele. Até lá, ele vai ser crescido.

— Se eu disser que sim, você vai parar de perguntar sobre ela?

An assente.

— Então, sim, quando você fizer dez anos. SE me obedecer. Se for bom.

An jura que vai ser bom.

Quando a dor diminui um pouco, lhe permitindo se arrastar para fora da cama, An sobe na ponta dos pés até o quarto da mãe. Está totalmente vazio. Os pertences sumiram. Sobraram apenas retalhos azuis do último vestido que ela costurou. An pega um pedaço do tecido azul-celeste e o leva ao nariz.

É o cheiro dela.

Ele enfia o tecido na camisa. Se é só isso o que restou dela, ele vai cuidar com amor desse retalho.

— An Liu! — grita o pai.

An corre na direção de onde vem voz. Vai fazer tudo que o pai mandar, vai obedecer a todas as ordens. Vai encontrar um jeito de agradar esse homem e, quando finalmente conseguir, vai ter sua mãe de volta.

* * *

A pele para de arder e ele consegue vestir uma camisa leve, cobrindo as costas cheias de curativos. Depois disso, o dia de An Liu prossegue como habitual.

Fica no porão, seu lar dentro de seu lar. E trabalha o corpo, treinando com todas as armas shang tradicionais em que é especialista: lanças, achas, punhais-machados. Depois, trabalha a mente: estuda as plantas elétricas e os diagramas de circuito que, fixados na memória, vão lhe permitir desarmar qualquer sistema de segurança e desmontar qualquer explosivo que o mundo tenha conseguido inventar.

Não é que ele goste ali de baixo; *gostar* é uma das palavras que perderam todo o significado para An Liu, assim como *escolha*, *prazer* e *felicidade*. Mas ele se sente à vontade nesse lugar úmido e mofado. Ouvindo o roçar das pernas de insetos nas paredes de pedra, ele se sente cercado de amigos.

An janta à mesa, ao lado do pai e dos tios. Os adultos conversam educadamente uns com os outros, mas ninguém fala com o menino, como o pai decidiu. Eles se fartam de *yáng ròu pào mó*, cortando o pão macio em tiras que vão absorver a sopa, tomando tudo, até esvaziar as tigelas. An Liu come o de sempre: arroz com caldo de galinha.

Ninguém diz nada sobre a mãe dele.

Fiel a sua palavra, ele não pergunta sobre ela há seis anos. Mas não a esqueceu.

An sabe que uma resposta dada a uma criança não é uma promessa e que a única promessa que o pai já lhe fez foi que haveria dor — e, fora isso, mais dor. No entanto, uma parte dele escolhe acreditar que hoje é o dia. Que é real o momento pelo qual espera, que provou seu valor e sua força e que, portanto, sua mãe finalmente vai voltar. Só que o dia passa, a noite passa, e logo An completou os rituais noturnos e recebeu a dose diária de dor, hoje facilmente obtida: é só apertarem as recém-feitas marcas a ferro.

O pai não é um homem de dar explicações, mas gradualmente, ao longo dos anos, An Liu passou a entender a filosofia do homem sobre força e fraqueza.

A fraqueza deriva do medo, e todo medo é medo da dor.

Assim, só o homem que não tem medo da dor não tem fraquezas.

Quando An Liu aprender a se habituar com a dor, vai eliminar todos os medos e se tornar forte. A teoria se comprovou. O corpo e as torturas a ele infligidas não guardam segredos de An Liu. Não há nada que ele não arrisque, pois não há nada que não consiga suportar. Quanto ao outro tipo de dor — a dor de perder o que mais ama —, seu pai cuidou disso também. Tirou da vida de An Liu tudo e todos que pudessem ser amados. Não sobrou nada a perder além da vida em si, o que, na verdade, seria uma misericórdia. Não há nada mais a temer.

O pai diz que é assim que os shang preparam um Jogador de espírito verdadeiro, capaz de vencer. É o que o pai diz, mas An Liu passou a entender muitas coisas ao longo dos anos: aprendeu a ler as expressões do pai, de forma que consegue ver a alegria no rosto do homem quando a pele se rasga e queima.

Outros homens podem temer a dor; o pai de An Liu se alimenta dela.

Talvez por isso não diga nada sobre a mãe de An Liu. Talvez consiga ver o desejo ardendo nos olhos do filho e goste de ver as horas passarem e o fogo se apagar.

— Cama — ordena o pai, como faz todas as noites precisamente às 10.

Desta vez, pela primeira vez desde que o pai chegou, An não obedece. Levanta-se e encara o pai, que é a única coisa no mundo ainda capaz de amedrontá-lo. An não é mais o garotinho que era, não é mais o verme molenga e fraco que o pai conheceu. Ainda é um garoto, sim. Ainda é menor do que a média para sua idade e magro como uma vareta, com feições delicadas que causam a ilusão de inocência, mas seus braços são musculosos, e suas pernas, firmes. Sua mente é afiada; sua vontade, inquebrantável.

— Onde está minha mãe? — pergunta ele.

— Como?

O pai parece surpreso. Faz muito tempo que An não fala nada além de responder diretamente a perguntas.

— Você disse que ela voltaria quando eu fizesse dez anos, e hoje eu fiz dez anos. Onde ela está?

Pela primeira vez desde que An Liu se lembra, o pai começa a rir.

— Eu falei isso? Quando eu poderia ter dito isso?

An fecha as mãos com força. Não gosta que riam dele.

Principalmente na frente dos tios, que, da cozinha, olham para os dois com um interesse ávido. An Liu os está surpreendendo hoje; está surpreendendo a si mesmo.

— No dia em que ela foi embora — relembra An. — Você me disse que, se eu me esforçasse e virasse homem, ela voltaria. Quando eu fizesse dez anos.

— Você? Um homem? — O pai ri com desdém. — Você, seu vermezinho? Imagino que agora você também ache que é digno de ser o Jogador.

— Sim, pai. Eu acho.

An Liu tem ainda três anos pela frente até chegar à idade em que poderá assumir o manto oficialmente, mas já se sente pronto para lutar pela vida de seu povo, como foi treinado para fazer.

— Então você é mais burro do que parece.

Esta é a deixa para An: ir embora antes de ganhar uma punição. Ele sempre fez isso. Mas sempre houve um propósito. An tinha este dia pelo qual ansiar. Tinha esperança.

Agora, não tem nada.

— Quero que você traga minha mãe de volta — diz An.

Ele está mais velho e mais inteligente; já entendeu há muito tempo que a mãe não iria embora por vontade própria. Tanto a ausência quanto a presença dela estão sob o controle do pai, assim como tudo mais. Nesta casa, o pai de An é o único deus.

— Está na hora — insiste An.

— Está querendo dizer que falta alguma coisa na sua vida? Que a vida que seus tios e eu lhe demos não basta?

An reúne toda a sua coragem:

— Sim.

— Então acho que falhei. Você continua tão repulsivamente fraco quanto sempre foi. Vamos ter que redobrar os esforços. — Ele se vira para os tios de An. — Irmãos, venham cá. Vamos dar a An Liu o presente de aniversário que falta.

An Liu sabe que os tios vão fazer o que o pai dele mandar. Sempre fazem. Ao contrário do pai, eles não sentem prazer com a crueldade, mas a veem como algo que precisa ser feito. Quando era mais novo, An tentava arduamente entendê-los, entender como puderam permitir que o pai de An entrasse na vida deles, como puderam se virar contra o menino que diziam amar. Antes de o pai de An chegar, eles não eram carinhosos, mas também nunca foram cruéis. An Liu já se importou com essa mudança, já quis saber se, em segredo, os tios odiavam o pai tanto quanto ele odeia, se sentiam o mesmo medo.

Mas o menino aprendeu a parar de se importar. Hoje ele vê os tios com clareza; não pelo que já foram, mas pelo que são agora: o inimigo.

Os homens formam um círculo ao redor dele e erguem os punhos. Agora, é An quem ri, pois não vai se acovardar diante deles, não vai se esconder nem temer o que está por vir.

Vai lutar como um homem.

Vai lutar como um homem que não tem nada a perder.

— Você me ensinou bem, pai — diz ele, levantando os punhos também. — Não tenho mais medo nenhum.

An não espera que eles comecem. Ele próprio dá um soco no pai, e o estalo do nariz sob seus dedos é o som mais belo que já ouviu. O pai grita de fúria. Enquanto An enfrenta os tios, girando e se agachando e sustentando o corpo bem-treinado de dez anos contra quatro homens adultos, o pai pega o ferrete, deixado ao lado da lareira. O instrumento corta o ar e atinge em cheio o peito de An, derrubando-o no chão. A cabeça do menino bate com força no concreto. Trovão e relâmpago explodem ao mesmo tempo, e ele é consumido pelo barulho, pela luz e pela dor. De repente, tudo fica imóvel.

* * *

An Liu está em outro lugar.

Bem longe, na escuridão.

Intocável. Intocado.

Não sente nada, não vê nada, não tem como saber que, mesmo depois que seus olhos se fecham e ele fica inerte, o pai continua batendo nele, ensinando-lhe uma lição que ele nunca vai aprender, porque não está ali.

* * *

Os tios recebem a tarefa de curá-lo dos medos.

An está com cinco anos, e o tio que já foi seu preferido o tranca em um caixão e o enterra.

An grita no escuro. Chuta as paredes de pinho que o confinam, tenta tomar ar, sente que vai enlouquecer se não tiver espaço, se não tiver ar e liberdade, sair sair sair.

Ele não sai.

A voz fica rouca; a mente, vazia.

Ele fica deitado no escuro, parado. Ele choraminga, espera.

Em algum lugar acima, na luz, ouve as vozes alteradas dos tios, discutindo. Agarra-se a esse som, evidência de que ainda existe um mundo.

— Isso não é certo, Hua. Você sabe. Ele é só um menino.

— Um menino que vai ser Jogador um dia, e você sabe que isso faz toda a diferença.

— As coisas que estamos ensinando a ele... que tipo de Jogador ele vai ser?

— Você sabe que esse é o jeito shang para fortalecer o espírito de um Jogador, para ensiná-lo o que é a dor. Ou ele conhece a dor agora ou conhece a morte depois. É assim que o ajudaremos a sobreviver.

— Não, Hua. Não assim. A dor é temperada pelo amor, pela misericórdia, pela sabedoria. Esse é o jeito shang. Isso... Não sei o

que é isso.

— É assim que nosso irmão acha que deve treinar o filho, Chen. É direito do pai treinar seu Jogador. Também faz parte do jeito shang. E, se as coisas forem longe demais, pelo menos estaremos aqui.

— Longe demais? Ele colocou o menino em um caixão...

— Continue falando assim e é você quem pode acabar no caixão. Você sabe disso melhor do que todo mundo.

A discussão termina aí.

Um tempo infinito se passa. An Liu chora.

— Paz, pequeno Liu. — É o tio Chen falando lá em cima, com dor na voz. — Paciência.

An grita pelo tio Chen, que já lhe deu balas quando a mãe não estava olhando e lhe contou histórias de princesas e matadores de dragões quando ele não conseguia dormir.

— Tio, você não me ama mais? — pergunta An.

Silêncio. Depois, um murmúrio:

— Isso é amor.

E, assim, An Liu aprende: dor é amor. Medo é amor. Violência é amor.

A vida é amor, então An Liu aprende a odiá-la.

Aprende também outras coisas: a atirar com todos os tipos de armas, a falar línguas do mundo moderno e as que já morreram há muito, a usar computadores para explorar e dominar, a manipular códigos e circuitos para fazer máquinas exatamente como ele deseja, e essa é a língua preferida dele, porque as máquinas são as únicas coisas que lhe obedecem. Dentro do computador, seu controle é total; dentro do computador, ele é Deus e o pai não existe.

Xí'an, na China, é cheia de maravilhas. Foi capital imperial por 1.000 anos, lar de 13 dinastias, governada por 73 imperadores. É rodeada pela maior muralha do mundo a cercar uma cidade e abriga os resquícios de gloriosas civilizações antigas: o Pagode do Grande Ganso Selvagem, o exército de terracota, a montanha sagrada de Huàshān... An Liu não vê nada disso, não sabe nada sobre isso. Ele não tem permissão para sair de casa. Raramente pode sair do porão, e, mesmo assim, só acompanhado.

O mundo de An Liu é escuro e pequeno, povoado apenas pelo pai e pelos tios.

Seu tempo é estruturado e planejado. Como tudo em sua vida, não pertence a ele.

Pertence aos shang, diz o pai. A vida dele pertence aos shang.

— Você vai Jogar e vai ganhar! — grita o pai com frequência, quando o chicoteia por pequenos fracassos.

Isso vira um mantra que se entranha no inconsciente de An, um fato sobre si mesmo do qual tem tanta certeza quanto seu nome.

Ele vai Jogar.

Vai vencer.

Vai ser o salvador do povo shang, vai salvá-los da extinção quando o Endgame chegar. Ele sabe disso; só não sabe por que deve fazer isso, por que os shang lhe pediriam isso.

Não entende como pode ser o único que sonha em fugir dessa vida. Quem são esses idiotas que escolhem sobreviver?

* * *

An Liu fica inconsciente por quinze dias, afogado na escuridão. Seu corpo está em uma cama de hospital, cheio de fios e tubos. Monitores apitam de forma irregular cada vez que sua pulsação oscila, que seu coração segue em frente. Um tubo leva fluidos para seu corpo, outro tubo retira fluidos. Uma máquina respira por ele. Sua cabeça foi raspada e envolta em ataduras. Fragmentos do crânio foram extraídos cautelosamente do cérebro. A massa cinzenta teve partes raspadas, os pequenos pedaços danificados foram cortados e jogados em um recipiente de metal. Pedacos de An Liu, de quem ele era, viraram lixo médico-hospitalar, descartados. Uma placa de aço substitui o pedaço de crânio perdido. O cérebro incha dentro do crânio, o coma persiste, os médicos não têm muito a fazer além de esperar.

Ele vai acordar ou não.

Vai ser o mesmo ou não.

O tempo dirá.

São verdades duras que os médicos estão preparados para dizer aos entes queridos, mas An Liu está sozinho no hospital particular, abandonado aos cuidados de especialistas. Os médicos recebem o pagamento e sabem quem contatar quando a hora chegar, quando houver uma resposta, seja qual for.

Enquanto isso, não há ninguém ao lado de An. Ninguém segura sua mão inerte. As enfermeiras fofocam, por cima da cabeça imóvel, sobre a vida amorosa dos chefes. Às vezes, uma delas pousa a mão macia na testa dele e lhe deseja melhoras.

É só uma criança, comentam entre si. Com a vida arruinada, provavelmente para sempre. Não era para ficar sozinho.

Os olhos tremem por trás das pálpebras. Elas se perguntam se nesse estado ele sonha.

* * *

An sonha com uma vida diferente.

Sonha com um An Liu diferente, que tem uma mãe, não um pai.

Sonha com um aniversário de 10 anos cheio de bolo, presentes e amor, com o rosto radiante e um beijo delicado de uma mãe. Sonha que vai à escola, que tem amigos, que dorme em um quarto com janela e pôsteres na parede.

Sonha com calor, alegria e calor humano.

Sonha que está em um mundo de fantasia. E, quando as imagens se dissolvem em uma chuva de luz cegante, quando ele volta à realidade piscando vezes seguidas, com um estranho apontando uma lanterna para suas pupilas, uma voz perguntando se ele sabe quem é e onde está, sentindo na cabeça uma dor perfurante diferente de qualquer outra que já sentiu, ele só deseja voltar para o sonho, ou, melhor ainda, para a misericórdia da morte que vem logo depois.

* * *

Depois, as luzes ficam *piscapisca* diferentes.

novamente *TREMEpisca* o cérebro para procurar as palavras de que precisa para expressar a raiva.

É *piscapiscapisca* lento.

Os pensamentos lhe fogem. As palavras lhe escapam.

An Liu conseguia *tremePISCA* multiplicar matrizes e resolver funções de onda quântica de cabeça. Agora, seus *pisca* desafios *pisca* são *pisca* mais simples.

Ele olha imagens, tenta se lembrar das palavras usadas para defini-las.

Isto é um relógio.

Isto é um cachorro.

Isto é uma...

— M-m-m-m-m-m-maçã! — grita ele por fim, e, frustrado, joga longe a fruta; mas não vai muito longe.

Seu corpo está tão fraco quanto sua mente.

O que fizeram com ele, o que lhe roubaram: é insubstituível.

O que sobrou: uma placa de aço, um cérebro que mais parece um queijo suíço. Uma lembrança fragmentada dos gritos de raiva do pai e de uma haste de ferro atingindo seu corpo sem parar. Dor no corpo, na cabeça, dores latejantes, dores perfurantes, dores doloridas... e a névoa perpétua no cérebro, provocada pela medicação que deveria acabar justamente com isso. E, para *treme* sempre *pisca*, tiques e gagueira, gagueira e tiques.

— Me-me-me-me m-m-m-m-ate — pede ele aos fisioterapeutas. — P-p-por f-f-f-avor.

An odeia quando eles se recusam, assim como odeia o corpo por se rebelar, assim como odeia os tios e o pai por deixá-lo nesse estado.

Ódio. Mais uma coisa que lhe restou.

O ódio é o sentimento mais puro que ele já experimentou, intocado pelos extintos medo e esperança.

Um dia, talvez, ele terá *piscapiscapiscapisca* força suficiente para usá-lo.

* * *

A mente de An se recupera mais rapidamente do que o corpo, mas ele está melhorando; mais lento e mais fraco do que antes, porém mais forte a cada dia. Os tiques e as gagueiras *treme* persistem. Os médicos dizem que provavelmente jamais *PISCA* cessarão. Ele *tremeTREMExtreme* nunca mais vai ser o que era. Nunca mais vai ser tão forte, nunca mais vai ser tão coordenado. Nada voltará a ser *piscapiscapisca* tão fácil.

An Liu ri com amargura quando os médicos lhe dizem isso.

Como se *piscaPISCAtreme* sua vida já tivesse sido fácil um dia.

Ele vai para casa.

Se ele fosse de outra linhagem, se não fosse *piscapiscapisca* shang, talvez seu povo escolhesse *TREME* outro campeão. Seria considerado *PISCA* indigno. Escolheriam uma nova pessoa para ser o Jogador. Alguém *TREMEpiscaTREMEpisca* inteiro. Eles o *PISCA* libertariam *PISCA*.

Não os shang.

Os shang acreditam nos ossos oraculares. Os ossos oraculares foram lançados anos atrás e escolheram An Liu como *PISCA* o próximo Jogador.

Não há dúvida.

Não há como fugir.

Se An Liu está *piscaPISCA* com sequelas, é porque era para ser assim. Se o pai de An Liu achou *piscapisca* necessário machucá-lo, então era *TREMEpisca* para ser assim.

Ele vai Jogar como puder.

Vai Jogar a qualquer custo.

Não vai ter escolha.

Como An ainda não está pronto para retomar o treino físico, o pai e os tios o deixam em paz no porão com os computadores. Talvez achem que ele *tremePISCA* não serve para nada nesse estado.

Talvez vejam *piscapiscatreme* algo de novo nele e, por isso, tenham medo.

An não liga, desde que o deixem em paz.

Passa horas sentado no escuro, na frente do computador, os dedos *tremePISCA* voando pelo teclado. Na tela, nos bits e bytes, não há tiques. Não há gagueira. Ele se intitula LaMort377. *La mort*: "a

morte”, em francês. Ele gosta porque soa quase igual a “o amor”, no mesmo idioma. Não há nada que ligue o nome de usuário a ele, exceto o número: o povo shang é a 377ª linhagem. Mas ninguém conseguiria desvendar isso, ligar essa informação a ele. É um segredo apenas dele.

On-line, An pode ser quem quiser. Fazer o que quiser.

Ele quer destruir, e, quando o impulso o domina, é o que ele faz.

Ele hackeia redes elétricas. Bancos. Sistemas de controle de tráfego aéreo. Comete as perversidades que tem vontade. Em alguns dias derruba açôes; em outros *piscaPISCA*, aviões.

Todos os dias, procura a mãe.

Bases de dados do governo. Redes sociais. Listas de mala direta corporativas. An procura evidências da mãe em todo lugar, algo que o leve a ela. Algo que ao menos prove que ela já existiu.

Não há nada.

Não há muros no ciberespaço de An Liu. Nenhuma tranca que ele não consiga *piscaTREM**Episca* abrir quando quer. Nenhuma informação inacessível. Mas a mãe é um fantasma.

Ele descobre muita coisa sobre o pai, tem respostas a perguntas que nunca havia pensado em fazer. An Bai cresceu em Pequim e é filho de banqueiros ricos. Seu nome, Bai, significa “pessoa de pureza”, e An Liu pensa que foi um nome bem escolhido. O pai é inegavelmente puro, imaculado pela misericórdia, pela dúvida e pelo amor. Quando tinha 16 anos, os pais morreram em um incêndio e deixaram tudo para ele: a cobertura em Pequim, a propriedade da família em Xi’an e quatro irmãos que dependiam dele para tudo. Ele controlava o dinheiro e, assim, os controlava.

Como *pisca**pisca* continua controlando.

Quanto mais An Liu aprende sobre as pessoas, mais passa a desprezar a raça humana.

Máquinas são melhores. Máquinas são racionais, confiáveis e fáceis de controlar. Tudo no ciberespaço é tranquilo e compreensível, tudo exceto o fato de que a mãe de An Liu é invisível, impossível de encontrar, mesmo por alguém com os poderes ilimitados de An Liu. Isso ele não consegue compreender.

E tem mais uma coisa: alguém *piscaTREM* *Episca* o está observando. No começo, não há evidência concreta, apenas uma sensação de que rastreiam suas pegadas digitais. Supostamente, é impossível; ele percorre o mundo cibernético sem deixar rastros. É um fantasma na máquina, mas...

Mas há rastros do outro. Migalhas de pão deixadas para trás, quase como se essa sombra quisesse que An reparasse nela, como se o predador desejasse se tornar a presa.

Então, certo dia, o impossível acontece: apesar dos protocolos de segurança no sistema de An Liu, apesar das camadas e mais camadas de firewalls intransponíveis, apesar das melhores criptações do mundo, o estranho ultrapassa tudo, e uma mensagem em inglês surge na tela de An, sem ser convidada, sem ser bem-vinda.

Pisca em vermelho, esperando uma resposta.

12goldengate12: Cumprimentos e saudações, camarada. Quer jogar?

* * *

An não quer *piscaTREM* "jogar", seja lá o que isso signifique. Não que *pisca* *Episca* ser notado, observado nem rastreado. E certamente *treme* *PISCA* não quer um amigo.

Mas 12goldengate12 é persistente.

12goldengate12: não sou um inimigo.

An o ignora naquele dia e no seguinte.

12goldengate12: eu POSSO ser um inimigo, se você preferir.

An tenta rastrear o IP, encontrar o inseto irritante e esmagá-lo, mas 12goldengate12 é excepcional, quase tanto quanto o próprio An. O sinal quica por 12 satélites, indo de um lado para outro por todo o mundo. An finalmente consegue rastrear a origem na Costa Oeste dos Estados Unidos, mas isso não lhe diz nada que ele já não pudesse ter adivinhado pelo nome de usuário.

Não lhe diz como encontrar e eliminar a praga.

Nem o que a praga pode querer com ele.

E, *piscapiscapisca* com o passar dos dias, An se vê ficando mais curioso. Os tios e o pai não falam com ele há semanas. Entregam comida em silêncio. É um alívio, um descanso temporário da dor e da tortura, mas é estranho viver em um silêncio desses. Às vezes, An se pergunta se ficou invisível. Se *pisca* afinal *pisca* morreu e está *pisca* condenado *PISCA* a assombrar o pai pelo resto dos dias. É fácil imaginar que ele não existe. Só que 12goldengate12 sabe que An Liu está ali e 12goldengate12 quer resposta.

Depois de uma semana, An finalmente responde.

lamort377: quem é você e o que quer?

12goldengate12: um amigo

12goldengate12: posso ser seu amigo, pelo menos

12goldengate12: você quer um amigo?

É uma pergunta que An Liu nunca fez a si mesmo.

lamort377: por que você quer isso?

12goldengate12: cara, tenho acompanhado seu trabalho. é de alto nível. pouca gente por aí consegue me acompanhar, mas você está quase lá. sei que você está procurando uma pessoa, achei que pudesse querer ajuda.

An fica desconcertado de pensar que o estranho rastreou os passos dele a ponto de perceber que ele está procurando uma determinada pessoa. O que mais o estranho sabe? E até que ponto é perigoso esse estranho estar lá fora, sabendo tudo isso?

Por outro lado, An aprecia o fato de o estranho estar impressionada com ele. Mesmo não estando impressionado o bastante, obviamente.

lamort377: está sugerindo que é MELHOR do que eu? que eu poderia aprender com VOCÊ?

12goldengate12: para um gênio, até que você é meio devagar. é, cara, estou sugerindo isso. ninguém é melhor do que eu. então devo ser melhor do que você. questão de lógica

lamort377: prove

Com isso, An Liu desliga o sistema. A pessoa é irritante, o enfurece... mas *piscapisca* *TREME* é a primeira *treme* conversa *pisca* sem tiques que ele teve com alguém desde que acordou do coma.

A pessoa não faz *tremetreme* ideia de quem An Liu é, nem que tem *piscapiscapiscapiscapisca* sequelas. O pai de An Liu não aprovaria que ele fizesse contato com ninguém, muito menos que prolongasse esse contato. Se pudesse, provavelmente o *treme* proibiria *tremePISCA*, mas faz anos que An Liu superou o pai nessa área de conhecimento. No espaço digital, An Liu tem liberdade para fazer o que quiser. E talvez a pessoa só queira jogar. Então, An jogará com ele.

Não pode haver mal nisso.

* * *

Eles batalham. An Liu aumenta suas defesas, e 12goldengate12 sempre as rompe. Quando eles se cansam do vaivém, seguem para outros alvos, competindo para ver quem consegue ser o primeiro a invadir o mainframe da ONU ou alterar os arquivos digitais da Interpol.

12goldengate12 prefere roubar informações a usá-las; intitula-se uma força do bem, e An Liu ignora a presunção porque, pela primeira vez desde que se lembra, está se divertindo. An Liu é bom, mas *pisca* precisa *tremepisca* admitir que, de vez em quando, 12goldengate12 é melhor.

Sem perceber, eles passam da guerra à cooperação. Apesar de um não saber nada sobre o outro, eles se *entendem*. A linguagem dos hackers é universal, as mentes compartilham os mesmos contornos, chegam às mesmas conclusões loucas. An sente alívio ao encontrar alguém tão parecido com ele, dedicado a um propósito tão singular. Às vezes, as horas passam sem que ele perceba, debruçado sobre o teclado no escuro enquanto, em algum lugar lá fora, o sol nasce, se põe e renasce, e ele sente alegria. Os dois trocam trechos de códigos roubados e compartilham chaves de segurança de alguns dos sistemas mais seguros do mundo. Juntos, atacam o Mossad, o que nenhum dos dois conseguiu fazer sozinho. Juntos, é moleza. 12goldengate12: nada pode nos impedir! que o mundo se curve diante de nós

An Liu nunca *PISCAPISCAPISCA* fez parte de um *nós*.

* * *

No mundo além do porão, o pai e os tios de An esperam que ele se recupere o bastante para retomar o treinamento. Ficam *pisca-treme* impacientes. Todas as semanas, o pai de An desce e faz um *pisca-pisca-pisca-pisca* teste com o filho. Às vezes, é um combate mano a mano. Outras vezes, é um desafio de dor, carvões em brasas ou um prego cravado na unha, para ajudar a restaurar a resiliência interior do menino. Quanto mais enojado fica o pai de An Liu, mais tiques An *TREMEpisca* desenvolve, e, quanto mais tiques An *PISCAtreme* desenvolve, mais enojado o pai fica. Por fim, o pai desiste dos testes, optando apenas por *pisca-treme-piscaPISCA* punições.

An Liu aguenta.

12goldengate12: por onde andou?

lamort377: ocupado

12goldengate12: o coroa de novo, né? pais são um saco, cara
An Liu contou ao estranho que o pai é um *piscaPISCA* disciplinador, que às vezes é difícil atender às expectativas dele. Nada mais do que isso.

lamort377: o que você sabe sobre isso?

12goldengate12: sei que não deixo ninguém mandar em mim

12goldengate12: não mais

lamort377: o que você fez? matou seus pais?

12goldengate12: hahahaha

lamort377: ?

12goldengate12: você não sabe como as coisas podem ser uma merda. eu tinha que sair de lá, sabe? mas na rua também não é muito bom. não tem computador. foi sorte encontrar esse lugar

lamort377: que lugar?

12goldengate12: um bando de jovens tipo a gente. tipo uma comunidade, sem essas merdas hippies. só hackear, sabe? você devia vir, acho que ia adorar

lamort377: como você sabe que eu sou novo?

12goldengate12: qual é, ninguém com mais de 20 consegue fazer o que a gente faz

An Liu se entrega à fantasia por um momento. Arrumar uma passagem para a Califórnia seria fácil como respirar. Ele poderia sair escondido de casa enquanto o pai e os tios estivessem dormindo, fugir desse lugar e dessa vida. Nada mais de Jogo, nada mais de testes, nada mais de *piscapisca* punições.

Mas e depois?

Talvez, se isso fosse *pisca-treme* antes.

Se ele fosse o *TREMEtreme* garoto de antes.

Não agora. Não estando assim, sem *piscapiscapiscapiscapiscapisca* controle. Ele *pisca* tem espasmos; ele *pisca* tem dores.

Ali é mais seguro, no *PISCAtreme* porão, no escuro, onde ninguém consegue *tremetremetreme* vê-lo. Ver suas sequelas. Agora que An tem um amigo, não pode perdê-lo.

lamort377: um bando de caras morando juntos numa cabana? não é muito a minha

12goldengate12: por que você acha que eu sou um cara?

Ele fica paralisado. Nunca lhe ocorreu que poderia estar falando com uma *garota*. As mãos de An Liu ficam imóveis sobre o teclado. Ele não fala com uma garota desde...

Ele nunca falou com uma garota.

Nunca falou com nenhuma mulher que não fosse a mãe.

E faz muito tempo.

12goldengate12: ah, não surta, cara. qual é a dos nerds? parece que xx é criptonita.

lamort377: o que é criptonita?

12goldengate12: lol

12goldengate12: ainda amigos?

lamort377: você sabe que sim

12goldengate12: então prova

lamort377: como?

12goldengate12: contei uma coisa sobre mim. me conta uma coisa sobre você. mas tem que ser verdade

An Liu hesita, mas só por um momento. E respira *piscaTREM*Episca fundo.

lamort377: estou procurando a minha mãe

12goldengate12: ah

12goldengate12: já encontrou?

An já está arrependido. O pai *pisca*pisca*pisca* ensinou a ele que fraquezas existem para serem exploradas. E, agora, 12goldengate12 conhece a maior fraqueza de An. Onde ele estava com a *piscaTREM* cabeça?

12goldengate12: talvez eu possa ajudar

12goldengate12: me diz o nome dela

12goldengate12: qual é, ficou com medinho?

12goldengate12: alô?

12goldengate12: responde, merda

12goldengate12: perdi você? não faz isso

12goldengate12: por favor

lamort377: não me pergunta sobre isso de novo

* * *

Eles não falam mais sobre isso. 12goldengate12 não arrisca fazer mais perguntas sobre An e sua vida. Mas fala sobre si própria. Que odeia os pais. Como foi abandoná-los. Que se convenceu de que merecia coisa melhor e por fim se aventurou e foi atrás disso.

An fica *pisca*pisca*pisca* perplexo com tudo.

Querer *PISCA* coisa melhor.

Imaginar que *merece* coisa melhor.

Coisas que nunca ocorreram a ele.

A vida é o que é; foi isso que ele sempre *TREM*Episca supôs. Foi o que lhe ensinaram.

A vida às vezes é difícil.

A vida sempre é dor.

Nunca é feliz, e como a felicidade poderia ser uma coisa que alguém *pisca-treme* se acha no direito de pedir?

esquerdo. Para sempre se lembrar desse dia, sempre se lembrar do que lhe foi tirado.

Em seguida, mata a mensageira.

É inaceitável que haja alguém no mundo que saiba quem ele é e o que perdeu. Isso não pode *piscaTREME* continuar assim. Expor *tremetremepisca* sua fraqueza foi um erro. Mas 12goldengate12 é quem vai sofrer as consequências.

An já sabe o bastante sobre ela para encontrá-la. Uma comunidade de hackers no coração de São Francisco. Esse nível de uso de computadores emite um sinal tão luminoso quanto o sol. Ele não precisa saber o nome dela para destruí-la.

Só precisa saber as coordenadas geográficas na próxima vez que ela estiver on-line.

12goldengate12: quantas vezes preciso pedir desculpas?

12goldengate12: pensei que estivesse ajudando

lamort377: tudo bem

12goldengate12: apareceu! achei que tivesse perdido você. sério, cara, eu não quis me intrometer na sua vida

lamort377: você vai me compensar

12goldengate12: como?

An só precisa *pisca* hackear o drone *treme* mais próximo e *pisca* mandar que ele largue sua *pisca-treme-pisca* carga.

É fácil assim.

Treme.

12goldengate12 era uma amiga, por isso An Liu lhe deu de presente uma morte misericordiosa.

Os outros não terão tanta sorte.

* * *

O pai lhe ensinou a dor; os tios lhe ensinaram a paciência. Ele os viu *PISCA* representar seus papéis, fingir respeito, obedecer a ordens, esperar.

Agora, An Liu faz o mesmo.

Espera; quer fazer isso do jeito certo.

Tem *treme-pisca* coisas que ele precisa saber. Coisas sobre os shang, sobre o Endgame, sobre ser o Jogador — coisas que ele nunca *TREME* se deu ao trabalho de perguntar. Os anciãos shang acreditam no jeito antigo, mas vivem no mundo moderno. Não podem se esconder do alcance cibernético de An Liu.

Ele descobre sobre o conselho, que *pisca* deixa o treinamento dos Jogadores nas mãos da família. Que o pai de um Jogador tem *TREME-pisca* o controle final.

Sempre foi assim.

Seu aniversário de onze anos passa despercebido. An sente como se um século tivesse se passado desde o último. Aquele garoto de um ano atrás era completo; aquele garoto achava que podia encarar o pai em uma luta justa.

O garoto que An se tornou não cai nessa.

Ele não vai cometer o mesmo erro.

Não vai mais cometer erros. Prossegue com cautela. Estuda a vida dos Jogadores anteriores. Nenhum deles perdeu seu título, por pior que tenha sido o crime.

Quando os ossos oraculares falam, o destino não pode ser mudado. An Liu vai ser o Jogador shang.

Não importa o que *TREME* *pisca* *TREME* faça.

Ele descobre que a dor é mesmo o jeito shang, mas não o tipo de dor do pai. Isso é *pisca* novidade. Talvez os anciãos não aprovassem. Mas também não vão *treme-pisca* interferir.

Isso os torna culpados, pensa An Liu. Tão culpados quanto os outros.

Mas ele vai cuidar disso depois. Vai cuidar de todos eles. O que tem na vida é tempo.

Tempo e fúria.

No andar de cima, o pai e os tios dormem tranquilamente noite após noite, sonhando, talvez, com novos tormentos a infligir ao Jogador, o garoto que transformaram em monstro. Pensam que o garoto ainda precisa ser treinado; não sabem que ele aprendeu *pisca* sua lição final.

Ele aprendeu que não há esperança. Não há fuga. Não há volta para um passado mais feliz, não há voo para um futuro melhor.

Há apenas *piscaTREME* destruição e dor.

Há apenas *TREMETREMETREMEpisca* a criatura em que se transformou.

A criatura em que o transformaram.

La Mort 377.

A morte ambulante. Ele vai levá-la aos pais e tios. E, quando a hora chegar, vai levá-la a toda a linhagem. A toda a espécie. Um dia, enfim, chegarão ao fim a infelicidade e as decepções da vida.

Tudo chegará ao fim.

Há muitas formas de matar. An pensa em tiro, pois foi assim que a mãe se foi. Mas as balas são rápidas demais, misericordiosas demais.

An quer que *pisca* *pisca* *pisca* doa.

Ele pensa em usar apenas as mãos, mas é arriscado demais. Para vencer uma luta até a morte, é preciso ter vontade de viver.

Ele tem isso? Mesmo?

An não sabe mais.

pisca

Ele tem desejo de matar. Isso já basta.

Ele pensa em poupar os tios.

Lembra-se de sussurros, trechos de conversas, evidências de que talvez eles *TREME* não sejam pessoas más. De que devem achar *pisca* *pisca* que não têm escolha. O pai é um assassino; disso ele sabe agora. Os tios *tremePISCA* sempre souberam.

Talvez tenham temido pela própria vida.

Assim, sacrificaram a dele.

Talvez An Liu possa perdoar isso.

O sacrifício da mãe? Não.

Ele toma uma decisão. Faz um plano. Espera uma semana, depois mais uma, até ter *pisca-treme* certeza. Até estar pronto.

À noite, ergue o rosto para o céu.

— I-i-i-i-i-ssó estááááá c-c-c-erto? — pergunta ele à mãe, porque faz isso por ela. — É i-i-i-i-i-ssó que v-v-v-você q-q-quer? — *PISCA*

A mãe não responde, porque, claro, foi morta.

No fim, isso é suficiente como resposta.

* * *

An entra sorrateiramente na cozinha e dilui um vidro de comprimidos para dormir em uma garrafa de uísque de arroz. Ele sabe que o pai e os tios bebem bastante todas as noites.

Um dia se passa. Ele espera. Quando chega a hora do jantar, encosta o ouvido na porta, ouve a alegria deles, o tinido de copos, os bocejos e baques quando eles seguem tropeçando, atordoados, para a cama. Em seguida, An sobe lentamente a escada e entra no primeiro quarto, onde o tio mais novo, que era seu preferido, está roncando alto. An encharca o corpo do homem com uísque e acende um fósforo.

Quando o fogo começa a queimar, ele sai do quarto e, quando o tio começa a gritar, já está na metade do caminho do quarto seguinte. Um a um, ele põe fogo nos tios, até a casa se encher de gritos sofridos e do cheiro de carne queimada.

O pai continua dormindo.

An derrama o uísque.

Em silêncio, reza pela mãe.

Acende o fósforo.

Desta vez, ele não sai do quarto tão rápido. Desta vez, vê a carne queimar e arder. Espera que a dor atravesse o torpor das drogas e desperte o pai; com alegria no coração, escuta seus gritos. Eles se encaram, e, naquelas poças negras insondáveis, An Liu vê puro pavor. E sorri.

Seu coração vibra com algo familiar, algo que ele não sente há muito tempo. Ele finalmente entende que isso é felicidade.

— V-v-v-você... — An não termina a frase. *Pisca*. O momento é intenso demais para sua língua desajeitada.

Assim, ele diz o que precisa dizer no silêncio de sua mente.

“Você está colhendo o que plantou.”

Ele sorri, o coração explodindo de alegria, vendo o pai queimar sem parar, até as chamas pularem da cama para o chão e as paredes, e

An Liu sabe que, se ficar mais tempo, o fogo vai consumi-lo junto com o restante da família.

Ele escapa do inferno, deixa o pai e os tios morrendo em meio às chamas, vê a casa arder totalmente e some na noite.

Não porque ele deseje mais algum tempo nesse *piscaTREME* inferno chamado vida.

Mas porque *pisca* tem *pisca* mais o que *pisca* fazer.

Ele vai procurar os *piscaPISCA* anciãos shang para lhes contar sobre *TREMEpisca* a tragédia. Talvez eles desconfiem da verdade.

Mas não vão fazer nada a respeito.

An Liu está *piscaTREME* destinado a ser o Jogador deles. Com o pai *PISCAPISCAPISCA* morto, ele está no controle. Seu *pisca* treinamento está *TREME* completo. Ele está *pisca* prestes a ascender. Eles vão *TREMEpisca* deixá-lo em paz, como já faziam. Assim fazem os shang. Eles só querem que ele Jogue, e An não vai *pisca* decepcioná-los.

Ele recebeu um dever sagrado e *tremePISCA* vai permanecer vivo até cumpri-lo.

Até *pisca* o Endgame chegar e ele poder oferecer seu dom aos shang e a todas as outras linhagens do planeta.

Vai *piscaTREMEpisca* levar a morte a eles, assim como levou a morte ao pai, assim como o pai levou a morte à mãe dele.

Vai dar um fim a tudo.

E aí, quando a Terra estiver escura, fria e vazia, quando tudo tiver virado cinzas, enfim vai *pisca* se sentir em paz.

* * *

A mãe o acorda com um beijo suave na testa.

— Feliz aniversário, pequeno Liu — diz ela, fazendo cócegas nos pés dele até ele rir tanto que acorda. — Você se lembra de quantos anos faz hoje?

An levanta quatro dedos.

— Esse é o meu homenzinho!

— Eu sou um homem grande hoje, mãe?

— Ainda não, meu amor. Não tenha tanta pressa de crescer. Você tem muito tempo.

— O que vai acontecer? — pergunta An.

— Quando?

— Quando eu crescer. Quando eu for um homem grande.

— Ah. — Ela sorri, se senta na cama e o coloca no colo. — Vou contar um segredo, pequeno Liu. Preparado?

An faz que sim com a cabeça, ansioso. Ele adora segredos.

— Quando você crescer...

Ela faz cócegas de novo, e ele tenta se soltar, mas a mãe o segura bem. An quer que a mãe nunca o solte.

— Pequeno An Liu, quando você crescer, vai mudar o mundo.

Axumita **HILAL**



Hilal está procurando paz.
Ele vasculha as profundezas escuras da mente em busca de um oásis de calma.

O esforço é em vão.

Ele anseia pelo silêncio interior que o sustentou por tantos anos. Em tempos de caos, dor, medo, ele sempre teve essa rota de fuga: escapar para um silêncio lá no fundo. Um lago interior plácido e liso como vidro.

Mas hoje, assim como ontem, assim como no dia anterior, ele está inquieto. As lembranças o perseguem.

Ele se senta no chão de concreto da choupana e se recosta na parede. Raios de sol entram pelo telhado de palha, pintando prismas de luz na pele de ébano. A choupana zumba de eletricidade: lá fica metade do poder de computação da Etiópia, mas hoje Hilal não tem interesse nos dados correndo pelas veias das máquinas.

Esse pequeno complexo no Império de Axum é a casa de Hilal desde que ele tinha seis anos. Mas não parece mais uma casa.

No ano passado, ele foi enviado para longe dali por seu mestre espiritual; Eben ibn Mohammed al-Julan já tinha mandado Hilal sair pelo mundo muitas vezes antes, para treinar ou estudar. Às vezes, sem uma missão clara, apenas instruções. Observe. Escute.

Aprenda. Eben gosta de dizer que “o verdadeiro Jogador precisa ser um cidadão do mundo”, e assim Hilal experimentou culturas por todo o globo.

Mas essa viagem foi diferente, pois foi programada para durar um ano.

— Por que tenho que ficar tanto tempo longe? — perguntou Hilal. —

Este é meu povo. E sou o Jogador deles. Se o Endgame começar...

— Se o Endgame começar, vou chamá-lo de volta. Há coisas que você precisa aprender e que eu não posso ensinar, Hilal.

Isso pareceu impossível a Hilal; se fosse algo que valesse a pena saber, é claro que seu mestre poderia ensinar.

— Vai ser bom você viver entre pessoas por um tempo — disse o mestre Eben. — E vai ser bom elas viverem com um homem como você. — Ele deu um sorriso gentil. — Não podemos ficar apenas esperando que o Endgame chegue, podemos?

— Temos que passar cada dia salvando o mundo da melhor forma que pudermos — disse Hilal com obediência.

Foi uma das primeiras lições que o mestre ensinou a ele.

E, assim, ele atravessou metade do continente e foi morar em um vilarejo de estranhos. Trocou dias de estudo e treinamentos com armas por longas horas ensinando crianças, cuidando de doentes, cozinhando para idosos, ajudando na construção de um novo sistema de esgoto. Quando ele chegou, as pessoas não sabiam nada a seu respeito. Hilal ibn Isa al-Salt era um mistério para elas, e nem parecia muito interessante. Elas não sabiam nem se importavam se ele era o bisneto de Ezana ou neto de Gebre Mesquel Lalibela, nem se era o Jogador axumita, jurado para salvar a linhagem quando o Endgame chegasse, nem que estava em uma busca eterna por um ser chamado Ea, o líder desalmado da Irmandade da Serpente. Elas não sabiam nem sobre o Endgame. Só sabiam que ele era um estranho na terra delas, que chegou àquele lugar levando comida, medicamentos e uma verdade antiga. Aos poucos passaram a confiar nele, até a amá-lo, e ele começou a amá-las também. Hilal lhes ensinou o que podia sobre o funcionamento da alma humana e, por sua vez, aprendeu como era fazer parte da vida de um vilarejo. Comemorando os pequenos triunfos e lamentando as perdas, fofocando alegremente e mediando brigas mesquinhas, Hilal se tornou um deles. Ou, pelo menos, era o que parecia. Elas passaram a confiar nele, e, quando a doença se espalhou pelo vilarejo como um incêndio descontrolado, pulando de família em família e deixando cadáveres para trás, acharam que Hilal poderia salvá-las.

Mas ele as abandonou.

— Lembre-se de que sua vida é mais preciosa do que essas pessoas imaginam — disse o mestre quando ele relatou a situação. —

Guarde-a bem. Volte para casa.

O vilarejo estava cheio de pessoas corajosas correndo o risco de infecção e de morte para cuidar daqueles que amavam, mas Hilal, que fora criado para não temer pela própria vida, para se dedicar ao bem dos outros, se comportou como um covarde. Fugiu no meio da noite. Estava proibido de se arriscar; tinha que acreditar que sua vida era mais importante do que a daquelas pessoas.

Assim, ele fugiu da infecção, do sangue maculado e dos corpos empilhados; fugiu para casa.

Isso foi há duas semanas. Catorze dias se readaptando aos ritmos e confortos de casa.

Tentando esquecer o vilarejo que deixou para trás. O rosto das mães segurando bebês contra o peito, de crianças chutando bolas por campos vazios, de homens fortes carregando cargas pesadas, sustentando as famílias. Tantas pessoas, e Hilal amava todas, e agora tudo que pode fazer é imaginar o que aconteceu com elas. Se sobrou alguma.

Como Jogador, ele jurou salvar as almas de todos os homens, mas salvar, individualmente, homens, mulheres e seus filhos? Isso vai além do que ele pode fazer.

Mesmo assim, ele gostaria de ter tentado.

Todas as noites, em sonhos, ele tenta novamente.

* * *

A porta se abre com um rangido.

Hilal se levanta de um pulo e assume uma postura de defesa, pronto para lutar.

Mas não é nenhum inimigo. O rosto de Hilal relaxa e se abre em um sorriso. Ele está em isolamento, meditando há duas semanas, e, se sua solidão tem que ser interrompida, é melhor que seja por aquele homem.

— Meus cumprimentos, mestre — diz ele, dando boas-vindas ansiosas.

— Você é o Jogador agora — corrige Eben ibn Mohammed al-Julan.

— Não sou mais mestre.

Hilal baixa a cabeça para reconhecer a declaração dele, mas jamais vai concordar. Eben é seu mestre e guia espiritual desde que ele era bem pequeno; foi Eben quem o selecionou entre todas as crianças dos campos do vilarejo para ser treinado para o papel sagrado.

Eben, um ex-Jogador, viu alguma coisa brilhando em Hilal e soube, de alguma forma, naquele momento, que Hilal fora escolhido pelo Senhor. O mestre Eben levou Hilal para casa, o ensinou a falar, a

pensar, a lutar e, o mais importante, a seguir um caminho correto, a servir e espalhar a verdade antiga.

Hilal imagina que um dia *e/e* vai ter que se aventurar pelo campo, observando os rostos de crianças em busca do brilho divino. É assim desde sempre: os Jogadores do passado escolhem os do futuro. Ele perguntou a Eben muitas vezes o que o mestre viu, como se reconhece o sinal de um futuro Jogador, como vai saber que escolheu direito. Eben só diz: “Quando a hora chegar, você vai saber. O futuro Jogador vai se revelar para você da mesma forma que você se revelou para mim.”

Hilal se pergunta se um dia vai ter a sabedoria do mestre Eben, se vai conseguir treinar uma nova geração de Jogadores como Eben o treinou. Para Hilal, parece que Eben será eternamente o mestre, e ele, o aluno dedicado.

— Você parece inquieto — diz Eben, sempre capaz de ler a verdade no rosto de Hilal.

— Estou tendo dificuldade em deixar para trás as lembranças deste ano — admite Hilal. — Eu sinto como se tivesse traído as pessoas que deixei para trás.

— Aquele não é seu povo — lembra Eben —, tanto quanto todos os homens da Terra não são seu povo. A missão deles não é a sua. Hilal lembra a si mesmo que Eben sabe o que é melhor para ele e que as responsabilidades de Hilal com a linhagem axumita, com o futuro de seu povo, estão acima de tudo. A cem milhas dali, uma criança está treinando com seu mestre, se preparando para assumir o papel de Jogador quando Hilal passar da idade. Mas ainda falta muito para isso, Hilal ainda não está pronto. Se ele morresse, os axumitas ficariam sem um defensor, e isso não pode acontecer. Ele não tinha escolha além de se salvar. Ele sabe disso.

Ainda assim.

Desde a infância, Hilal não passa tanto tempo em meio a pessoas normais e, apesar de ter feito o possível para se manter a distância, para se lembrar de que estava ali para servir aos moradores do vilarejo, não para se tornar um deles, foi difícil não se envolver. Eben desencoraja relacionamentos pessoais, laços individuais, qualquer coisa que possa distrair Hilal do compromisso com os

axumitas como um todo.

Eben gosta de dizer que “Deus ama todos os filhos igualmente, e devemos fazer o mesmo.”

Hilal tenta.

— Vim com uma nova tarefa para você. — Eben sorri com gentileza, como se tivesse adivinhado tudo o que Hilal se esforça tanto para esconder. — Talvez ajude a desviar sua atenção do passado.

— Qualquer coisa, mestre.

— Nós localizamos o Livro de Ouazebas.

Hilal arregala os olhos.

— Mas achei que tivesse se perdido na destruição de Bayt al-Hikma. Bayt al-Hikma, a Casa da Sabedoria, no passado uma joia da coroa do Império Islâmico e a maior biblioteca do mundo, está em ruínas há quase oitocentos anos. Hilal acreditava que a maioria das obras de lá estivesse perdida para sempre, entre elas o sagrado manuscrito axumita do quarto século d.C. De acordo com a lenda, o Livro de Ouazebas conta a história da batalha de um antigo rei axumita contra a Irmandade da Serpente. Alguns dizem que contém o segredo para encontrar e derrotar o velho líder maligno da irmandade, Ea, de uma vez por todas. Poucos mantiveram esperanças de encontrar o manuscrito intacto.

— O livro ressurgiu no Egito — diz Eben. — Foi encontrado em uma escavação arqueológica vários meses atrás e, depois disso, foi parar no Museu Egípcio, no Cairo. Como pode imaginar, fizemos tudo que estava ao nosso alcance para negociar a devolução do manuscrito para a terra natal, mas as autoridades egípcias não aceitaram.

— Quer que eu o recupere para você? — sugere Hilal.

— Para todos nós. Isso pode ser o que estávamos esperando. A resposta a séculos de busca infrutífera, a arma de que precisamos na nossa guerra final. Você, Hilal, pode nos salvar.

Hilal afasta a culpa e o arrependimento que pesam em seus ombros nas últimas duas semanas. Ele se levanta e se empertiga com orgulho.

— Estou pronto, mestre. Diga o que precisa que eu faça.

* * *

Se puder escolher, Hilal prefere caminhar a usar qualquer meio de transporte. Prefere usar roupas largas e esvoaçantes que se adaptem aos movimentos do corpo e se agitem com a brisa; prefere sandálias com uma única tira, que exponham os pés à areia e aos elementos. Ele gosta de sentir o chão sob os pés e as pessoas ao redor, de andar pelo mundo como os antigos faziam, em comunhão com a Terra e suas criaturas.

Mas andar até o Cairo levaria mais de um mês, e seu mestre não quer esperar.

Então, Hilal pega um caminhão para atravessar a fronteira com o Sudão, depois sobe em um aviãozinho fretado até o Cairo, e faz tudo com discrição, do jeito que um adolescente normal faria. Usa calça jeans, tênis pretos e uma camiseta estampada com coisas sem sentido em japonês.

— Você precisa se misturar — disse Eben.

— As pessoas vão ficar olhando de qualquer modo — observou Hilal.

— Sempre olham.

Ele não fala com arrogância e nem com falsa modéstia, mas com total sinceridade. Com a pele escura, macia e impecável como mármore, os olhos azuis, as maçãs do rosto protuberantes e sorriso de marfim, Hilal é lindo, de uma forma quase inumana. Ele sabe disso, porque já lhe disseram muitas vezes e por causa da forma como os estranhos olham para ele, às vezes com espanto, às vezes com desejo. Não é uma coisa pela qual se vangloria nem da qual se envergonha, apenas uma qualidade dada a ele, e ele seria um tolo de sentir um orgulho desmedido por isso. Mas seria ainda mais tolo se não a usasse quando possível.

Felizmente, os homens no avião (executivos, ao que parecia, convencidos da grande importância de seus negócios mesquinhos) têm mais o que fazer do que especular sobre o garoto de dezessete anos alto e quase majestoso que divide o espaço com eles no ar. Hilal usa os fones de ouvido durante toda a viagem e se balança

com uma batida imaginária, fingindo estar perdido nos próprios pensamentos.

Ele reparou que os humanos estão sempre dispostos a acreditar que são invisíveis. E só revelam seu verdadeiro eu quando pensam que não tem ninguém olhando. Assim, Hilal vê a elegância nervosa do idoso de gravata-borboleta e conclui que está indo para um encontro romântico, enquanto o dissimulado jovem de bigode carregando uma pasta que nunca solta deixa óbvia sua intenção criminoso. Ele vê que dois outros homens são ao mesmo tempo empregador e empregado, e pai e filho, e que o pai abomina o filho e não confia nele, enquanto o filho espera — talvez até planeje — tirar logo o pai do caminho. Ele vê qual dos homens fuma escondido, qual é alcoólatra, qual está satisfeito com a vida e qual espera pôr um fim ao próprio sofrimento em breve.

Eles não se dão ao trabalho de vê-lo.

O avião toca o solo do Cairo quando o sol está se pondo, e seu táxi batalha contra o tráfego brutal da hora do rush e se aproxima lentamente do museu. Hilal se mexe com impaciência no banco de couro. É claro que, se o museu estiver fechado quando ele chegar, não vai haver problema. Ele vai encontrar um jeito de entrar, mas prefere que seja pela porta da frente. É mais digno.

O sol poente cintila nos arranha-céus; acima, o céu arde. Hilal se inspira na paciência da lua, que espera que a noite desça e as estrelas mostrem o rosto.

O táxi para de repente, e Hilal dá ao motorista o dobro do valor pedido.

Ali está o Museu Egípcio, com o arco branco brilhando no centro da fachada laranja. É uma construção inspirada pela arquitetura ocidental clássica e assemelha-se a um museu europeu, a não ser pelas palmeiras enormes de cada lado e a bandeira egípcia se agitando na entrada.

Hilal sabe que o museu se dedica a recuperar artefatos roubados e devolvê-los à terra de origem, buscando antiguidades egípcias ao redor do mundo: estátuas e joias de tumbas escavadas séculos antes, compradas, vendidas e escondidas em coleções particulares.

Se sentisse raiva com mais facilidade, Hilal talvez ficasse furioso com a hipocrisia, com a ousadia desses curadores e representantes do governo, que lutam pelos próprios interesses e descartam os direitos dos axumitas. Mas Hilal só sorri com gentileza diante de tal ironia. É outra coisa que ele reparou nas pessoas, inclusive nas de seu próprio povo: elas têm uma lista de regras para si e outra para o resto do mundo. E todas as regras podem ser violadas de acordo com a conveniência.

Na nova era, a era com a qual Hilal sonha e pela qual trabalha, só vai haver uma regra para a humanidade toda: a regra de ouro, segundo a qual Hilal tenta viver.

Isso é o que o governa, e é por isso que ele não se incomoda de violar a lei egípcia e roubar um artefato de valor inestimável do país. Leis assim foram feitas para serem violadas.

Hilal compra um ingresso para o museu e se deixa absorver pela multidão. Ignora as exposições e, em vez disso, avalia as medidas de segurança, as câmeras presas nos cantos, os fios do sistema de alarme na parede, os armários de vidro com trancas frágeis protegendo os objetos mais valiosos. Tantos pontos cegos, fora do alcance de olhos humanos e mecânicos. A segurança do museu é cheia de falhas que ele pode explorar. É quase como se *quisessem* que os itens fossem roubados. Até o manuscrito axumita, que vale mais do que todos os outros artefatos do museu juntos, fica abrigado em uma sala protegida apenas por um sistema de alarme medíocre e um tampo de vidro. Conforme o relógio se aproxima da hora de fechar, Hilal vaga em meio às pessoas olhando a exposição axumita, reparando ao mesmo tempo nas medidas tolas de segurança e nas expressões entediadas no rosto dos turistas. Eles foram ao Cairo ver estátuas elaboradas e tumbas de ouro, não um manuscrito velho e mofado em uma língua que ninguém entende. Eles não sabem o valor do que estão vendo e não merecem vê-lo, assim como o museu não merece guardá-lo. Hilal vê a liberação do manuscrito como um ato de justiça.

E vê que vai ser fácil como tirar doce de uma criança.

Hilal se mistura às sombras e passa por uma corda amarela, entrando em um corredor destinado apenas a funcionários do

museu, um corredor sem câmeras. Como se os funcionários fossem mais confiáveis do que estranhos; uma suposição gentil, mas boba. A porta do porão está fechada com um cadeado, o que não é problema. A mochila de Hilal tem vários compartimentos secretos cheios de ferramentas para qualquer situação. Ele joga no cadeado um spray de difluoretano comprimido, que congela o aço em segundos e o deixa frágil o bastante para se estilhaçar sob a pressão de um pequeno martelo. Entra na escadaria de serviço e desce até o porão, onde fica esperando até o horário de fechamento.

De algum lugar lá em cima vêm os sons dos turistas fazendo "oohs" e "aahs", de crianças chorando, de pais reclamando, de guardas patrulhando. Então, aos poucos, todos os sons somem, as luzes são apagadas, e o museu mergulha em quietude.

Hilal sai do esconderijo. Segue pelas sombras e pelos pontos cegos de segurança e vai na direção da área da exposição especial, onde o manuscrito axumita o espera debaixo do vidro. Ele passou anos apurando os sentidos e os instintos, e desenvolveu um sexto sentido animal para o perigo; consegue pressentir a presença dos seguranças. Um caminha no andar acima; um ronca no corredor a leste. Devem ser fáceis de evitar e, se não forem evitados, fáceis de se livrar.

Se não fizer diferença, ele prefere não machucar ninguém.

Mas vai fazer o que for preciso.

As luzes do teto estão desligadas, mas os itens em exposição continuam iluminados. Hilal passa por estátuas de mármore e bustos dourados, por armas antigas e entalhes divinos. Segue na ponta dos pés por salas cheias de escritas em estuque e sacerdotes de madeira. Vários rostos ele reconhece dos estudos; ali está Aquenáton, ali está a rainha Nefertiti, ali está a máscara dourada de Tutancâmon, ali está a cabeça de Hator, representada como vaca. E então, finalmente, numa salinha só dele no fim da ala oeste, está o Livro de Ouazebas, iluminado por baixo, parecendo cintilar sob a cobertura de vidro. O livro parece diferente agora que Hilal está sozinho, quase como se estivesse esperando os turistas irem embora para ganhar vida. A fechadura tem alarme, mas isso não preocupa Hilal. Ele não tem intenção de quebrá-la.

Ele tira uma lâmina fina da mochila, afiada o bastante para cortar vidro, e corta um quadrado de um tamanho suficiente para o manuscrito passar. Estica a mão e pega o livro do seu povo. Ele o imagina se aquecendo em suas mãos, como se o livro o conhecesse, como se soubesse que ele vai ser o veículo, quem vai levá-lo para casa.

Com cuidado, Hilal embrulha o livro num tecido sagrado e macio que levou e guarda o pacote na mochila, que coloca no ombro, e segue para a porta da frente. Um alicate e um corte simples em um fio são suficientes para desarmar o alarme da entrada e abrir a porta. Nem está trancada por dentro.

Hilal sabe que talvez seja um pouco de tolice, quase arrogância, sair assim, à vista de qualquer pessoa que pudesse estar olhando. Mas ele foi buscar o que pertence a seu povo, não quer sair escondido, rastejando como uma cobra. Ele é arrogante, ou no mínimo orgulhoso, e escolhe sair pela entrada principal, do jeito que entrou, sem medo nem vergonha.

Quando está passando pela porta, um guarda o vê e grita para ele parar. Hilal poderia sair rapidamente; sem dúvida, é mais rápido do que o homem corpulento armado só com um walkie-talkie antigo. Mas ele faz o que o homem manda e para.

— O que está fazendo aqui? — grita o homem com raiva. — O museu está fechado.

Hilal sorri para o guarda de forma serena e pacífica, e o sujeito mal percebe que ele está segurando sua mochila com ainda mais força.

— É que o passeio da escola foi chato, sabe? — diz ele em árabe impecável. — Fiquei a fim de tirar uma soneca em uma daquelas camas chiques de faraó que tem aí, e, quando acordei, estava tudo escuro. Bizarro, né?

O segurança olha com desconfiança, mas Hilal faz sua melhor cara de sono, fingindo a apatia e a ignorância de um estudante. O guarda só vê o que Hilal quer que ele veja: um adolescente entediado, mau aluno, sem interesse por nada, exceto por suas músicas e sua coleção de camisas.

O guarda ri.

— Não posso culpar você, garoto. Já fiz isso vez ou outra. Mas não deixe acontecer de novo, ouviu?

— Não pretendo voltar, pode deixar — diz Hilal com sinceridade.

— Também não posso culpar você por isso — repete o guarda e aperta a mão de Hilal antes de se despedir dele.

E, fácil assim, a missão é cumprida. Hilal leva o manuscrito de valor inestimável escada abaixo, para fora do museu, para a noite do Cairo.

* * *

Ele está com vontade de andar e cede à tentação, caminhando pela rua ladeada de palmeiras, absorvendo os aromas e sons da vida na cidade, mesmo a essa hora, um caos vibrante que ele raramente tem chance de vivenciar. Ele anda até Meret Basha pensando em comprar faláfel na praça Tahrir e pegar um táxi para o aeroporto. Esse é seu primeiro erro.

Hilal passou a vida isolado, estudando. Conhece inúmeras línguas de homens e máquinas; decorou sua Bíblia e a de várias outras religiões; com as machetes que carrega na mochila, poderia retalhar um batalhão de homens sem pingar uma gota de suor. De muitas formas, é sábio demais para a idade que tem. Mas, quando se trata do ritmo da vida na cidade, ele é uma criança inocente, que se distrai facilmente e é enganada por cores brilhantes e pela música louca da humanidade em grupos, um estranho em uma terra muito estranha.

Ele supõe que o barulho e a vibração que vê ao redor são normais; supõe que os gritos e berros que ouve ao longe são apenas o coração do Cairo batendo, os trovões e relâmpagos diários da vida urbana.

Mas, quando Hilal se aproxima da praça e descobre a horda pulsante de manifestantes balançando bandeiras, erguendo cartazes e entoando frases de efeito, ele percebe com o que se deparou. E, então, a multidão, como uma ameba gigante, já o engoliu.

Os cartazes proclamam ofensas ao governo, pedem renúncias; punhos são sacudidos no alto, vozes clamam por justiça, poder, liberdade. Os manifestantes são jovens e velhos, homens e mulheres, alguns de *hijab* completo, alguns de trajes modernos, todos vibrando com fúria extasiada. A praça está iluminada por holofotes do exército, e homens de uniforme passam pela massa de corpos para tentar coibir e controlar os manifestantes. Nuvens de gás lacrimogêneo explodem na multidão.

Hilal tem que sair dali.

Ele não pode arranjar problemas com as autoridades, não com a carga preciosa e ilícita que carrega. Hilal segue em meio à multidão na direção da extremidade leste da praça, tentando evitar contato visual e chamar a atenção, e quase consegue quando, por fim, a vê. É uma garota de sua idade, com vestimentas muito parecidas com as dele, só que a camisa preta dela diz *Viva com liberdade ou morra*. Está sorrindo de forma radiante, mesmo quando o soldado se aproxima e enfia o cotovelo no rosto dela. Mesmo quando cambaleia para trás com sangue escorrendo pelo nariz.

— Pare com isso! — grita Hilal sem pensar.

O soldado está levantando um cassetete acima da cabeça, está descendo-o na direção da garota, mas, antes que ele possa atingi-la de novo, Hilal arrancou a arma da mão do homem, passou-a pelo pescoço dele e está apertando com força suficiente para impedir que ele respire.

O soldado cai no chão ao lado da garota, e uma reverberação percorre a multidão. Por baixo do som do protesto, Hilal escuta a batida de botas no chão seguindo na direção dele. Mais soldados, mais problema.

Exatamente o que ele não pode ter.

Ele pega a garota, que não pesa quase nada, em seus braços fortes. Ele ouve um sussurro junto ao ouvido.

— Por aqui! Rápido!

Ele se vira, e duas figuras magras fazem sinal, uma de moletom com capuz e outra com um véu na cabeça. O garoto de moletom corre para o lado da garota e estanca o sangue do nariz dela. A manifestante de véu começa a abrir caminho em meio à multidão.

Hilal não é idiota e sabe que não deve confiar no pedido urgente de um estranho. Mas, quando um corredor se abre à frente deles, decide que o melhor a fazer é carregar o corpo inerte da garota por ali. Ele é mais do que capaz de lidar com o que o estiver esperando do outro lado e não quer deixá-la para trás, uma presa fácil para os soldados e para a multidão furiosa.

— Rápido — repete o garoto, e Hilal os segue pelo protesto, aninhando a garota nos braços como uma criancinha.

— Minha vez de segurar — diz o garoto conforme a manifestação fica para trás e eles entram em uma rua silenciosa. Ele estica os braços, mas Hilal faz que não com a cabeça. Ele é responsável pela garota; só vai soltá-la quando tiver certeza de que ela está em segurança.

— Vou levá-la em segurança para casa — diz ele para os dois estranhos.

— Em segurança? — diz a garota por trás do véu, com deboche na voz. — Em que país você mora? E acha mesmo que vamos dizer para você onde moramos?

— Seja gentil, Dalila — diz o garoto. — Ele nos ajudou. Podemos confiar nele.

— Ele fez o que quis com o soldado e fez o que quis com Rabiah. Use a cabeça, Akil. Você quer confiar nele só porque é bonito?

— Parece que você está supondo que quero sua confiança — diz Hilal. — Ou que eu seria tolo a ponto de confiar em vocês. Eu só quero deixar a garota em segurança e seguir meu caminho.

— Por que você se importa com ela? — pergunta Dalila, irritada.

— Eu me importo com a segurança de todas as pessoas — diz Hilal.

— A dela é a de que posso cuidar no momento.

— Esqueça de que país você é. De que *planeta* você é? — pergunta Dalila, e Hilal não precisa ver o rosto dela para saber que está revirando os olhos.

— Ele pode ser até de Júpiter — corta Akil. — A única coisa que importa agora é sairmos daqui e cuidarmos para que Rabiah fique bem. Você quer deixá-la em segurança? — pergunta ele a Hilal. — Então nos siga. Agora.

Hilal diz para si mesmo que um atraso momentâneo é uma coisa boa, que vai ser melhor ficar fora das ruas esta noite, atravessar a fronteira na manhã seguinte, quando os protestos tiverem cessado e ele puder seguir com cuidado pelo que restou. Esta noite, vai haver soldados patrulhando as ruas e as fronteiras; a nação vai estar em alerta máximo, e Hilal não pode se dar ao luxo de ser notado.

Para a missão, é melhor que ele espere.

Ele não vai permitir que nada o distraia nem que esses estranhos ou a causa que defendem interfiram na dele.

A garota de corpo cálido que se mexe em seus braços não é especial; ele só vai ajudá-la, da mesma forma que ajudaria qualquer criatura viva com dor ou necessitada; depois, vai para casa.

Os estranhos entram em vielas escuras, uma atrás da outra, e seguem um caminho impossivelmente labiríntico pela noite do Cairo. Hilal vai atrás.

* * *

Eles são sete, todos universitários, todos integrantes de um grupo político liberal que pouco antes foi declarado ilegal pelo governo. Usam o lugar — um apartamento imundo em um prédio na entrada da favela, uma construção que parece abandonada e condenada — como quartel-general e como abrigo. Fede a coentro e suor.

Rabiah é a líder e uma das principais articuladoras da manifestação. Está deitada em um sofá rasgado, com uma toalha quente na testa e dando ordens aos outros; o protesto ainda não acabou, mas já estão fazendo planos para outro.

Eles ofereceram uma cama para Hilal passar a noite. Na verdade, não passa de um local no chão e um cobertor fino. Por gratidão, diz Rabiah, por ajudar a causa.

É assim que ela expressa. Não “me ajudar”, mas “ajudar a causa”. Como se fossem a mesma coisa.

— E qual é a sua causa? — pergunta Hilal.

Ele fala com sotaque suficiente para que pensem que ele é de outro lugar.

Todos param de falar e olham para Hilal como se ele fosse um idiota.
— Você não lê jornal? — pergunta Akil.

Akil não sai do lado de Rabiah, e, pela forma como a encara e toca nela a cada oportunidade, Hilal percebe que ele está apaixonado. Pela forma como Rabiah olha para ele, ou melhor, olha através dele, Hilal percebe que ela nem faz ideia. E, se fizesse, talvez não desse bola para ele.

— Você não vive? — pergunta Rabiah. — Não respira?

Hilal vive e respira enclausurado, em isolamento. Mesmo seu tempo como missionário foi intensamente concentrado no local, não no global. Ele tem conhecimento enciclopédico do mundo antigo, das forças e fraquezas do corpo humano, de detalhes dos mitos e tradições das divindades por todo o globo, e dos eventos internacionais que podem significar ações relacionadas ao Endgame: conflitos entre linhagens ou uma mensagem das estrelas. Seu conhecimento de temas insignificantes de política nacional é um tanto... incompleto.

— Hoje é aniversário da revolução — explica Dalila. Ela retirou o véu, deixando à mostra um rosto macio e redondo, e olhos castanhos grandes e simpáticos que contradizem a rispidez em sua voz. — Um ano se passa, e mais outro, e nada muda.

— Nada nunca vai mudar, a não ser que muitos de nós levantem a voz para insistir — diz Rabiah. Ela está deitada e com um feio hematoma roxo crescendo no rosto, mas mesmo assim ainda irradia força.

Os outros se juntam e começam a soltar seus ressentimentos contra o governo, os sonhos de um novo Egito, uma democracia verdadeira governada por leis justas. Um fim à opressão, um fim à corrupção, Rabiah lhe diz com o olhar inflamado. Liberdade de expressão. Salários justos. Leis antidiscriminação.

— Igualdade para as mulheres — diz Dalila.

— Igualdade para todo mundo — acrescenta Farid, um garoto com olhar intenso e barba bem-aparada. Ele passa o braço pela cintura da jovem ao seu lado, e eles sorriem um para o outro.

— E vocês acreditam que podem conseguir tudo isso com uma noite de protestos? — pergunta Hilal. Ele sabe que entende pouco de

política, mas isso lhe parece pouco provável.

— Uma noite? — Rabiah ri. — Isso é só o começo, meu ingênuo amigo. Isso não é uma noite; é um *movimento*. E vamos mover montanhas.

— Parece um esforço nobre — diz Hilal. — Desejo sorte a vocês.

— Não é questão de sorte — diz Rabiah. — É trabalho árduo. E aí? Que tal?

— Como?

— Que tal se juntar? — pergunta ela. — Você sabe lutar, isso ficou óbvio, e não é covarde. Você fala bem, é bonito...

Dalila tosse.

— Isso que eu chamo de eufemismo.

Os outros riem, mas não Rabiah.

— Exato. Você é absurdamente bonito, Hilal, e as pessoas são superficiais. Elas reagem a isso. Você pode nos ser útil. Temos uma manifestação amanhã à tarde em frente à universidade; você poderia...

— Não, obrigado. — Hilal segura a mochila contra o peito, assegurando-se de que o manuscrito ainda estava em segurança ali dentro. Ele precisa levar o livro de volta para a Etiópia, para Eben. No momento, essa tem que ser sua única prioridade. — Desejo sorte na luta, mas preciso voltar para casa, para a minha luta.

— Você tem uma coisa mais importante para fazer do que mudar o mundo?

— Prefiro efetuar a mudança sem lutar — diz Hilal.

— Isso não existe.

— Eu discordo.

Hilal é educado, mas firme. E é aí que as coisas se complicam: é claro que Hilal é um lutador; ele treina e se prepara para a maior luta de todas. Porém, sua batalha é uma batalha maior, uma batalha *pela* humanidade, em vez de em meio a ela. Hilal acredita no sentido do que diz, o sentido que o motiva a fazer o que faz.

— Escolher lados, travar uma batalha, essas coisas podem ser distrações. Quem recebe a ajuda *hoje*, enquanto vocês saem por aí com cartazes e gritando frases de protesto? Enquanto vocês pedem justiça para os pobres, quem vai alimentá-los e vesti-los?

Rabiah ri com deboche.

— Ah... você é um desses.

— Pare de pegar no pé dele — diz Akil.

— Não, não vou parar de pegar no pé dele. Ele é tudo o que há de errado com esse mundo. — Rabiah olha Hilal de cima a baixo. — Deixe-me adivinhar: você é algum tipo de benfeitor religioso.

— Eu tento, sim, fazer o bem — concede Hilal.

— É missionário? — adivinha ela. — Acha que pode levar o Senhor a um bando de infiéis?

— Não categorizo as coisas assim — protesta Hilal. — Eu compartilho a verdade antiga da forma que a compreendo, sim. E também compartilho comida, roupas e remédios. Eu *ajudo* pessoas.

— Você se ajuda a se sentir melhor — diz Rabiah. — É isso. Se quisesse mesmo ajudar as pessoas, mudaria o sistema que tira delas a chance de comer, vestir roupas e tomar remédios. Você se posicionaria, lutaria por alguma coisa. Em vez de alimentar os pobres, você trabalharia para acabar com a fome.

— Você faz coisas complicadas parecerem simples — diz Hilal —, mas isso não as torna simples.

— Certo, então me diga — desafia Rabiah. — Todas essas pessoas que você supostamente ajudou, elas estão melhor agora do que antes? Você deu a elas algumas refeições, alguns remédios, mas e *estruturalmente? Politicamente? Alguma coisa* está diferente? Você mudou alguma coisa? Ou só fez algumas orações e seguiu seu caminho?

Hilal não quer mais discutir com ela.

Hilal não pode discutir com ela.

Essa garota é irritante, mas ele respeita sua paixão e admira sua convicção. Acredita que, no fundo, eles são mais parecidos do que ela imagina, os dois comprometidos a salvar seu povo, a criar um novo mundo. Ele quase tem inveja, apesar da aparente futilidade da luta que ela trava, porque a batalha dela é *agora*. “Devemos passar cada dia salvando o mundo”, Eben sempre diz, mas ele também diz: “Você precisa se salvar para a batalha final”, e, para Hilal, essas duas diretrizes são cada vez mais difíceis de conciliar.

Às vezes, ele se cansa de esperar.

— Você está me ouvindo, não está? — pergunta Rabiah, com o sorriso de alguém que sabe exatamente o quanto é boa em fazer as pessoas ouvirem. — Estou chegando lá.

— Obrigado pela hospitalidade — diz Hilal. Ela vai pensar que ele está com medo de ouvi-la falar mais, que duvida de seu comprometimento com a causa. Talvez esteja certa. — Preciso dormir agora e me preparar para a viagem de amanhã. Como falei antes, desejo sorte na sua empreitada.

Apesar da provocação dela, ele não diz mais nada, e Rabiah finalmente desiste. Akil mostra a Hilal um quarto nos fundos, onde ele poderá se deitar e dormir um pouco. Ele usa a mochila como travesseiro.

— Não ligue para ela — diz Akil. — Essas coisas a deixam muito exaltada. Ela não consegue ver nada além da causa. Não consegue ver que outras pessoas podem... se importar com mais do que uma coisa apenas. Que às vezes as pessoas são tão importantes quanto os sistemas. — Ele franze o cenho, olha ao longe, como se observasse algo que o faz sofrer se aproximando. — Às vezes, acho que ela não entende as pessoas.

— Ela vê o todo — diz Hilal. — Às vezes, isso é necessário.

Akil sai para deixá-lo dormir, mas, quando Hilal fecha os olhos, o sono não vem. Ele pensa no todo de sua vida, no Endgame, nos Criadores e no juramento feito por gerações de axumitas de que defenderiam a verdade antiga e protegeriam a linhagem a qualquer custo.

Ele pensa no vilarejo que deixou para trás e nas pessoas que não conseguiu ajudar. Que, mesmo que ele tivesse oferecido uma cura para a peste, isso não as teria salvado da pobreza; não teria mudado o sistema ou o futuro delas. Hilal pensa em como se recusou a intervir nas mesquinhas brigas humanas sobre política e governo e que talvez Rabiah esteja certa, que isso seja ingenuidade. Isso está errado.

Ele escuta o murmúrio de vozes atrás da porta, alunos impotentes planejando assumir o controle de uma nação, e não sentados, esperando que a guerra chegue a eles, esperando que o destino

bata à porta, mas sim criando seu próprio momento na história.

Escolhendo o *agora*.

Hilal lembra a si mesmo que serve a uma causa maior e que deveria ficar agradecido por isso.

Mas, esta noite, na escuridão inquieta, ele inveja Rabiah, os amigos dela e a luta infrutífera que travam.

Ele quase lamenta ter que ir embora ao amanhecer.

* * *

Quando a gritaria começa, Hilal pensa que está sonhando.

Seus sonhos andam cheios de horrores, gritos, tiros e chamadas.

Mas não é um sonho. É o abrigo que está em perigo, repleto de soldados derrubando portas com armas empunhadas e de manifestantes corajosos se escondendo em armários e embaixo da mobília — são lutadores que não fazem ideia de como lutar.

Antes de estar totalmente desperto, Hilal já está de pé, com uma machete em cada mão. São suas armas favoritas, lâminas mortais que parecem ser extensão dos membros, da própria alma. A palavra *ódio* está inscrita na lâmina que ele tem na mão esquerda. Na outra, a palavra *amor*.

Hilal detesta violência.

Mas é muito, muito bom nela.

Ele chega à sala e encontra quatro soldados empurrando jovens algemados contra a parede. Akil está ao lado dos soldados, livre. Envergonhado. Hilal, que não tem dificuldade para ver o interior das pessoas — e às vezes o faz até bem demais —, entende na mesma hora o que aconteceu. Akil os traiu.

— Vou pedir só uma vez para vocês largarem as armas — diz Hilal aos soldados, com educação, mas com firmeza. — Convido vocês a saírem deste lugar. Agora.

Os soldados se viram para ele, mas Hilal já está em movimento, suas machetes já cortam o ar. Tiros soam pelo apartamento, abrem buracos no gesso barato, mas Hilal se esquivava das balas, se abaixa, gira e corta um soldado do ombro até o quadril. Enquanto bate com

o pé na barriga macia do segundo, abre um ferimento sangrento no ombro do terceiro, depois gira, pula por cima dos dois e cai com força no quarto, derrubando-o no chão.

Ele não quer matar esses homens, mas vai matar se precisar.

— Recuar! — gritam eles uns para os outros, enquanto Hilal derruba uma arma atrás da outra das mãos deles, chutando-as pela sala, desarmando e incapacitando todos exceto o primeiro soldado, que está com o ferimento aberto no peito.

Hilal acha que ele está sangrando e machucado demais para ser um ameaça, e assim, comete o segundo erro: vira-se de costas para o homem.

Hilal não o vê cambaleiar até ficar de pé, segurar Rabiah pelo pescoço e apontar a arma para a cabeça dela.

— Largue as facas, senão ela morre.

— Você acha que temos medo de você, seu porco? — Rabiah luta nas mãos dele, inabalada pelo cano de aço contra a têmpora. — Acha que pode nos impedir? Nós somos muitos, vocês não vão conseguir.

— Você disse que não a machucaria — berra Akil.

— Cale a boca.

O soldado está recuando com Rabiah. Hilal calcula as variáveis: a distância até a arma mais próxima, a distância entre as machetes e os soldados, a distância entre o cano da arma e a têmpora de Rabiah.

Ele coloca as machetes ao lado dos pés.

Não vai arriscar a vida dela.

— Esta aqui está presa — diz o soldado enquanto os colegas se juntam a ele na porta e saem do apartamento. — Vamos voltar para buscar o resto de vocês.

* * *

— Você fez isso. — Dalila está apontando para Akil. — Se virou contra nós, não foi? Contou para eles o que estávamos fazendo, onde nos encontrar!

Akil está encolhido no chão, arrasado.

— Eles me ameaçaram. Ameaçaram minha família. Você não entende.

— Babaca — corta Farid, o garoto de barba que estava com Rabiah.

— Ela não gostava de você, então você quis puni-la. E a todos nós. É simples assim.

Akil se levanta.

— Vocês são todos idiotas se pensam que podem vencer isso. Não estamos falando de Davi e Golias. Isso aqui não é um conto de fadas com final feliz. É o governo. O *exército*. E nós somos um bando de garotos que não sabem nem disparar uma arma. Fiquem aqui e lutem essa guerra imbecil até a morte, se quiserem. O que eu quero é ficar vivo.

Hilal vê Akil ir embora. Ninguém o impede.

Agora, Dalila se vira para Hilal.

— Você... Como você fez aquilo? — pergunta ela. — Como enfrentou todos aqueles soldados?

— Acho que o que ela quer dizer é "obrigado" — diz Farid.

— Não, eu quero dizer: quem é você, afinal?

Hilal baixa a cabeça.

— Eu não sou ninguém.

— Acho que você devia ir embora — diz Dalila.

Farid se vira para ela.

— Você está de brincadeira? Esse cara é uma espécie de exército de um homem só, e você quer jogá-lo na rua? Hilal, diga que mudou de ideia, que vai se juntar a nós.

— Eu...

— Você está louco? — grita Dalila. — Agora não é hora de confiar em estranhos! Ainda mais depois de Akil!

— Akil é um verme. Mas Hilal é... sabe-se lá quem ele é, mas obviamente está do nosso lado.

Em pouco tempo, a sala é tomada por vozes exaltadas, todos emitindo opiniões do que fazer em seguida, de como acabar com traidores em potencial, se devem ceder ou lutar mais, gritar mais alto, seguir em frente.

Hilal vê como Rabiah é essencial a esse movimento, como sua segurança dava coesão ao grupo; como eles ficam perdidos sem ela. — O que vai acontecer com Rabiah? — pergunta ele, com a voz cortando o clamor.

Eles ficam em silêncio.

— Eles vão levá-la para a prisão — diz Dalila baixinho. — Não vai haver julgamento. Ou, se houver, vai ser só de fachada. E, quando estiver presa, as coisas que vão fazer com ela...

— Não vamos deixar que isso aconteça — diz Farid com determinação. — Vamos tirá-la de lá. Nós precisamos dela.

A vontade deles é evidente; Hilal acredita que eles queiram salvar a líder. Até acredita que tentem isso mesmo.

E que sem dúvida vão acabar mortos.

* * *

Hilal já salvou a vida de Rabiah uma vez. Por tradição axumita, isso a torna responsabilidade dele. Espiritualmente, ela agora é da linhagem dele.

Ao ficar mais um dia no Cairo averiguando onde certa prisioneira política pode estar detida, ele só está fazendo o que deve. É o que diz a si mesmo.

Ele diz ao mestre apenas que houve complicações inesperadas e que voltará para casa em breve. Como a linha telefônica pela qual eles se comunicam não é segura, Eben não faz perguntas. Talvez seja melhor assim.

Ao subornar dois soldados com dólares americanos que levou para o caso de uma emergência, Hilal descobre o paradeiro de Rabiah com facilidade. Em seguida, observa o complexo presidiário. A prisão de Tora fica no sul do Cairo. É dividida em sete blocos e recebe tanto ativistas quanto assassinos. Hilal gasta mais alguns dólares e fica sabendo que Rabiah está em uma cela com um grupo de detentos antigos, todos opositores do governo, alguns atrás das grades há anos. Descobre que Rabiah é culpada, assim como todos os manifestantes, de violar uma lei que proíbe grupos de mais de 10

peças de se reunirem em espaços públicos, e que provavelmente vão usá-la para mandar um recado para os outros manifestantes, um exemplo do que não deve ser feito. A captura dela é um golpe. Ele descobre que a prisão é guardada por tanques, guaritas com metralhadoras e portões com arame farpado eletrificado, e que é considerada impenetrável. Tudo o que o museu de antiguidades não era, mas ele foi para o Egito com ferramentas e habilidade para invadir qualquer instalação, por mais segura que seja. Ele está preparado.

Ainda assim... Hilal considera deixar o manuscrito em algum lugar seguro, longe da prisão, para o caso de algo inesperado acontecer, algo fora do controle.

Ele considera deixar o plano de lado e voltar para casa.

Sem dúvida, seria a vontade do seu mestre, além de ser o que sempre foi ensinado a Hilal. A pensar no todo. A preservar a humanidade toda. A ficar longe das brigas dos outros, a se salvar para a guerra final.

Isso é prudente, é o jeito axumita.

Rabiah pode ser sua obrigação moral, mas também é uma estranha, uma pessoa que sabia as possíveis consequências de suas ações, que tem uma legião devotada de seguidores que têm muito mais motivos do que Hilal para se arriscar pela segurança dela.

Mas, sempre que Hilal pensa em deixar o Cairo, ele se lembra da dor de deixar pessoas para trás. De valorizar a própria vida em detrimento da vida dos outros. Ele se lembra dos rostos do povo do vilarejo, procurando nele socorro, acreditando que ele era o salvador. Eben diria que Hilal tem a própria batalha para lutar, mas quem pode dizer que essa futura batalha hipotética é mais importante do que a de Rabiah, que é real, que é *agora*?

“Você”, diria Eben, e talvez estivesse certo, porque a infelicidade dessas pessoas é pouca em comparação ao potencial extermínio de bilhões.

Hilal não pode argumentar com a voz fantasma do mestre.

Mas pode silenciá-la.

Ele pode jurar para si mesmo que o risco é baixo, que a causa é justa, que pode ajudar a causa de Rabiah sem pôr a sua em perigo.

Que talvez ele possa redimir traições passadas dando um futuro a Rabiah e ao povo dela.

Ele coloca o livro antigo na mochila; pela lógica, seria mais seguro se o deixasse em algum lugar, mas não consegue suportar a ideia da distância. O livro o chama, *quer* estar com ele. E assim será. Ele põe a mochila nos ombros e, quando a noite cai, contorna a prisão, encontra a falha na defesa, um trecho nas sombras longe de câmeras e de guardas, e, aplicando adesivos nas mãos e nos tênis, escala o muro externo em exatos 90 segundos.

Do outro lado do muro, pega a zarabatana de madeira entalhada à mão, espia pela mira a laser e dispara um dardo no pescoço do homem. O disparo não é letal; Hilal prefere não matar, a não ser que precise. Em segundos, a neurotoxina se infiltra no sangue, e o guarda cai no chão sem fazer barulho. Ele vai acordar em algumas horas com uma dor de cabeça lancinante, mas sem efeitos a longo prazo nem ideia do quanto chegou perto da morte.

Hilal vai em frente.

Ele dispara dardos em várias outras pessoas e as tira da jogada com eficiência, uma a uma. Para as duas câmeras de segurança que não tem como evitar, ele escolhe uma solução menos tecnológica e quebra as lentes com duas pedrinhas bem-miradas. Então, escala outro muro e desarma o motor de um tanque quando a motorista está distraída com o celular, gritando com o namorado por tê-la deixado esperando na noite anterior. Ele adentra cada vez mais o complexo da prisão, ciente, a cada passo, de que está aumentando a distância e colocando mais muros e mais balas entre si e a segurança.

Quando Hilal chega ao bloco onde, de acordo com suas fontes, Rabiah está presa, observa os dois guardas na entrada e avalia suas opções. Depois de alguns minutos, um deles desce da guarita elevada e se embrenha na escuridão, abrindo a calça para urinar. Hilal se aproxima por trás e dá um mata-leão no homem, apertando seu pescoço como se fosse um torno. Trinta segundos depois, o homem está inconsciente, e em mais trinta Hilal está com o uniforme do guarda, que não vestiu muito bem, e de crachá no pescoço.

Ele arrasta o corpo mais para as sombras e o larga atrás de um latão de lixo, mas a ausência vai ser notada mais cedo ou mais tarde. O tempo urge. Para estendê-lo um pouco mais, Hilal aciona um pequeno aparato eletromagnético que vai interromper qualquer sinal elétrico ou sem fio na vizinhança imediata, de forma que, mesmo que os guardas que sobraram reparem em algo estranho, vão encontrar dificuldade para disparar o alarme. Ele mesmo projetou o aparato. Às vezes, um homem precisa de mais do que pedrinhas, disse ele ao mestre.

Mantendo a cabeça baixa, Hilal entra na prisão destrancando uma porta após outra com o cartão do vigia que nocauteou. Encontra apenas alguns guardas no caminho, e nenhum deles presta atenção no homem alto e jovem passando. Atrás de algumas celas, ele ouve gritos de dor, súplicas de *pare*, berros sem palavras que dizem a mesma coisa, tantas almas precisando de salvamento, mas Hilal se obriga a seguir em frente. Ele foi ensinado a escolher suas batalhas. A cela de Rabiah fica exatamente onde deveria.

Ela está caída no chão imundo, com a cabeça nos joelhos, e não se dá ao trabalho de olhar quando ele entra.

— Eu já falei, não estou nem aí para o que você vai fazer comigo. Não vou entregar o meu povo.

— Eu jamais pediria que você fizesse isso — diz Hilal com gentileza. Rabiah ergue o olhar... e sorri para ele da forma mais radiante que já se viu. Parece aquecer a cela imunda, iluminar o chão frio com um brilho sagrado. O sorriso incorpora a verdade antiga que Hilal lutou toda a vida para entender e compartilhar: que todos os seres humanos têm um toque do divino.

— Você? Aqui? — diz Rabiah, impressionada. — Como isso é possível?

— Eu vim buscar você — responde Hilal, sereno. — Qualquer coisa é possível se você desejar o bastante.

— Isso não é exatamente uma resposta. Mas tudo bem, esqueça o como. *Por que você está aqui?* — Ela baixa a voz até virar um sussurro. — Você está maluco? E se pegarem você?

— Realmente. Por isso temos que ir rápido.

— Que ótimo, então me passa.

— Passar o quê?

— A mensagem. Não mandaram nenhuma mensagem?

— Quem? — pergunta Hilal, agora confuso.

— Meu povo. Ou eles querem informação? Já posso dizer muita coisa: a disposição da prisão, os horários dos turnos dos guardas, os nomes dos outros prisioneiros. Estou de olho em tudo. Eu sabia que encontrariam um jeito de fazer contato, só não achei que seria...

Hilal levanta a mão para fazer o fluxo de palavras parar. Estão jorrando dela como água de um cano rompido, e ele tenta imaginar como deve ter sido para ela ficar ali, hora após hora, engolindo as palavras, ficando em silêncio mesmo com todas as coerções.

— Ninguém mandou mensagem. Ninguém me enviou — explica ele.

— Eu vim sozinho para tirar você daqui. Mas temos que ir rápido!

— Você veio me salvar? Mas você nem me conhece.

— Conheço o bastante — diz Hilal, porque não há tempo para explicar suas motivações, a admiração que ele sente por ela e pelo compromisso que tem com a causa, as camadas de culpa que não têm nada a ver com ela, a responsabilidade que ele decidiu assumir pela vida dela, o conceito de linhagem espiritual, a guerra entre seu bom senso e sua necessidade de sair do canto e *agir*, a forma como ela lhe é, ao mesmo tempo, estranha e totalmente familiar. Hilal também é guerreiro; ele também dedicou a vida a uma única causa com intensidade monástica, mas também se treinou na tolerância e na igualdade, no controle da paz interior quando tudo ao redor está um caos, em manter longe o mundo e sua confusão. Rabiah adora a confusão, anseia por ela, e, por mais estranha que ela seja, Hilal a admira um pouco por isso.

Rabiah balança a cabeça.

— Não. Se você soubesse o mínimo sobre mim, saberia que não vou a lugar algum com você. Não preciso ser salva. Não quero ser salva.

— Não entendo.

— É claro. — O sorriso sumiu agora, mas ela está vibrando com mais intensidade, iluminada pela própria certeza. — Eu não fiz nada de errado e não vou ser uma fugitiva na minha própria casa. Não vou para o exílio nem ficar escondida. Posso fazer diferença *aqui*. As

peças vão saber minha história. Mesmo que eu não consiga falar, elas vão ouvir minha voz.

— Isso não faz sentido — diz Hilal. Ele descobriu coisas enquanto tentava conseguir acesso à prisão; ouviu boatos sobre as coisas feitas ali em nome da justiça. Ouviu falar de pessoas perdidas naquela escuridão que nunca mais encontram o caminho da luz. Ele ouviu seus gritos. — Seu povo precisa de você. O que vão ser sem sua liderança? Como a sua causa vai triunfar sem você lá para lutar por ela?

— Vou lutar por ela daqui, Hilal. E meu povo vai continuar sem mim. O movimento é maior do que qualquer voz individual. Você não ficou tempo suficiente com a gente para ver isso, mas fique mais um pouco e vai ver. Eu prometo.

— E, enquanto eles lutam, o que você vai fazer? Há menos dignidade no martírio do que você imagina. E mais dor.

— É isso que seu Deus diria?

Hilal conhece o poder de uma história, o poder de um sacrifício. Pode ecoar pelas eras; pode mudar o mundo. Mas também pode não fazer sentido nem ter um propósito. Nenhuma história vale a vida daquela garota.

Rabiah se levanta e vai até ele. Segura suas mãos. As mãos de Hilal são seu único orgulho. São lindas. Impecáveis. Ele as massageia diariamente com óleos e extratos, lixa cada unha até ficar como uma lua crescente lisa, as protege de cicatrizes e calos. A pele macia e imaculada só é alterada por uma pequena cruz queimada na base da mão direita. Rabiah passa o polegar pelas linhas finas e o encara.

— Não tenho intenção de ser mártir, Hilal — diz ela. Eles são estranhos um para o outro, mas, neste momento, ele sente como se a conhecesse desde sempre. Como se, de alguma forma, eles fossem um só. — Pretendo continuar minha luta. Fazer barulho. Deixar que façam de mim um exemplo; eu pretendo *me tornar* um exemplo. Não pretendo morrer, mas... Não tem nada pelo que você arriscaria tudo, Hilal? Não tem nada pelo que você morreria, se precisasse?

Hilal tem uma epifania, no significado mais verdadeiro da palavra, e a compreensão se abate sobre ele como uma nuvem de cogumelo.

Essa luta é o Endgame dela.
Ele não tem escolha além de deixá-la Jogar.

* * *

Hilal tinha seis anos quando se despediu dos pais, irmãos e irmãs para começar a nova vida. O estudo. O treinamento. A dedicação à verdade antiga. Todo o resto, tudo o que era menor, foi afastado. Ele tinha seis anos quando o mestre o chamou e contou a história dos Criadores, que vieram do alto para imbuir à humanidade uma fagulha divina e partiram de forma misteriosa e abrupta, deixando apenas a promessa solene de um dia voltar.

Ele era novo demais para entender o que estava aceitando, mas velho o bastante para saber o que uma promessa queria dizer. Ele só sabia que teria que deixar tudo o que ele conhecia e amava para trás. Um Jogador não podia ter ligações pessoais. O Jogador axumita deve pertencer a todos e a ninguém, disse o mestre Eben. Precisa amar a humanidade, mas também ser livre dela.

Todos os anos, em seu aniversário, seu mestre voltava a contar a história dos Criadores dos céus e perguntava:

— Você jura sua vida a essa causa? A lutar pela sobrevivência da linhagem axumita quando o Endgame chegar? A lutar todos os dias pela alma da humanidade?

Todos os anos, Hilal entendia um pouco mais, sabia melhor o que estava prometendo e sacrificando, e, todos os anos, ele assentia para o mestre e fazia seu juramento solene.

Todos os anos até seu 13^o aniversário, quando o mestre fez a pergunta pela última vez. Foi o ano em que Hilal chegou à idade, deixou de ser criança. Foi o ano em que se tornou homem e Jogador, e seu juramento o acompanharia pelo resto dos dias.

Eles estavam sozinhos na Igreja do Concílio, e Hilal conseguia sentir o poder daquele objeto sagrado enterrado fundo no solo abaixo deles: a Arca da Aliança, protegida pelos axumitas durante incontáveis gerações. Fazer uma promessa na presença da arca era

se unir à divindade; era uma promessa que não seria, não poderia ser rompida.

Hilal passou sete anos se preparando para o dia. Estudando e treinando, aprendendo totalmente o que significava ser o Jogador axumita; ele aguentou muita dor e provocou dor em outros. Ele sabia que, se o Endgame acontecesse durante o período dele, provavelmente haveria mais dor do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar. Haveria perigo; poderia haver morte.

Mas ele não hesitou.

— Eu juro — disse, à sombra da cruz, na aura da aliança. Não senti medo, só o êxtase de se entregar a um poder maior. De se entregar ao máximo. — Eu juro me dedicar a essa luta. Ao Endgame.

* * *

Como prometeu naquele dia, ele vai agora voltar para casa, para a Etiópia, e para seu mestre; vai completar sua missão. Rabiah fez a mesma promessa para seu povo e sua luta, e ele precisa deixá-la para viver o destino dela, seja lá qual for.

Assim, ele sai da prisão tão sorrateiramente quanto entrou. Nenhum alarme é disparado; nenhum mal acontece a ninguém.

Hilal se afasta da prisão de Tora e continua andando. Anda a noite toda, quilômetro após quilômetro, e, apesar de as luzes da cidade bloquearem as estrelas, consegue sentir a presença alerta delas. Ele inspira o ar da noite, sente a terra abaixo de si e tenta concentrar a mente no futuro, e não no passado. Quando amanhece, ele pega o que restou dos dólares americanos e oferece ao motorista do primeiro Jeep que encontra.

A oferta é aceita.

Hilal se senta ao volante e dirige para o sul. Dia e noite ele dirige, atravessa a fronteira sudanesa de barca até Wadi Halfa e vai abrindo caminho com o charme, o passaporte falso e um sorriso gentil, indo cada vez mais para o sul, atravessando Dongola, Al Dabbah e Cartum, pelo Parque Nacional Dinder, com os pneus engolindo o asfalto rachado, o zumbido do motor e o rugido do vento afastando

todos os pensamentos da mente, a paisagem se transformando aos poucos nos contornos de casa, até que, por fim, quase quatro dias e quatro noites depois, ele chega à Igreja do Concílio, onde o mestre o espera.

— Eu estava começando a me preocupar — diz Eben, aninhando o Livro de Ouazebas como se fosse uma criatura viva, preciosa e frágil.

— Você encontrou problemas inesperados?

— A vida é feita do inesperado — responde Hilal, repetindo um dos dizeres favoritos do mestre. — É o maior presente dela.

Eben sorri.

— É verdade. Você agiu bem por nós, meu Jogador. E a viagem parece lhe ter feito bem. Você parece mais tranquilo do que nunca. Sinto que seu coração não está mais distante.

— Meu coração está aqui — concorda Hilal, sentindo a verdade das palavras do mestre e das suas. — Minha vida é aqui.

Hilal volta a se dedicar aos textos antigos e às armas modernas, aos estudos e aos treinamentos. No Cairo, os protestos continuam.

Como Rabiah esperava, seu povo segue em frente na ausência dela e executa os planos. Como ele esperava, eles não conseguem libertá-la, ou talvez tenham conseguido o mesmo que ele, mas ela tenha se recusado a ser salva outra vez.

É declarada lei marcial; soldados patrulham as ruas; universitários, executivos, líderes religiosos e famílias se reúnem na praça Tahrir noite após noite, erguendo cartazes e vozes ao céu. A comunidade internacional também ergue a voz em apoio ao protesto e a seus líderes, e o nome de Rabiah circula pelo globo, um sinal de opressão — e esperança.

Hilal vê tudo na TV.

Agora, Hilal vê muitas coisas na TV: noticiários do mundo todo, notícias de brigas políticas locais, de opressão, pobreza, doenças e guerra. Essas atualizações são irrelevantes para o Endgame e para seus objetivos finais, mas ele assiste a tudo mesmo assim. De repente, fica sintonizado com um mundo além do mundo que sempre conheceu. Ele passou a vida concentrado no passado antigo e no futuro imaginado; agora, presta uma nova atenção ao presente. Ele vê os efeitos da degradação ambiental, os tsunamis, os

terremotos e as pragas na agricultura. Vê crianças obrigadas a fazer trabalho escravo e crianças obrigadas a entrar em batalha. Vê vilarejos queimados, tribos exterminadas; vê divergências silenciadas, líderes de partidos de oposição jogados na prisão ou assassinados nas ruas. Vê o mundo terminando, não em um único golpe apocalíptico vindo dos céus, mas gradualmente, aos poucos, de mil maneiras ao mesmo tempo.

Ele ouve as vozes que gritam em protesto.

Hilal não se permite querer se juntar a eles. Não se permite questionar como poderia contribuir para essas lutas se já não tivesse a sua. Na verdade, está mais comprometido do que nunca com o Endgame, com seu mestre, com a verdade antiga. Nesse sentido, nada mudou.

Mas, em outro sentido, tudo mudou.

Hilal nunca pensou muito sobre a vida depois que seus dias de Jogador acabarem. No máximo, imaginou que vai seguir os passos do mestre. Eben já foi o Jogador e agora ajuda os outros a fazer o mesmo. Mora sozinho, medita, reza, fica separado da humanidade, ama a todos igualmente e ninguém em particular. É uma vida nobre, e isso lhe basta, assim como bastou para os Jogadores axumitas por todas as eras.

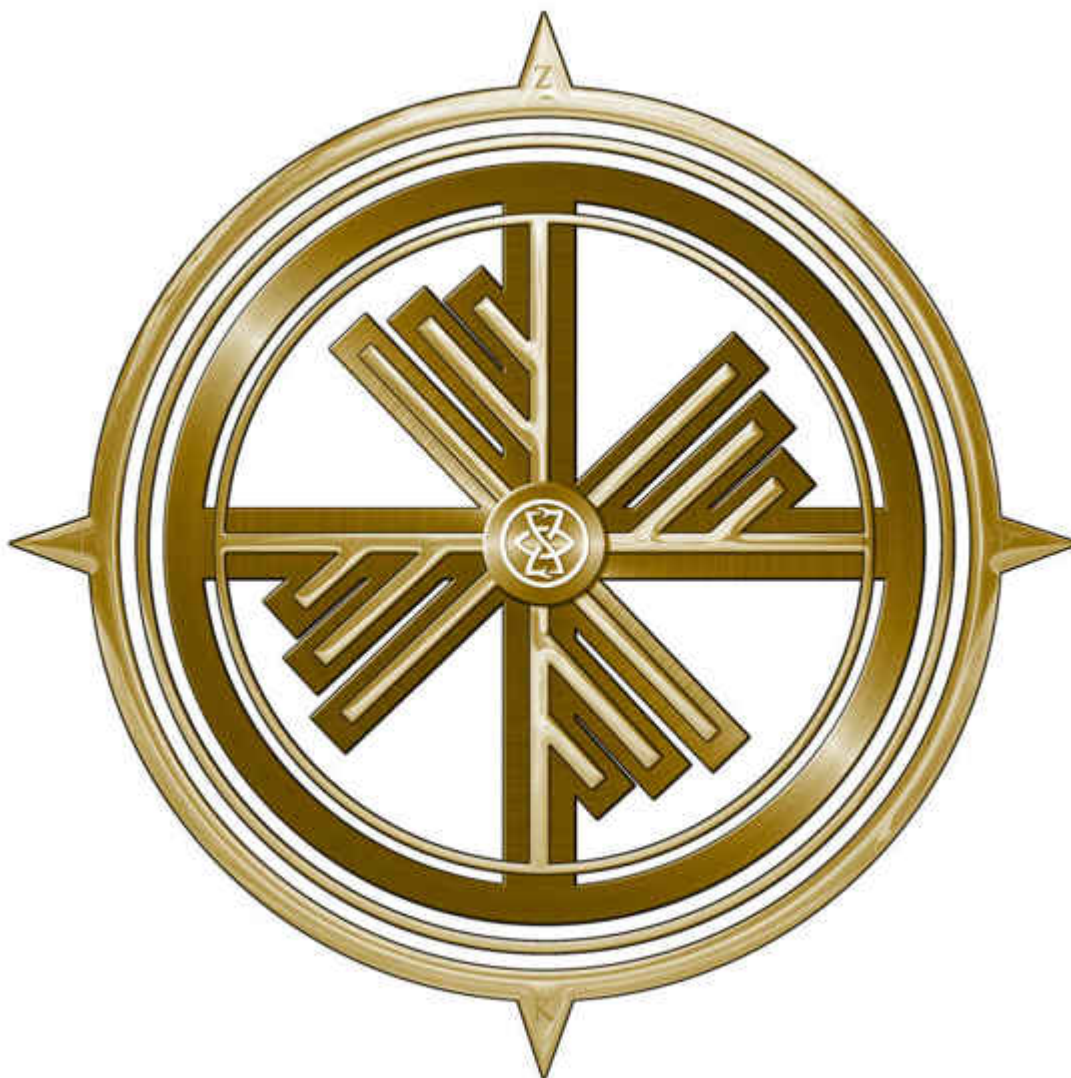
Hilal precisa de mais.

Ele vai Jogar. Vai dar a essa vida tudo o que tem. Vai cumprir a promessa ao propósito maior, até chegar ao fim do período e seu tempo de Jogador acabar. Depois, ficará livre para escolher novamente, e agora faz uma nova promessa: quando a hora chegar, ele vai escolher a confusão, o caos da vida. Vai parar de olhar de longe e vai escolher um lado, escolher um povo, talvez até escolher uma *pessoa*; vai amar e lutar; vai se arriscar pelo que acreditar ser certo. Vai desviar o olhar da promessa de um futuro perfeito e observar o presente cheio de defeitos.

Ele sempre vai lutar pela humanidade. E, um dia, por fim, vai se juntar a ela.

Cahokiana

SARAH



Enquanto viver, Sarah Alopay nunca vai esquecer os gritos do irmão. São abafados pelas paredes de aço que o encerram, mas ela consegue ouvir mesmo assim. Sarah está do outro lado de uma

porta de seis polegadas de espessura, com a mão espalmada no metal frio, lágrimas escorrendo pelo rosto. Samuel Orozco, o treinador de dor do irmão, está sentado ereto em uma cadeira dobrável ao lado dela, os olhos grudados no cronômetro.

Samuel não aprova a presença de Sarah, que tem catorze anos, mas ela insistiu, e os pais concordaram, então ele não teve escolha.

Para ela, boa parte do treinamento de Tate é um mistério.

Ela sabe do Endgame, sabe que o irmão mais velho é o Jogador, que o destino da linhagem cahokiana está nos ombros dele. Sabe que ele passa dias ou semanas seguidos em lugares misteriosos e volta com hematomas e cicatrizes, além de sempre trazer uma lembrança cafona para a irmã mais nova. Sabe que Tate é forte, corajoso e que tem orgulho de servir ao seu povo, custe o que custar.

Sarah sabe que Tate não tem medo da dor.

Por isso, tem medo por ele.

Quando ele desaparece em missões de treinamento, ela passa a noite toda acordada, rezando para ele voltar bem e inteiro. Então, quando Sarah soube dessa missão, uma viagem que não ultrapassava os limites do abrigo reforçado no quintal deles em Omaha, uma viagem para dentro de si mesmo, para um lugar tranquilo e meditativo que a dor não tem como tocar, ela quis ir com ele e ficar o mais perto possível.

— São só algumas centenas de ferroadas de abelhas — disse Tate com alegria, antes de Samuel trancá-lo com a colmeia furiosa. Ele apertou o nariz dela. — Não pode ser tão ruim.

Sarah sabe que Tate foi treinado para aguentar a dor. Ela o viu passar uma lâmina na pele sem fazer careta; ela o viu andar sobre brasas e pressionar um ferro quente na própria pele, marcando o sinal do pássaro cahokiano no bíceps. Tudo sem choramingar.

Portanto, os gritos são uma surpresa para ela.

— É normal — murmura Samuel, finalmente reconhecendo a presença dela. — É esperado.

Samuel é um dos 10 treinadores que trabalham com Tate para fazer dele o melhor Jogador possível. Samuel não é o mais forte nem o mais estranho, mas é, sem dúvida, o mais apavorante. Os olhos dele nunca se fixam, e o rosto é imóvel de um jeito nada natural. Ele é

um mestre em se voltar para dentro, em ignorar a dor, mas Sarah desconfia que haja uma parte dele em constante sofrimento. Toda aquela dor deve ir para algum lugar. Talvez seja por isso que ele pareça tão satisfeito ao provocar dor em Tate.

Samuel olha para ela como se tivesse curiosidade de saber o quanto *e/la* consegue suportar, e isso a assusta mais do que tudo.

E é por isso que ela não tem coragem de discutir com ele.

Por isso não diz: "Para com isso, por favor."

"Alguma coisa deu errado."

"Solta meu irmão."

Segundos se passam. Minutos se passam. Tate grita sem parar. E, quando a campainha finalmente toca e a porta se abre, quando Samuel intoxica as abelhas para acalmá-las e Tate sai, Sarah entende o que fez. O que deixou acontecer ao permitir que o medo tomasse conta dela.

A criatura que sai cambaleando não se parece em nada com seu irmão. É um monstro inchado, com cada polegada de pele exposta inflamada por picadas vermelhas furiosas, o rosto irreconhecível, os gritos engasgados enquanto ele se esforça para respirar.

— Tate! — grita Sarah, e a criatura que é o irmão parece ouvi-la, vira a cabeça, espia por olhos inchados e quase fechados, depois cai no chão, com a respiração áspera e os membros tremendo e se debatendo.

Samuel está com o celular e fala qualquer coisa sobre um erro, uma emergência, velocidade crucial e passagens de ar se fechando, mas Sarah não ouve. Está ajoelhada ao lado do irmão, chorando e dizendo:

— Me desculpa, me desculpa, me desculpa. Tate, por favor.

Ela o sacode, implora, mas Tate não se move, não acorda.

Só fica deitado ali, inchado e inerte.

Parado.

* * *

Tate não está morto.

É isso o que Sarah repete para si mesma durante todas aquelas horas excruciantes que se seguem nas salas de espera de hospital. Ela fica sentada pouco à vontade em cadeiras laranja, ao lado dos pais, esperando para saber a gravidade do estado de Tate, se vai ficar bem, se vai se recuperar por completo, esperando durante a dose de epinefrina, a névoa de morfina, o coma induzido, a infecção desenfreada, a primeira cirurgia e a segunda, o tempo todo lembrando a si mesma, não importa o que aconteça em seguida: "Tate não está morto."

Enquanto espera, Sarah abraça Babar Jr., o elefante cinza de pelúcia que o irmão trouxe para ela do Quênia. Isso foi há quatro anos, numa das primeiras missões individuais dele como Jogador, e ela implorou que ele não fosse. Ele tinha 14 anos na época e já havia treinado por boa parte da vida. Era grande, forte e corajoso, mas Sarah não queria que ele fosse, que atravessasse o mar sozinho para uma terra estranha onde coisas terríveis poderiam acontecer; aliás, para lugar algum. "Fique, por favor", disse ela, chorando, apesar de ter 10 anos, de já ser bem grandinha para chorar. Ela queria dizer: "Viva, por favor." Mas Tate só apertou o nariz dela e prometeu trazer um elefante. Ela meio que achou que o irmão talvez estivesse falando de um de verdade.

Afinal, Tate era seu irmão mais velho; era capaz de milagres. Agora, é ela quem tem 14 anos, mas não é forte nem corajosa. Está grande demais para chorar e para bichos de pelúcia. Mesmo assim, fica encolhida na sala de espera e deixa as lágrimas caírem no pelo emaranhado do elefante de pelúcia.

Ela pensa em Tate, em como ele sempre pega a última fatia de pizza e o último pedaço de bolo, porque, como ele gosta de dizer, "é o mínimo que se pode fazer pelo cara que vai salvar o mundo".

Em como a nova brincadeira favorita das amigas dela é se esconder em meio aos arbustos para ver Tate levantar peso, em como riem e dizem coisas como "seu irmão é tão lindo" e "um dia vou crescer e me casar com ele", e Sarah diz "que nojo, cala a boca", mas secretamente morre de orgulho.

Ela tenta ignorar os sussurros dos pais, qualquer coisa sobre o Conselho Cahokiano de Anciãos e o que dizer para eles, o que fazer

se Tate não conseguir... se Tate não... São coisas que ninguém deveria estar dizendo, muito menos seus pais.

Tate *vai*.

Tate *está*.

Tate está vivo e assim vai continuar, disseram os médicos no primeiro dia.

Houve danos, danos permanentes, quantos eles não sabiam exatamente, mas Tate sobreviveria.

A provação das abelhas é uma tradição cahokiana. Ninguém tinha como saber que Tate sofreria uma reação alérgica quase fatal, ou que a infecção das ferroadas no olho se espalharia por todo o corpo, que o único tratamento seguro para este mal seria cortá-lo pela raiz. Remover o olho.

Tate ainda está inconsciente, e Sarah usa o tempo para tentar ficar à vontade com essa nova versão do irmão, fraco e cheio de cicatrizes, com um buraco fundo onde antes ficava o olho esquerdo. Quando o irmão finalmente acordar, ela quer ser capaz de olhar para ele sem fazer careta. Quer ser capaz de sorrir e lhe dizer que não está tão ruim.

No dia em que o tiram do coma, os pais entram primeiro. Sarah fica esperando do lado de fora.

Às vezes, parece que ela passou a vida esperando do lado errado da porta.

Ela consegue ouvir os murmúrios baixos dos pais, o tom zangado da voz de Tate enquanto ele tenta juntar as peças do que aconteceu.

Está com dor, diz ele, e as palavras saem como um gemido.

Sarah nunca o ouviu admitir sentir dor. Não seu irmão forte, que não só é o herói dela, como o de todo o seu povo.

A voz dele está baixa demais para que Sarah identifique as palavras, mas ela percebe que ele fez uma pergunta, e, como os pais não respondem, ele a repete. Sarah chega perto da porta e ouve a resposta do pai.

— Sinto muito, mas o conselho votou. Com apenas um olho...

Tate dá uma resposta engasgada.

O pai balança a cabeça.

— Eu sei. Tentei convencê-los. Mas eles foram firmes. Já escolheram alguém para assumir seu lugar.

Sarah arfa. É a primeira vez que ela ouve falar nisso. Em decisão. É impensável que o conselho tire isso do irmão. Ser o Jogador é tudo o que ele sempre quis.

O pai coloca a mão no ombro de Tate, mas puxa rapidamente, lembrando que qualquer toque deve arder.

— Sinto muito, filho, eu...

Tate grita, e desta vez Sarah entende claramente.

— Saiam!

Ele grita de novo, mais alto e repetidamente, até os pais obedecerem e recuarem. Uma enfermeira passa correndo por Sarah na direção de Tate para acalmá-lo antes que sua pressão suba demais. Então, injeta alguma coisa no sistema intravenoso, e ele fica quieto e imóvel de novo.

Quando volta a acordar, recusa-se a vê-los. Recusa-se a ver qualquer pessoa.

Diz aos médicos que não quer viver.

Que nada tem sentido.

“Ele não está morto”, pensa Sarah repetidamente. Mesmo não sendo mais o Jogador, ainda é Tate. Vai encontrar um jeito de dar a volta por cima. Vai deixar que ela o veja, que o ame. “Pelo menos”, pensa ela, “o pior já passou.” Ele vai ter que entender isso em algum momento, que é melhor para todos que o Endgame suma das vidas deles, que possam ser apenas uma família de novo, pai, mãe e dois filhos, felizes e normais.

Naquela noite, os pais de Sarah vão ao quarto dela dizendo que têm uma coisa para contar. Os rostos estão sérios; o coração dela se aperta.

— É Tate? — pergunta ela. — Aconteceu alguma coisa?

— Não é Tate — diz a mãe. — É você.

— O que tem eu?

— O conselho votou — diz o pai. — Eles escolheram o próximo Jogador.

— E daí? — rebate Sarah com irritação. Ela odeia o conselho, odeia o próximo Jogador, seja lá quem for, odeia tudo o que envolve o

Endgame, os treinadores e as criaturas do céu; todos conspiraram para roubar o irmão dela. Não quer ter nada a ver com nada disso, nunca mais. — Que importância isso tem?

A mãe se esforça e consegue dar um sorriso triste.

— Sarah, é *você*.

* * *

Sarah não consegue se lembrar de uma época da vida em que não soubesse sobre o fim do mundo. O conselho selecionou Tate quando ele tinha quatro anos. Ninguém sabe por quê; as decisões do conselho são segredo exclusivo. Só os seis anciãos cahokianos com a chave do bunker subterrâneo do conselho sabem o que acontece nas reuniões, e esse conhecimento é levado para o túmulo. Eles chegaram à porta de Simon e Olowa, disseram que o filho deles tinha um destino especial, e Simon e Olowa concordaram em nome do garoto de quatro anos. Não há punição para quem diz não a essa proposta, mas, na longa história do povo cahokiano, só umas poucas pessoas fizeram isso. Servir ao Endgame é o maior dos privilégios. Tate começou o treinamento imediatamente. Sempre sonhou em salvar o mundo.

Sarah nasceu menos de um mês depois.

Ela se pergunta ultimamente sobre o *timing* disso tudo. Será que na época eles já tinham medo de que o Jogo pudesse lhes tirar o filho precioso, quer o Endgame chegasse logo ou não? Será que queriam um substituto?

É assim que ela se vê agora: uma substituta.

Várias noites depois que o conselho tomou a decisão, quando Sarah ainda está decidindo se aceita ou não ser a Jogadora, ela anda pelo corredor e para em frente à porta do quarto de Tate. É sua primeira noite em casa, e ele foi dormir sem jantar. O olho dele, ou a coisa que era o olho, estava doendo, disse ele. Tudo estava doendo.

Sarah bate de leve à porta.

— Vá embora, irmãzinha.

Tate só começou a chamá-la assim depois das abelhas. Sarah consegue ouvir o desprezo na voz dele.

— Posso entrar? Preciso falar com você.

— Pode falar daí. Aqui, você vai ter que *olhar* para mim. Vou poupar você do pesadelo, irmãzinha.

Tate sempre foi bonito e nunca vaidoso. As garotas se atiravam nele desde que ele tinha 12 anos. Os médicos dizem que, quando o inchaço diminuir e as cicatrizes clarearem, o rosto vai ficar quase como era antes. Os médicos dizem que, quando puderem colocar um olho falso, a maior parte das pessoas nem vai reparar. Ele vai poder esquecer que isso aconteceu. Tate não acredita nos médicos. Nem Sarah.

— O conselho quer...

— Eu sei o que o conselho quer — resmunga ele. — Por que você ainda não respondeu?

— Eu... — Sarah engole o choro. Jogadores não devem chorar. Devem ser fortes. Ela se pergunta se alguém vai ensiná-la a fazer isso, caso ela aceite. — Você é quem tem que ser o Jogador, Tate. É para ser você.

— Não, dã.

É uma coisa que Tate dizia quando Sarah era pequena e contava para ele com empolgação algum fato óbvio da vida que era novidade para ela. Ele nunca dizia com tanta maldade.

— Você vai me odiar se eu aceitar? — pergunta Sarah.

— Provavelmente — diz ele.

Quando ele fala, ela sente o coração despencar e percebe o quanto *quer* aceitar. Percebe que talvez não devesse originalmente ser a Jogadora, que talvez seja só uma substituta, mas que talvez isso não importe. O conselho *a* escolheu, Sarah Alopay. A irmãzinha salva o mundo. Ela gosta de como isso soa em seus ouvidos. Mais do que pensou que gostaria.

— Ah — diz Sarah.

Há um longo silêncio entre eles. Ela encosta a palma da mão na porta e se pergunta se deveria dizer para ele... que, se tivesse falado antes, gritado e berrado até o treinador soltá-lo, talvez nada daquilo estivesse acontecendo. Que ela é covarde e ele pagou o preço.

— Mas vou odiar ainda mais se você não aceitar — diz Tate. — A decisão é sua.

* * *

No mês passado, no dever de casa de francês, Sarah teve que fazer uma lista de coisas de que mais gostava. Achou o trabalho chato, achava a aula chata, porque, como acontecia em todas as matérias, era fácil para ela. E com certeza não revelaria suas verdadeiras preferências para a professora de francês, que tem uma monocelha e fede a chulé. Assim, Sarah fez uma lista de mentira com as primeiras palavras em francês que surgiram na cabeça dela: *le gâteau, les chiens e ma famille*.

Mas, naquela noite, no diário, ela fez uma lista para si mesma.

Coisas de que eu gosto:

minha BFF

meu irmão

meus pais, às vezes, quando não estão sendo IDIOTAS

futebol

álgebra

ser inteligente

tardes de sábado

filmes de terror

Christopher

Christopher

CHRISTOPHER

Sarah namora Christopher há quase um ano. Ele é bonito, engraçado e parece que saiu de uma comédia romântica. É o tipo de cara que dá flores e bombons e faz a namorada sorrir mesmo quando está chateada. Sarah só tem 14 anos e sabe que provavelmente é cedo para amar alguém, só que Romeu e Julieta também eram adolescentes, e isso a faz pensar que talvez não exista essa coisa de jovem demais para amar e que talvez ela e Christopher sejam para

sempre. E, naquela noite, ela ficou tão distraída pensando no namorado e no jeito como seus olhos se fecham quando ele ri, e na forma como o coração dela dispara quando ele passa o braço ao redor dela e enfia a mão no bolso da calça jeans, que acabou esquecendo a lista.

No meio da noite, ela acordou de um pesadelo encharcada de suor. Não conseguiu se lembrar de nada do sonho nem conseguiu voltar a dormir. Assim, acendeu a luz e pegou o diário de novo para acrescentar mais uma coisa à lista, uma coisa que ela jamais confessaria para a professora de francês, para Christopher nem para ninguém, muito menos para Tate, que queria salvar o mundo.

Coisas de que eu gosto:
ser normal

* * *

— Mas por que eu? — pergunta ela de novo conforme o carro segue na direção do rio Mississippi. Daqui a três horas eles vão chegar ao ponto mais sagrado do povo cahokiano e Sarah vai se ajurar ao novo destino. Mais três horas, e não vai ter volta.

— Ainda não entendo por que me escolheriam.

A mãe não fala enquanto dirige; prefere se concentrar somente na estrada. Assim, cabe ao pai de Sarah se virar e tranquilizar a filha.

— Porque você é brilhante, gentil e maravilhosa — diz ele, e Sarah consegue ver pela expressão no rosto do pai o quanto ele odeia tudo o que está acontecendo e o quanto está tentando esconder.

Tate se recusou a ir.

— Aquela bosta não é mais problema meu — disse ele pela porta fechada do quarto. Ele só sai do cômodo se precisar, e também não deixa ninguém entrar. — Divirta-se, irmãzinha.

O celular de Sarah toca pela terceira vez em uma hora. É a melhor amiga dela, Reena, querendo saber como foi o grande encontro.

Ontem à noite foi o aniversário de um ano da primeira vez que

Sarah beijou Christopher Vanderkamp. Ele planejou um jantar romântico, e Reena vai querer todos os detalhes.

Ontem à noite, Reena foi até a casa dela para ajudá-la a escolher a roupa do encontro.

— Esse não — disse, bufando para o vestido preto que Sarah pegou primeiro. — Você quer que ele pense em agarrar você, e não em ir a um enterro.

Sarah colocou o vestido no cabide e mostrou uma saia verde-limão. Ela sabia que Reena gostava da saia, foi ela quem escolheu.

Mas a melhor amiga torceu o nariz.

— Não é a sua cara.

— Mas você me disse que isso era uma coisa boa! — lembrou Sarah, rindo. — Disse que era por isso que eu tinha que comprar, para poder me transformar em uma “fera sexy”.

As duas começaram a rir.

— Eu tenho certeza de que nunca falei essas duas palavras na vida

— disse Reena, com o máximo de dignidade que conseguiu enquanto gargalhava.

— Falou, sim.

— Bem... — Reena deu de ombros. — Quem mandou você ouvir tudo o que eu digo?

— Tenho certeza de que *você* mandou. Você me diz isso praticamente todos os dias.

— Então me escute agora. — Reena saiu da cama de Sarah e remexeu o armário até tirar uma calça roxa de veludo e uma camisa preta comprida. Era a roupa favorita de Sarah. — Use isto.

— Você sempre me diz que essa roupa me deixa sem graça — disse Sarah.

Reena prefere cores fortes, estampas grandes. Desde o começo do ano, implora para a mãe deixá-la pintar o cabelo de azul. Ela faz de tudo para se destacar.

Reena sorriu.

— Aparentemente, Christopher Vanderkamp *gosta* de gente sem graça.

Sarah deu uma cotovelada na melhor amiga; Reena bateu nela de leve com um travesseiro.

— Christopher gosta de *você* — continuou Reena. — Vocês estão juntos há um ano, você não precisa fingir que é outra pessoa. Ele só quer você. A Sarah Alopay inteligente, maravilhosa, de confiança e talvez só um pouquinho sem graça.

— Você acha? — perguntou Sarah. Depois de tanto tempo, ainda não conseguia acreditar que uma pessoa como Christopher queria alguém como ela. — É que... ele é tão incrível!

— É, e felizmente é inteligente o bastante para perceber que *você* é incrível. É o que torna vocês perfeitos um para o outro.

Sarah aceitou usar a calça roxa; prometeu ligar para Reena de manhã e contar tudo.

E, quando falou isso, acreditava mesmo que faria. Apesar de ela e os pais terem que partir no dia seguinte para a cerimônia sagrada.

Apesar do nó que se formava em seu estômago só de pensar em como tudo na vida estava prestes a mudar, e que ela não podia contar nada para Reena e Christopher.

Ela colocou a calça de veludo. Colocou a blusa preta. Passou um pouco de sombra prateada e o gloss cor-de-rosa de que Christopher gosta, que tem gosto de chiclete.

E saiu correndo para o banheiro, se inclinou na privada e vomitou. Ela não ia conseguir.

Não ia conseguir olhar para ele na mesa, sorrir, dizer o quanto ele a fazia feliz, fingir que tudo estava bem. Não podia mentir para ele assim.

Então, mentiu para ele de outro jeito.

— Me desculpa — disse ela ao telefone. — Eu estava bem há duas horas, mas agora meu estômago está dizendo “Não, você não vai”. Não era *exatamente* mentira, porque, cada vez que Sarah pensava no futuro, o estômago dava saltos-mortais de novo.

— Isso é... — Ele hesitou. Vinha fazendo muito isso ultimamente. Desde o incidente com Tate, desde que recebeu a proposta dos anciãos, havia muitas coisas que Sarah não podia contar para Christopher. Ele percebia que ela estava escondendo alguma coisa, então também começou a esconder coisas. — Isso é por causa do seu irmão? Porque, se você não estiver com clima para essa coisa

toda, eu posso passar aí, a gente pode ver um daqueles filmes horríveis que você insiste em adorar...

— Não são horríveis!

— Eu amo você, mas qualquer coisa chamada *Festival de matança de verão parte três* é horrível.

— É *Matança de acampamento de verão parte quatro* — corrigiu ela, pensando: “Ele me ama, ele me ama, ele me ama.” — E é *sensacional*.

— Só estou dizendo que não precisamos sair para jantar. Eu só quero ver você. Alegrar você.

Sarah suspirou.

— Olhe, eu sei que ando meio estranha ultimamente...

— Cara, ele é seu irmão. Eu entendo.

Christopher pensa que todos os maus humores dela, toda a distância que surgiu entre eles, são por causa do acidente de Tate. E Sarah deixa que ele pense isso. O que não é justo com ninguém.

Mas é mais fácil.

— Eu também quero ver você — disse ela, pensando: “Eu também amo você.” Mas não podia dizer isso, não com o que estava prestes a fazer. Como poderia se prometer a ele quando estava prestes a se prometer à linhagem cahokiana? — É que realmente estou muito enjoada, juro. A não ser que você me queira vomitando nos seus preciosos tênis...

— Isso já basta.

Sarah sorriu. Nada era mais importante para Christopher do que a coleção de tênis.

— Fica para depois, então? — perguntou ela.

— Só tente melhorar. É um desafio.

Ela desligou o telefone se perguntando se havia cometido um erro. Talvez devesse ter falado a verdade. Mas como exatamente isso funcionaria? Christopher era bonito, rico e o *quarterback* do time de futebol; era doce, engraçado e compreensível até dizer chega. Mas não compreenderia se ela dissesse que era descendente de uma civilização antiga e estava prestes a dedicar os próximos seis anos a treinar para o Endgame, para o caso de o Povo do Céu voltar e decidir que é hora de acabar com o mundo.

Não, nem Christopher entenderia isso, e ela não podia esperar que entendesse.

Christopher mandou uma mensagem amorosa de manhã com um GIF de um gorila dançando, para fazê-la sorrir. Ele anda se esforçando muito para fazê-la sorrir. Ela odeia decepcioná-lo. Sarah guarda o celular. Não quer mentir para a melhor amiga tanto quanto não queria mentir para Christopher. É mais fácil ignorá-la por enquanto. Quando voltar para casa, quando estiver oficialmente jurada como Jogadora e começando a nova vida, vai decidir como lidar com a antiga. Ela coloca os fones de ouvido e põe o volume no máximo: Arcade Fire, a banda favorita de Christopher. Sarah fecha os olhos e tenta se distanciar.

De Omaha até Collinsville, Illinois, são seis horas de carro. Eles chegam em oito, pois a mãe de Sarah dirige com *muita* cautela. É meia-noite, e o local histórico está fechado para turistas. O conselho, claro, tem um homem lá dentro, e tudo está preparado para eles. Sarah e os pais passam rapidamente pelo portão, embora o pai dê uma gargalhada e diga que não faz sentido passar correndo.

— Afinal, eles não podem começar sem você — diz, e Sarah tenta rir também.

Os pais estão fazendo o melhor que podem para fingir que essa é uma ocasião de orgulho e alegria, que não estão relembrando a última vez que foram ali, de mãos dadas com o precioso filho em idade pré-escolar, com Tate se atrapalhando todo durante o juramento que o dedicaria ao povo por toda a vida.

Mil anos atrás, esses acres foram lar da primeira e maior civilização do continente. Durante mais de meio milênio, o povo cahokiano governou a metrópole vibrante, e então, misteriosamente, desapareceu. Não sobrou nada da cidade além de três milhas quadradas de grama e colinas, a maior delas da altura de um prédio de 10 andares. Nada sobrou da civilização e do povo além de um pequeno grupo de sobreviventes e uma história passada geração após geração.

Uma história de barganha feita com o Povo do Céu. Os cahokianos receberiam poder e tecnologia suficientes para governar a jovem

nação por séculos. Em troca, quando o Povo do Céu pedisse, eles entregariam um recurso precioso: 1.000 de suas crianças. Os cahokianos governaram, como planejado. Depois de 500 anos, o Povo do Céu voltou, como prometido. Exigiram o pagamento, e os cahokianos disseram não.

Pela primeira vez em 10.000 anos, uma civilização humana travou guerra com as criaturas do céu. Eles lutaram corajosamente e tiveram uma morte horrível, todos. A civilização foi aniquilada por uma única explosão, e apenas um pequeno grupo de sobreviventes sobrou para contar a história.

Esses sobreviventes, viajantes que voltaram para casa e encontraram destruído tudo o que conheciam e amavam, foram sentenciados a uma punição humilhante: o Povo do Céu entrou na mente deles e apagou o verdadeiro nome do povo.

Centenas de anos depois, os europeus conquistaram o continente e designaram um novo nome para o povo desaparecido: Cahokia. O Novo Mundo não faz ideia de que há sobreviventes da civilização antiga, de que Cahokia sobreviveu, assombrada pelas glórias e derrotas do passado.

Os cahokianos foram obrigados a esquecer o nome, mas se lembravam da história, e lutaram em segredo, determinados a garantir a sobrevivência da linhagem.

Atualmente, a maioria dos norte-americanos tem sangue cahokiano correndo nas veias; a sobrevivência deles agora depende da disposição de Sarah para lutar.

Dizem que, por todo o mundo, os locais sagrados das outras 11 linhagens ancestrais foram preservados: templos subterrâneos, cavernas secretas, passagens escondidas, dos quais urbanistas e turistas nem fazem ideia.

Não ali.

Os invasores europeus se mostraram quase tão habilidosos em destruição quanto o Povo do Céu. Não há passagens escondidas debaixo das colinas cahokianas. Só milhões de pés cúbicos de solo erguendo a terra na direção do céu e buracos que mostram onde o povo antigo erigiu Woodhenge, um arranjo de estacas de madeira

que simbolizava a Terra e os quatro pontos cardeais, usado para comunicação com os deuses.

O povo de Sarah ergueu novas estacas para aquela noite, e lá está ela de pé, no centro.

O mais ancião dos anciãos está na frente dela com uma pedra de 6.000 anos.

Sarah a reconhece; ela a viu todos os dias da vida pendurada no pescoço de Tate. Pertence ao Jogador, sempre pertenceu.

Se ela for até o fim com essa história, vai pertencer a ela.

Sarah não vai ser mais a normal, a que faz o dever com os pés nas costas, devora pizzas com a melhor amiga e cujas preocupações se resumem a saber se Christopher vai convidá-la para o baile da escola. Não vai ser mais a substituta. Vai ser a Jogadora, e as vidas das pessoas vão pesar nas costas dela.

Se for até o fim com isso, ela vai tomar para si o que já foi o futuro do irmão, um futuro que a assusta, de violência, perigo e dor, tudo o que ela nunca quis para ele e quer menos ainda para si.

E talvez ele nunca a perdoe por isso.

O celular de Sarah vibra no bolso de trás. O ancião a encara, e Sarah se pergunta se o homem já viu um celular. Ela se pergunta o que o homem diria se pedisse para pausar a cerimônia rapidinho, só enquanto ela manda um SMS para Reena. "Ei, não foi *minha* a ideia de o Jogador ser adolescente", ela gostaria de dizer para ele. "Você esperava o quê?"

Mas é claro que ela não pode fazer isso.

Mais uma coisa na lista do que não pode mais fazer.

De repente Sarah tem dificuldade para respirar. Um calor sobe pelas bochechas. Em algum lugar ao longe, Reena anseia por fofocas; em algum lugar ao longe, Christopher está preocupado com a suposta intoxicação alimentar da namorada. Ela quer fugir disso, voltar correndo para eles, talvez apenas correr até deixar tudo e todos para trás, até não sobrar nenhuma decisão difícil para tomar, só o som do vento nos ouvidos e os pés batendo no chão.

Ela não corre.

— Estique a mão — ordena o líder dos anciãos cahokianos.

Sarah estica, e o ancião coloca a pedra antiga na palma de sua mão. A sensação é quente e a pedra parece pulsar com os batimentos dela, mas Sarah diz a si mesma que deve ser sua imaginação. O homem diz várias palavras na antiga língua do povo cahokiano. — Você repudia todo o resto? — pergunta ele em inglês. A mesma pergunta foi feita a todos os Jogadores durante mil anos. Há incontáveis motivos para responder não a essa pergunta. Há Christopher; há Tate. Há tudo o que ela quer para si e tudo de que tem medo. Incontáveis motivos para dizer não, e só um para dizer sim.

Mas esse motivo supera todos os outros.

Sua família, seu povo. Todas as vidas cahokianas perdidas e todas aquelas centenas de milhares mais que podem se perder quando o Endgame chegar. Eles precisam de um defensor.

Sarah chegou ali ainda sem ter certeza de como responderia à pergunta antiga. Meio que esperando que fosse perder a coragem, recuar no último momento. Ela sempre confiou na lógica, e a lógica diz que é uma escolha tola.

Mas tem alguma coisa em Sarah, uma coisa mais profunda e sábia do que a lógica, uma coisa que faz parte de seu destino.

Os anciãos a escolheram por um motivo. Ela não entende qual poderia ser. Mas parte dela, a parte segura e firme sob o pensamento racional, tem certeza de que eles estavam certos. De que essa é a escolha certa para ela e para a linhagem. O povo cahokiano precisa de um defensor, e esse defensor precisa ser, deve ser Sarah Alopay.

A pedra queima na palma da mão; ela a aperta com força e de repente se sente ligada a todas as gerações de Jogadores mortos, incutidos na trama da história cahokiana. Ela consegue senti-los, os Jogadores do passado, mortos e vivos. Eles a estão observando, esperando que se junte a eles. Todos, exceto Tate. Ela não consegue senti-lo.

— Você jura se dedicar à sobrevivência do nosso povo e ao juramento antigo?

Os pais de Sarah avisaram que ela não deveria jurar se não tivesse total certeza. Que não daria para voltar atrás.

Eles não falam qual seria a punição por romper o juramento, mas Sarah é cahokiana, e todos os cahokianos sabem que não se deve romper promessas feitas para o Povo do Céu.

Há muito em jogo.

Muitos já morreram.

Ela fecha os olhos, inspira o aroma da terra e do céu. Ouve o eco dos gritos de Tate e quase consegue sentir o toque dos dedos de Christopher nos lábios, pedindo permissão para beijá-la pela primeira vez. Ela sente outra coisa, uma vibração insistente na mão, e por um momento pensa que é o celular de novo, Reena interrompendo na pior hora.

Mas é a pedra, esperando a resposta dela.

— Sim — diz Sarah, porque seu povo a chamou para o dever, e ela foi criada para acreditar que é um chamado que exige resposta. Ela repete as palavras que decorou com cuidado: — Sim, eu juro. Eu juro carregar a vida de vocês nos meus ombros. Juro servir ao povo cahokiano com o melhor das minhas habilidades e além. Eu juro Jogar.

* * *

Os Jogadores costumam ter tempo para aprender o ofício. Tempo para treinar com armas, fazer meditação, estudar línguas, aprender a quebrar códigos, desenvolver tolerância à dor, estudar física, computadores e montagem de bombas. Tempo para entender suas responsabilidades, depois encontrar um jeito de personalizar seu jeito de Jogar.

Sarah não tem tempo.

Ninguém sabe quando o Endgame vai acontecer. Poderia começar amanhã.

Ela não está pronta.

Conforme os dias de treinamento extenuante viram semanas, ela duvida que um dia consiga ficar pronta.

Assim como os treinadores.

Na escola de Sarah há uma aluna tentando se tornar ginasta profissional. Ela fica horas no ginásio antes e depois das aulas, passa a noite acordada para tentar fazer os deveres, nunca tem um segundo livre para atividades extracurriculares nem para amigos ou a família, nem para qualquer tipo de vida. Apesar de parecer feliz com os *handsprings* e todos os troféus, Sarah sempre sentiu pena da garota. Ela não sabe o que está perdendo.

Sarah *sabe*. Os novos horários exigem que ela acorde antes do amanhecer para uma corrida de 10 milhas e exercícios de fortalecimento, depois estude o máximo possível dos assuntos da semana (grego arcaico, hidrodinâmica, desarmamento de explosivos) antes das aulas. Ela passa o dia sonâmbula e rouba qualquer tempo livre e hora de almoço que consegue para fazer os deveres para os quais não tem mais tempo em casa. Depois da aula, vai direto para o centro de treinamento, para aulas de artes marciais e armas de fogo, faz uma refeição rápida com a família ou, se tiver sorte, com Christopher e Reena, depois tem que estudar mais. Só depois vem o sono, misericordioso, mas curto.

Esses são os dias fáceis.

Alguns dias ela passa em reclusão, aprendendo a aguentar o calor de carvões quentes na pele macia ou andando por áreas selvagens sem comida nem água, dependendo só da inteligência e da bondade da natureza para se manter viva e encontrar o caminho para casa.

Ela está começando a sentir como se vivesse no centro de treinamento, um prédio comum a 10 minutos de casa, alugado para os anciãos cahokianos, com o interior ocupado por equipamentos de exercício e armas. Ela passa mais tempo com os especialistas contratados pelo conselho, treinadores de olhares rígidos que a tratam como uma máquina, do que com as pessoas que ama.

Mais semanas passam, e seus reflexos melhoram; os músculos se enrijecem; com seu organismo habituado à dor, a pele fica menos sensível ao toque. Às vezes, ela sente que está virando pedra.

As novas habilidades vêm com facilidade, assim como sempre foi com tudo, mas os treinadores não estão satisfeitos.

Não param de falar de quanto o irmão se esforçava mais, de quanto queria mais, de quanto percebem que a mente dela está em outro

lugar.

Eles estão certos.

— O que aconteceu? — pergunta Christopher, alarmado, na manhã em que ela chega à escola com o olho roxo. Ele tenta tocar o rosto dela, mas ela desvia.

— Eu dei de cara com a porta — murmura ela.

As mentiras estão ficando piores.

Christopher vai acabar cansando e terminando com Sarah. Ou ela vai terminar primeiro, para acabar com o sofrimento dos dois.

Essa deve ser a coisa certa a fazer, mas ela não consegue pensar nisso. Não é tão forte assim.

— Sarah...

Christopher passa o braço ao redor de Sarah, e ela quase se descontrola. Durante dois meses, manteve-se firme e se fez de forte. Mentiu para Christopher e Reena para poder roubar tempo para o treinamento. Às vezes, mentiu até para os treinadores para poder roubar tempo para Christopher e Reena. Ela disse a si mesma que isso não é tão ruim, que consegue, que qualquer dia desses tudo vai ficar mais fácil, a vida vai ficar mais calma, Tate vai voltar a falar com ela, tudo vai começar a parecer normal de novo, apesar de nunca poder ser assim. Ela disse a si mesma que ser a Jogadora é igual a ser atacante titular no time de futebol ou presidente da sociedade de honra, são só mais algumas coisas a fazer, nada de mais. Ela escondeu a verdade, isolou-a, mas agora, nos braços de Christopher, sente os muros desmoronando. Uma multidão passa ao redor, alunos pegando coisas nos armários, correndo para a aula, falando e conversando sobre todos os problemas importantes da vida escolar. Sarah sente uma onda repentina de ódio por todo mundo, por como as coisas são fáceis para eles, por não entenderem. Ela inspira fundo, sente o cheiro do sabonete de Christopher, se esforça para bloquear todo mundo. Para fingir que ela e Chris são as únicas duas pessoas que importam. As duas únicas que existem.

— Sarah, se alguma coisa estivesse acontecendo com você, alguma coisa em casa, sei lá... você me contaria, né? — sussurra ele em seu ouvido.

Ela sente as lágrimas queimarem, sabe que, se ficar com ele muito mais tempo, vai se descontrolar completamente. Está tão cansada, cansada de mentir para ele e para si mesma, que é capaz de qualquer coisa. Mas, se ela se permitir desabar, se deixar que ele seja o forte e a abrace enquanto ela chora, só vai haver mais perguntas e mais mentiras.

— Eu já falei, está tudo bem.

As palavras saem mais duras do que ela pretendia, e Christopher se encolhe. Sarah vira o rosto para ele não ver as lágrimas em seus olhos. Ela vê Reena abrindo caminho em meio às pessoas, acenando com ansiedade enquanto se aproxima. A expressão aberta e confiante no rosto dela faz o coração de Sarah se apertar.

— Estou atrasada para a chamada — diz Sarah bruscamente, e, antes que Christopher possa impedi-la, ela se afasta.

* * *

Ela melhora nas desculpas.

Aulas intensivas de francês em preparação para um verão imaginário no exterior, uma competição internacional de matemática fictícia para a qual estudar, uma consulta de Tate no médico, uma cirurgia de Tate, fisioterapia e análise para Tate... Pelo menos é fácil inventar desculpas relacionadas a Tate, porque Reena e Christopher sabem o quanto ele está furioso, infeliz e cheio de sequelas, mesmo que não saibam por quê. Eles são infinitamente gentis e compreensivos, e Sarah se odeia por mentir para eles.

E mesmo então, mesmo depois de tudo de que abriu mão e de toda energia que dedicou à nova missão, ainda não é suficiente.

— Querida, seu treinador está um pouco preocupado com uma coisa — diz o pai de Sarah enquanto os quatro comem o prato especial de domingo que ele preparou, espaguete com almôndegas. Para Sarah, essa era a parte favorita da semana, mas agora ela costuma estar ocupada demais para os jantares de domingo em família, e Tate quase sempre come no quarto.

— Qual treinador? — pergunta Sarah, com a boca cheia.

Ela tem um treinador para cada especialidade, o que significa que, mesmo depois de quase seis meses, eles ainda parecem estranhos. Os pais trocam um olhar.

— Bem... todos — admite o pai.

— Ah.

— Eles acham que você está distraída demais — diz a mãe. — Que não está concentrada o suficiente no treinamento.

— Vocês estão de brincadeira? — Sarah sente como se fosse explodir. — Eu estou dando *tudo* de mim! O que mais eles querem?

— Semana passada você foi ao shopping com Reena quando podia estar estudando chinês — comenta a mãe com delicadeza. — E sei que você fica acordada até tarde conversando no celular com Christopher, quando precisa dormir... — ela levanta a mão para que Sarah não a interrompa —, e eu entendo, você está fazendo muitas coisas e está dando o melhor que pode. Mas seus treinadores sugeriram que façamos algumas mudanças. Talvez esteja na hora de repensar essa questão da escola...

— Não — corta Sarah. — De jeito nenhum. Não vou largar a escola.

— Seria só por um ano ou dois, até você estar com tudo sob controle — explica o pai. — E não vai ser exatamente *largar*. Você já sabe tudo o que estão ensinando lá. Suas aulas aqui seriam...

— Não! — Sarah se sente como uma criança birrenta e deseja saber se comportar assim, deseja *poder* ter um ataque de birra, bater os punhos enquanto chora sem parar. Aí eles saberiam como ela se sente e parariam com isso. — Estou dando tudo o que posso ao Jogo, mas não posso abrir mão da minha vida toda. Diga para eles, Tate.

Tate se encolhe, como se estivesse surpreso de eles saberem que ele está ali. Como se estivesse torcendo para ter ficado invisível.

— Sem comentários — murmura ele, e mexe no tapa-olho.

Os médicos dizem que Tate está pronto para o olho falso, mas ele se recusa. Não quer fingir que tudo está normal, diz. E também não quer dar à família, nem a ninguém, o luxo de fingir.

Sarah insiste.

— *Você* não precisou largar a escola. Você se formou.

Ele dá de ombros.

— Não me adiantou de nada.

Ele tem 18 anos agora e esperava passar os próximos dois anos concentrado apenas em Jogar. Sarah sabe que ele nunca quis nada além disso. Que nunca pensou em faculdade nem em uma carreira. A única coisa que Tate sempre quis foi Jogar. Agora, fica deitado na cama escutando música e promete aos pais que vai decidir o que fazer da vida. Um dia.

— Você não é seu irmão, querida — diz a mãe.

Tate dá uma risada debochada na direção do prato de espaguete.

— *Isso é verdade.*

Sarah não sabe se quer chorar ou usar o golpe que acabou de aprender no krav maga para virar a mesa e enfiar um garfo no pescoço dele. De qualquer modo, perdeu o apetite. Ela se afasta da mesa e fica de pé.

— Obrigada pelo jantar — diz ela ao pai, em um tom que diz “Obrigada por nada”. — Mas, ao que parece, tenho trabalho a fazer.

* * *

Ela está ao lado do armário quando uma sombra cai sobre ela. Braços fortes a agarram, e duas mãos tapam seus olhos, mergulhando-a na escuridão.

Ela se encolhe.

— Adivinhe quem é.

Ela reconhece a voz calorosa de Christopher bem na hora; estava prestes a jogá-lo, por cima do ombro, direto no chão. Agora ela vive em alerta; os treinadores a ensinaram a sempre procurar inimigos nas sombras, a sempre ficar de olho nos que podem querer destruí-la.

Eles não têm nada a dizer sobre ficar alerta a quem só quer amá-la. Sarah quer avisar Christopher para não se aproximar dessa forma, que ela é mais perigosa do que ele imagina, que esqueceu como participar de brincadeiras que não terminam em morte. Mas só diz “Oi, estranho”, dá um sorriso falso e se vira, para eles ficarem frente a frente.

Ele a beija.

Há um ano e meio, Christopher era apenas o astro surpreendentemente gato do time de futebol americano que cresceu seis polegadas no verão e foi o primeiro garoto da turma a exibir músculos de verdade. Sarah estudava com ele desde pequena, mas mal o conhecia. Ela e Reena passaram horas no telefone rindo dos tufof de cabelo que se encaracolavam por cima das orelhas dele, do jeito fofo como a camisa estava sempre amassada e as meias nunca combinavam, do brilho lindo dos olhos verde-esmeralda, do dente torto que deixava o sorriso *extrafofo*...

Aí ele chamou Sarah para comer uma pizza, eles deram as mãos por baixo da mesa, ele a levou para casa e, pouco antes de se despedir, perguntou se podia beijá-la. Depois disso, deixou de ser Christopher, o cara fofo da aula de matemática. Passou a ser *Christopher*, o cara para quem podia contar qualquer coisa, o cara que sempre a animava quando ela estava triste, o cara com olhos insondáveis, lábios macios e aquele sorriso, o cara que ela poderia beijar pelo resto da vida.

Ela pretende fazer isso.

Atrás deles, Reena limpa a garganta. Alto.

— Arranjem um quarto, vocês dois.

Christopher dá um sorriso.

— Quem me dera.

Sarah fica vermelha. Eles não fazem muita coisa além de se beijarem, mas, quando Christopher olha para ela, quando *toca* nela... ela já pensou nisso. E muito.

O sinal do primeiro tempo toca e a poupa de mais provocação.

— A Sam and Louie's depois da aula ainda está de pé? — pergunta Christopher, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. É a pizzaria favorita deles, e os três iam lá algumas vezes por semana... antigamente.

— Ah, bosta.

— Você esqueceu — acusa Reena.

— Eu...

— A gente não sai para comer pizza há *séculos* — reclama Reena.

— Tudo bem, *drama queen*. Tem uma semana — diz Sarah.

Christopher aperta a mão dela.

— Tem três semanas — corrige ele. — Você prometeu.

E ela prometeu mesmo... mas também prometeu à treinadora de armas de fogo dobrar o treinamento esta semana.

— Não posso, pessoal. Me desculpem. Tate vai para uma consulta com um oftalmologista, e eu prometi que ia com ele. Vocês sabem como é.

Reena e Christopher trocam um olhar. Sarah finge não ver.

— É — diz Reena. — A gente sabe como é.

— Eu mando uma mensagem quando chegar em casa — diz Sarah.

— Para os dois. Tá? Prometo.

— Tá. Promete. Sei. — Reena sai andando para a aula sem dizer mais nada. Sarah observa o rosto de Christopher para tentar descobrir se ele está com raiva.

— Eu iria se pudesse — diz ela. — Você sabe disso, né?

Ele a beija de novo, com delicadeza e doçura, e ela fecha os olhos e se entrega ao abraço. É tão caloroso, tão reconfortante que só quando ela está sentada na aula de inglês, fingindo ouvir o professor, percebe: ele não respondeu à pergunta.

* * *

— Não! — grita Shelly quando Sarah tenta remontar outra vez o fuzil AR-15 em menos de 60 segundos e não consegue. — De novo, e faça certo desta vez!

— Desculpe, senhor.

Sarah suspira, desmonta a arma e coloca cada peça na mesa.

Shelly é uma cahokiana baixa e atarracada, uma fuzileira aposentada que foi incumbida de fazer com que Sarah saiba tudo o que há para se saber sobre armas e consiga acertar a mira de olhos fechados.

Ela prefere gritar a falar e obriga Sarah a chamá-la de "senhor".

Ela acha que Sarah não tem o necessário para ser a Jogadora.

Sarah sabe porque Shelly diz isso com frequência.

Sarah olha para as peças da arma e tenta montá-las em pensamento para que os dedos nervosos saibam o que fazer.

— Está esperando um convite formal? — pergunta Shelly e aperta o cronômetro.

Sarah pega o guarda-mão e tenta pegar o pente, mas o deixa cair no chão com um estalo, e Shelly bate com a mão na mesa.

— Esqueça! É perda de tempo se você não vai nem tentar.

— Estou tentando, senhor — diz Sarah baixinho.

Ela passou a tarde toda fazendo besteira, errando o alvo por várias pategadas, esquecendo os óculos de segurança, tentando carregar o rifle com as balas erradas.

— Você diz isso, mas sua mente está em outro lugar — acusa Shelly. É verdade. A mente dela está no Sam and Louie's, com Christopher, mordendo uma fatia fumegante de pizza de cogumelo com pepperoni e rindo de uma das piadas horríveis dele.

— Desculpe, senhor.

— Se quiser que eu diga aos seus pais que você não consegue...

No silêncio após a ameaça da treinadora, Sarah sente uma fagulha de esperança. E se não for mesmo capaz? E se o conselho a considerar indigna e a substituir por outra pessoa?

E se ela simplesmente parasse de tentar e deixasse para lá?

Mas alguma coisa nela, o mesmo impulso que a fez aceitar Jogar, se rebela contra a ideia.

— Eu disse *desculpe* — diz ela com convicção, e, sem esperar permissão, começa a remontar a arma.

Desta vez, acerta.

Ela monta e desmonta a arma mais 10 vezes, com movimentos rápidos e mecânicos; mais tarde, depois de uma parada rápida para comer, passa mais três horas na academia, trabalhando no saco de areia e treinando tae kwon do. Mesmo quando o treinador de artes marciais vai embora para dormir, Sarah continua e só para quando os músculos gritam tanto que ela não consegue dar nem mais um chute.

Bem depois da meia-noite, ela cambaleia para a cama pensando:

“Está vendo? Eu consigo encarar isso”, e só de manhã olha o celular e vê o monte de mensagens de Christopher e Reena.

Ela se esqueceu deles de novo.

* * *

Christopher não responde à mensagem. Reena não responde à mensagem. E, quando ela os vê na escola, eles a ignoram.

Por fim, Sarah encurrala Reena no banheiro feminino.

— O que está acontecendo? — pergunta ela. — Você está tão chateada assim por eu ter me esquecido de mandar uma mensagem ontem à noite? Desculpa, tá? Fui dormir bem cedo.

— Ah, é? — Reena está lavando as mãos. Ela olha Sarah pelo espelho. — Foi uma consulta longa e difícil com Tate, né?

— Bem... — Sarah odeia usar o irmão como desculpa assim. — É, foi.

A melhor amiga se vira para olhar para ela.

— Sabe, se você está traindo o Christopher, é uma atitude muito babaca da sua parte, mas você podia ao menos confiar em mim e me contar. Eu achava que fosse sua melhor amiga.

— Espere... o quê? Por que você acha que eu trairia o Christopher?

— Não sei, que tal porque você está sempre saindo escondida e mentindo?

— Eu já falei que estava...

— Em uma consulta médica. Com Tate. Eu sei. Só que vimos Tate no Sam and Louie's, podre de bêbado no meio da tarde e engolindo uma pizza inteira sozinho.

Sarah não sabe o que dizer. A mente está lotada de fatos confusos e perturbadores.

Reena e Christopher foram comer pizza sem ela? Tipo em um encontro?

Tate está bebendo? No meio da tarde?

Eles sabem que ela estava mentindo? Acham que mentiu o tempo todo?

— Nem se dê ao trabalho — completa Reena.

— O quê?

— Sei que você só está tentando elaborar outra mentira.

— Não estou.

— Sarah, nós somos amigas desde os oito anos. Eu conheço você. E sei quando está tentando mentir para mim. Não que você costumasse fazer isso.

— Tudo bem — diz Sarah. — Chega de mentiras.

Há silêncio entre as duas.

O que Sarah pode dizer agora? A *verdade*?

— Eu não estou traindo Christopher — diz Sarah. — Eu não faria isso. Se você me conhece tão bem quanto diz, deveria saber.

Reena suspira.

— É. Claro que eu sei. Mas o que...?

— Eu não posso contar.

— Você está de brincadeira com a minha cara?

— Se você não quer que eu minta para você, tudo bem. Mas não posso *contar*. É complicado e... pode apenas confiar em mim por enquanto?

Inesperadamente, Reena puxa Sarah em um abraço.

— Eu só queria que você pudesse me contar o que está acontecendo.

Sarah afunda o rosto no ombro da amiga e tenta contar as lágrimas piscando repetidas vezes.

— É. Eu também.

Reena recua, toda objetiva de novo.

— Seja lá o que for, é melhor não largar o Christopher antes do baile. Passei tempo demais planejando esse encontro duplo.

— Baile...?

Reena revira os olhos.

— O baile de primavera! O evento mais importante do ano, lembra? Compramos o vestido há seis meses! O baile que é *na sexta*! Nem você teria esquecido...

— Não — diz Sarah rapidamente. — É claro que não.

Ela não gosta do "nem você". Como se as expectativas de Reena tivessem despencado. E talvez devessem mesmo, porque é claro que ela tem razão.

Sarah esqueceu.

— Vai ser uma noite incrível — promete ela à melhor amiga. — Eu juro.

Reena fala com Christopher por ela, e o que ela diz funciona. Ele concorda em matar aula para se encontrar com ela debaixo da arquibancada, à tarde.

Nenhum dos dois matou aula antes. São bons alunos; seguem as regras.

Sarah está bem cansada de regras.

— Desculpa — diz ela de novo, encolhida nos braços dele na grama úmida. — Desculpa desculpa desculpa.

— Você já disse isso. E eu falei que perdoo você. Que confio em você. Agora podemos voltar aos beijos?

— Eu vou recompensar você...

— Na sexta, no baile. Já sei. Você também já disse isso. Um monte de vezes.

— Eu só queria que você soubesse que eu nunca...

— Sarah. — Ele segura o queixo dela. O olhar dele encontra o dela.

— Eu sei. Às vezes sinto que...

— O quê?

— Você está tão distante... Como se, mesmo quando está aqui comigo, na verdade estivesse... ou quisesse estar... em outro lugar. Em parte ele tem razão: ela está em outro lugar. Nos últimos tempos, está sempre em outro lugar. Quando está com Christopher, pensa em movimentos de luta ou na antiga mitologia cahokiana; quando está com os treinadores, pensa em Christopher.

— Eu não queria estar em nenhum outro lugar que não seja aqui, com você — diz ela, e é o que diz de mais verdadeiro em muito tempo.

* * *

Quando ela volta para casa, à tarde, encontra os pais na cozinha, a sua espera. Uma velha senhora está com eles; uma mulher de rosto enrugado e coberto de cicatrizes. É uma das anciãs do conselho: Juliana, uma ex-Jogadora.

Ela se questiona sobre as cicatrizes: de onde vieram e se, quando ela própria crescer, vai ter marcas similares no rosto. Sarah nunca

pensou em si mesma como superficial, mas não gosta da ideia de o Jogo deixar nela uma marca permanente, para que todo o mundo veja.

Ela já precisou explicar hematomas e machucados, mais mentiras para Christopher, mas pelo menos essas coisas cicatrizam e somem. Cada vez que olha para Tate, Sarah lembra que certos ferimentos não se curam.

Não lembra quando foi a última vez que um integrante do conselho visitou a casa deles. Seja lá qual for o motivo agora, não pode ser nada bom.

— O que está acontecendo? — pergunta ela.

— Sente-se, querida — diz o pai.

— Primeiro me contem o que está acontecendo.

Juliana aponta para uma cadeira e, com a confiança imperiosa de alguém acostumado a que obedeçam a suas ordens, diz:

— *Sente-se.*

Sarah obedece.

— A situação é a seguinte — continua Juliana. — Recebemos relatos perturbadores sobre seu progresso, ou falta de progresso. Queremos que saia da escola e se concentre apenas no treinamento. Você vai voltar comigo para Illinois, e vamos providenciar treinamento apropriado...

— O quê? Não! — grita Sarah. Ela olha para os pais. — Vão ficar aí olhando? *Vocês* acham que é uma boa ideia?

— Sarah, seu treinamento é importante. Quanto mais forte você ficar, mais chance terá de...

Sarah sabe como a frase termina.

“Mais chance terá de sobreviver.”

Ela tenta não pensar no Endgame e no que representaria. Nem gosta de pensar nas provações de dor, força e resistência que sabe que a aguardam e pelas quais todos os Jogadores precisam passar. Foi uma provação de dor que destruiu Tate, e ele era bem mais forte do que ela é, do que pode ser.

— Eu não vou.

Juliana não parece perturbada.

— Você tem que ir.

Ela não dá um ultimato. Não diz: “Se você quiser Jogar”, porque as duas sabem que não existe “se”. Sarah fez o juramento. Concordou com a situação, o que significa fazer o que o conselho achar certo. Por mais errado que possa ser.

— Tem que haver uma alternativa — insiste Sarah. — Alguma coisa que eu possa fazer para provar que não preciso jogar minha vida toda fora e ir embora com você.

Treinar em Illinois, longe da família, dos amigos, de Christopher. Sem escola, sem futuro, sem amor. Só lutar, treinar e Jogar.

Sarah duvida que consiga sobreviver a isso.

— Talvez haja — diz Juliana, e algo na forma como ela fala faz Sarah se perguntar se não foi esse o objetivo da visita desde o começo. — Sua primeira provação. A provação dos lobos. Eu soube que você está adiando.

— Ela não está pronta — diz a mãe, leal.

— Não tem por que termos pressa — acrescenta o pai.

Por tradição, a provação dos lobos é a primeira das muitas que fazem parte do caminho do Jogador cahokiano. Ele passa a noite sozinho no bosque, no coração do território de uma matilha, onde sobrevive ou não. Tate fez isso aos nove anos. Precisou levar 102 pontos quando acabou, um fato do qual nunca se cansava de se gabar.

Sarah não quer fazer isso.

Sarah tem medo.

— Será na sexta-feira — diz Juliana.

— Mas...

Ela não pode fazer a provação e, claro, não pode fazer *nessa sexta-feira*. Não pode perder o baile depois de todas as besteiras que fez. Mas também não pode dizer a Juliana que um baile da escola é mais importante do que as vontades do conselho.

— Você vai fazer daqui a três dias e me provar que está comprometida com esta missão, com esta vida. Se não fizer, aí vai embora comigo.

— Você está me dizendo que essas são as minhas duas únicas opções? — pergunta Sarah.

— Sim.

Mas só há uma opção. Ela não pode abandonar Christopher. Não pode abandonar a família, a escola e a vida.

Sarah respira fundo.

— Então eu faço. O que for preciso.

* * *

No andar de cima, na segurança de seu quarto, Sarah chora.

Tem a sensação de que não consegue parar.

Não sabe se tem mais medo de despertar a raiva dos amigos ou de os lobos fazerem picadinho dela; talvez só tenha medo de não conseguir passar pela provação, de não poder ter tudo o que quer e de que precisa. Morre de medo de ser obrigada a escolher.

— Quer parar de ser uma bebezona?

Tate abre a porta e a fecha ao entrar. É a primeira vez que vai ao quarto dela desde o dia das abelhas. É a única vez que ela não o quer ali. Mas mesmo assim, só por um momento, ela sente o coração saltar no peito quando o vê. Sarah vive esquecendo que ele não é mais o velho Tate, com quem sempre podia contar.

— Você não entende — diz ela, secando o nariz. — O conselho disse que...

— Eu sei o que o conselho disse, e você deve fazer o que for, não acha? Não é isso que significa ser a Jogadora?

Quando vê os lábios de Tate se curvarem em uma expressão de crueldade, ela sabe o que ele está pensando: que o conselho disse que ele não poderia mais ser o Jogador e que, como um bom Jogador, ele obedeceu.

— Você não tem motivo para chorar — corta ele. — Você não faz ideia. E, se não consegue aguentar, deveria admitir isso agora e evitar problemas para todo mundo.

— *Você* acha que eu não consigo aguentar? Que não sou tão boa nem tão forte quanto você?

Sarah sabe o que ele pensa, mas quer ouvi-lo dizer na sua cara.

— Eles escolheram a mim, não você. É só isso o que estou dizendo.

— Eles escolheram a nós dois.

— Ah, bem, eles se enganam. E, se você acha que seu “relacionamento” triste é mais importante do que o destino do mundo, talvez eles tenham se enganado mesmo.

— Vai se foder, Tate.

A frase sai antes que Sarah consiga impedir. Tate parece tão surpreso quanto ela. Há muito tempo que todo mundo pisa em ovos perto dele, tentando ser gentil, lhe dar tempo e espaço, deixando que seja cruel com todo mundo. Mas ela não aguenta mais.

— Por que aceitou? — pergunta Tate. — Você age como se não tivesse escolha. Sou eu que não tenho escolha.

— Talvez por isso eu tenha aceitado.

— Por mim? — pergunta ele, com desprezo. — Para levar a cabo o legado da família? Não preciso de favores.

— Não.

Bem que Sarah queria que fosse *esse* o motivo. Faria sentido, seria mais fácil. Ela o ama, faria qualquer coisa por Tate, e, se achasse que o fato de ela Jogar faria bem a ele, que o deixaria feliz novamente, Jogaria para sempre. Mas não está ajudando. Às vezes, parece que nada vai fazer com que ele fique bem. E o que ela não pode admitir, o que talvez nenhum dos dois possa, é que o Endgame dela não tem mais nada a ver com ele.

— O que foi, então? Você só queria provar que é melhor do que o irmão mais velho? Cansou de eu receber toda atenção?

— Não! — grita ela. — Pare!

— Você nem sabe por que foi fazer isso, sabe? — Ele balança a cabeça. — Péssima decisão, irmãzinha. Você não pode Jogar sem motivo. É um bom jeito de acabar morta.

— Como você...?

Ela voltou a chorar, tem dificuldade de dizer as palavras. Como ele consegue falar como se não se importasse?

— Pare de chorar! — grita ele.

Ela para abruptamente, não porque ele mandou, mas porque, de repente, tem raiva. Raiva demais para chorar, raiva demais para não dizer finalmente o que pensa.

— Você não é a única pessoa com direito a ter emoções, Tate. Não é o único no mundo com problemas.

— Não, mas sou a única pessoa *neste quarto* com problemas. Um de nós dois tem a chance incrível de salvar nosso povo, de dedicar a vida à sobrevivência dos cahokianos, de ser um herói, mas está emburrado porque significaria perder um baile idiota da escola. Enquanto o outro não tem *nada!* Você entende isso? — Ele está gritando. Sarah nunca o viu com tanta raiva. — Nada.

— Essa escolha é sua — diz Sarah, sem saber se seu coração está partido por ele ou por si mesma. Se Tate não vai sair do quarto, ela sai, vai deixá-lo sozinho, que é o que ele merece. — *Você escolheu* não ter nada. Espero que goste.

* * *

Tate tem razão em uma coisa: Sarah não sabe por que aceitou Jogar.

Mas aceitou. É isso que importa agora... Não é?

Seu relacionamento não é mais importante do que salvar o mundo. Ela não pode deixar que seja. Se é verdade que não pode ter as duas coisas, que precisa escolher uma vida em detrimento da outra, então não há escolha.

Ela manda uma mensagem para Reena e Christopher, diz que está passando muito mal e que não vai poder ir ao baile. Em seguida, destrói o celular com um martelo e joga no lixo o que restou do aparelho.

Não vai à escola no dia seguinte, nem dois dias depois. Não fala com Tate. Não pensa em Christopher.

Ela treina.

Medita.

Estuda os lobos.

E, quando chega sexta-feira e o sol some no horizonte e todas as amigas estão se espremendo para entrar em vestidos elegantes e ajeitando o cabelo, Sarah Alopay entra no bosque.

* * *

No bosque não há trilhas, não há campings, não há abrigos seguros para jovens. Só há escuridão, o farfalhar do vento nas folhas, o sussurro de passos, olhos piscando nas sombras.

Sarah acende uma fogueira, como lhe ensinaram. Poderia pegar um esquilo, assá-lo num espeto, arrancar a carne dos ossos; ela sabe sobreviver. Mas isso só vai durar uma noite, e a fome não a preocupa, nem as habilidades de sobrevivência, nem fazer abrigos, filtrar água ou navegar com auxílio das estrelas.

Essa noite, o que importa são os lobos.

Dizem que os lobos são amigos dos cahokianos.

Dizem que os lobos são atraídos pelo Jogador, pelo poder e necessidade dele. Os lobos sabem que um teste está acontecendo e oferecem o desafio vermelho de dentes e unhas.

Sarah não acredita nessas coisas.

Ou, pelo menos, acha que não acredita.

Mas de uma coisa ela sabe: por gerações e gerações, todos os Jogadores se aventuraram no bosque por uma noite, e todas as vezes encontraram os lobos.

Ela sabe que há criaturas se esgueirando nas sombras, observando-a. Sabe que irão atrás dela e sabe que estarão com fome.

Uma hora se passa; depois, duas. Sarah fica olhando para o fogo, imaginando ver dançando nas chamas o rosto das pessoas que ama. Imaginando que seu mundo está queimando, que vai queimar a não ser que ela possa impedir. Ela se perde na visão: os céus em chamas, prédios queimando, corpos caindo. Vê Reena, mais velha e ainda mais bonita, usando um capelo de formatura, Reena com uma expressão de choque típica de desenho animado e o braço arrancado acima do cotovelo. Vê o chão explodindo embaixo de Tate, esmagando-o contra a terra e as pedras. Vê o corpo de Christopher, sem vida e sem calor, o sangue escorrendo de um buraco preciso no centro da testa.

“Você nem sabe por que foi fazer isso”, acusou Tate, e era verdade. Sarah aceitou ser a Jogadora porque uma voz interior lhe disse que era o certo a fazer; ela ouviu a voz e obedeceu, mas não entendeu. Só agora entende.

Durante esses momentos infinitos em que a fogueira arde, ela consegue ver o Endgame, sabe que está chegando. Sabe que essas visões são promessas do que pode acontecer se não conseguir encontrar forças para impedir que aconteçam.

Ela é a única que pode impedir que aconteçam.

Tem que Jogar, e não só pela linhagem, não só por causa da promessa, mas também pelas pessoas que mais ama. Ela achava que Jogar a estava afastando deles, mas agora vê que é a única coisa que os mantém vivos.

Agora ela sabe o que vai acontecer.

Sabe que não pode desistir. Que, por mais que ame os amigos e a família, é assim que vai se dedicar a salvá-los.

Sabe disso melhor do que qualquer outra coisa, mas a certeza some tão depressa quanto surgiu; some no momento em que ela pisca e se vê de volta no bosque, na noite, e vê os lobos.

Cinco se aproximaram, a cercaram. Pelo cinza, olhos pretos, dentes brancos.

Sarah sente que a estão avaliando. Avaliando se é digna ou não.

— Não ligo para o que vocês pensam — diz Sarah.

Os lobos rosnam, uma polegada mais próximos.

— Não ligo para o que ninguém pensa. Eu consigo. *Vou* conseguir.

Quando fala, ela finalmente sabe que é verdade.

Quando fala, o maior lobo pula nela.

Eles caem juntos no chão, um emaranhado rosnante de unhas e pernas e os braços dela. Sarah bate a cabeça no focinho do lobo e, quando o animal uiva de dor, crava no pescoço dele o soco mais forte que consegue dar, enterrando o punho tão fundo que o lobo tem dificuldade de respirar. Dentes rasgam a pele dela e, em algum lugar no fundo da mente, ela sente dor. Mas só pensa no lobo, cujo olhar permanece fixo no de Sarah, arfando pesadamente enquanto tenta se soltar do punho dela, e, quando se abaixa e se afasta das unhas do animal, ela encolhe os dedos formando garras e ataca a cara do lobo, arrancando um olho da órbita.

Um uivo de dor e fúria sacode a noite. Sarah uiva junto, libera na escuridão toda a dor, o medo e a fúria que sente. Então, em um

movimento intenso, joga o corpo trêmulo e espasmódico do lobo na direção da matilha.

— Venham — desafia Sarah. — Venham até mim.

Mas os lobos choramingam, dobram as pernas da frente, tocam o focinho no chão em sinal de submissão e voltam para as profundezas do bosque.

Sarah está coberta de sangue, o do animal e o dela próprio. Está cortada, arranhada e tremendo de choque, mas sorri. Então, sozinha no bosque, com os lobos por perto e derramando sangue por cem dolorosos ferimentos, gargalha.

Ela venceu.

* * *

Sarah dorme profundamente, ladeada por três lobos, que a protegem da noite. Ela sente que os animais desejam protegê-la. Que a julgaram e a consideraram digna.

Ela também se julgou e concluiu o mesmo.

Quando vai para o ponto de encontro, ela espera que Juliana apareça para buscá-la, talvez os pais, mas encontra Tate ao volante do Pontiac enferrujado. Ele não dirigia desde que perdeu o olho. Sarah nem sabe se ele *deveria* estar dirigindo nesse momento. Mas entra no carro sem dizer nada.

— Você está bem? — pergunta ele, e, pela preocupação na voz do irmão, Sarah sabe que seu aspecto é pior do que a dor que sente.

— A maior parte do sangue não é meu — diz ela, e os dois partem dali.

Tate se concentra na estrada.

— Estou feliz que você esteja bem — diz ele, sem olhar para Sarah.

— Não parece — murmura ela.

— A mulher do conselho foi embora, caso você queira saber. Teve alguma espécie de sonho e disse alguma coisa sobre não querer discutir com os lobos. Você pode ficar. É uma boa notícia, né?

— Não precisa fingir que se importa só porque estou sangrando.

— Sarah...

Tate para o carro. Sarah mexe no pingente que leva no pescoço. Como sempre, a pedra esquenta ao toque. A pedra já sabia. A pedra pertence a Sarah. Não importa se era para ser assim, pois é assim que é. Agora, o que pertencia a Tate é dela, e pode ser que nenhum dos dois goste disso, mas não dá para voltar atrás.

Mas ela não pode dizer isso a Tate. Ele é seu irmão mais velho, deveria perceber sozinho.

— Eu estava com inveja. Quando gritei com você. Foi por isso. Eu não estava com raiva. Só com... inveja.

Parece que a cada palavra ele sofre mais.

Sarah tem vontade de dizer que não tem problema, que o ama, que o perdoa, que ele pode fazer o que quiser se for para diminuir seu sofrimento.

Mas não pode deixar que, para amenizar o próprio sofrimento, Tate a faça sofrer. É mais uma coisa que ela entende agora.

— Não foi justo — diz ela. — Eu não queria. Tanto quanto você não queria.

Ele continua concentrado na estrada.

— Eu sei.

Eles seguem o resto do caminho em silêncio. Quando chegam, Tate leva o carro para os fundos.

— Por que estamos entrando por aqui? — pergunta ela, enquanto entram pela cozinha.

— Você está com uma cara péssima. Não vai querer que a vejam assim.

Tate deve estar falando dos pais, e talvez tenha razão. Talvez eles já tenham passado tempo demais se preocupando com a filha. Assim, ela se permite ser conduzida para o andar de cima e, depois de tomar banho e limpar todo o sangue, senta-se na beira da cama do irmão, que limpa os ferimentos e faz os curativos. Seu toque é muito delicado, e fica claro que ele sabe o que está fazendo.

Agora Sarah se dá conta de como sabia pouco sobre o treinamento do irmão. Nunca fez perguntas difíceis, como o quanto doía ou se estava com medo. Nunca quis saber se ele se arrependia do que escolhera quando era novo demais para saber o que estava fazendo.

São coisas que Sarah não pode mais perguntar, apesar de as respostas importarem mais do que nunca.

Mas não tem nada que possa dizer. Ela não quer mais sentir medo.

— O que aconteceu com você é culpa minha — diz Sarah de repente.

Tate fica paralisado.

— O quê?

— Não foi minha culpa, mas eu sabia que havia alguma coisa errada. Eu *sabia*. E não impedi Samuel. Eu podia ter feito com que ele parasse a provação, mas me faltou coragem. Eu podia ter salvado você.

Tate se senta ao lado dela. Segura sua mão.

— Você não pode ter medo de dizer o que pensa, de falar em nome do que é certo. Não mais. Você sabe disso, não sabe?

Sarah assente. Nunca se sentiu tão pequena.

— Mas, Sarah, você tem que saber que não foi culpa sua. Eu *escolhi* me colocar naquele lugar.

— É, quando tinha quatro anos. O que você podia saber?

— Naquele dia e todos os que se seguiram. Ser o Jogador não é como assinar na linha pontilhada e pertencer ao destino. Você *faz* o destino. A cada minuto, a cada escolha, você constrói a vida que quer. O tipo de Jogador que quer ser. O que aconteceu naquele abrigo não foi culpa de ninguém. Apenas aconteceu. E foi uma consequência do que eu escolhi. Entende?

Ela pensa no bosque e nos lobos, no fato de que não tinha outra escolha senão enfrentá-los, mas que ainda assim fez uma escolha. Era Jogar o que queria fazer. A única escolha que o amor lhe permitia.

— Entendo — responde Sarah.

— Que bom. Agora penteie o cabelo, vista uma roupa bonita e desça.

— Por quê?

— Tem uma surpresa para você lá embaixo. Para provar que você pode escolher. Eu estava errado quando fiz parecer que você tinha que escolher uma coisa ou outra, sua vida antiga ou a nova. Você

não precisa Jogar como eu, Sarah. Nem como ninguém. É você quem faz o seu caminho.

— Você acredita mesmo nisso? — pergunta ela, querendo desesperadamente que seja verdade.

Tate assente.

— Mas o que isso tem a ver com o que está lá embaixo?

Ele dá um sorriso misterioso e, mesmo com o tapa-olho de pirata, parece o velho Tate de novo.

— Ah, eu contei? Já descobri o que vou fazer.

— O que vai fazer esta noite?

— No futuro próximo.

Isso é mais do que ela esperava. Talvez Tate finalmente tenha preenchido os formulários de inscrição para faculdade que a mãe vem empilhando em sua mesa de cabeceira. Ou tenha arrumado um emprego. Qualquer coisa seria melhor do que ficar se remoendo nos cantos.

— O quê? — pergunta Sarah, torcendo para ele não conseguir perceber a ansiedade em sua voz.

Tate abre o tipo de sorriso que ela não vê há meses. É travesso e brilhante de alegria.

— Vou ajudar você, irmãzinha. Vou ajudá-la a Jogar. Não que você possa Jogar tão bem quanto eu... — Ele fala isso para provocar, não com a amargura dos últimos meses, e ela se sente livre para provocar também.

— Não tão bem. *Melhor.*

Tate assente e aperta a testa dela com os dedos. É como se fosse uma bênção.

— Melhor.

* * *

Sarah coloca um vestido verde-escuro que destaca o cabelo castanho-avermelhado, camadas de base no rosto para disfarçar o grosso dos arranhões e desce para o térreo. Ao pé da escada, para de repente.

A sala está cheia de faixas, o aparelho de som está tocando a música preferida dela, e no meio da sala, com os braços abertos como se a esperasse, está Christopher. Ele sempre ficou especialmente bonito de terno.

— O que você...?

— Perguntas depois — diz ele. — Primeiro...

Ela está nos braços dele, balançando com a música, se afogando no beijo dele.

— Não está com raiva? Por causa do baile? — pergunta ela quando consegue afastar os lábios dos dele.

— Eu estava — admite ele. — E Reena... acho que ela estava prestes a vir até aqui botar fogo na sua casa.

— Ah, meu Deus. Reena.

Ela se obrigou a não pensar em nada disso, mas agora tudo volta de repente numa onda de culpa e pânico. Será que ela perdeu a melhor amiga?

Christopher vê tudo nos olhos de Sarah e beija sua testa uma vez, depois suas pálpebras. Ela consegue voltar a respirar.

— Não se preocupe — diz Christopher. — Tate explicou a ela, assim como me explicou também. Ah, e, quando terminarmos aqui, ela disse que é melhor você mandar uma mensagem de texto, senão vai matar você.

Sarah sorri, pensando que isso seria meio difícil, considerando o estado do seu celular. Mas de repente as palavras de Christopher bateram fundo.

— Espere, então Tate... explicou? Explicou o quê exatamente?

— Você sabe, sobre os testes para a seleção de futebol, que você anda treinando feito louca, mas não queria nos contar até saber que conseguiu porque não queria nos decepcionar se não fosse aprovada. O que é maluquice, aliás, porque você nunca me decepcionaria, nem se não conseguisse. Mas é claro que você conseguiu! — Christopher a abraça com tanta força que ela mal consegue respirar. — Estou tão orgulhoso de você, sabia? Orgulhoso de mim mesmo também. — Ele ri. — Não consigo acreditar! Estou namorando uma das dez melhores jogadoras de futebol do país.

— Tate também contou isso? — sussurrou ela.

— Contou, ele disse que teve um desempate de último minuto ontem à noite. Que por isso você não foi ao baile. E que conseguiu.

— Ele parece radiante, e Sarah o ama por ficar tão feliz por ela e tenta não se odiar pelas mentiras. — Prometa que não vai me esquecer, agora que ficou tão importante. Sei que muita coisa vai mudar, com todos os treinamentos e as viagens, mas prometa que vamos encontrar um jeito de fazer dar certo.

— Eu prometo — diz Sarah, apoiando a cabeça no ombro de Christopher, e ela não está falando com ele. Está falando consigo mesma, jurando para si que só vai mentir quando precisar, e só para poupá-lo dos horrores e das dores com os quais ele não vai conseguir lidar. Ela promete para si mesma que vai dar tudo o que puder para a linhagem, mas não tudo o que tem, não tudo o que é. Ela vai escolher a vida que quiser, o que quer dizer escolher as duas vidas, as duas metades de quem é. A parte que se importa com a escola, que quer ser boa amiga de Reena, que quer se perder nos braços de Christopher: essa é a parte que vai mantê-la no que vem pela frente. É a parte que vai lhe dar forças, e ela não vai abrir mão disso. Ela promete para si mesma e para Christopher que não vai precisar.

— Isso foi ideia sua? — pergunta Sarah. — As faixas, o terno... como um baile só nosso, né?

Ele a puxa para si. Ela adora encaixar perfeitamente no peito dele, adora que os braços dele a fazem se sentir tão segura.

— Ah... Eu queria poder levar o crédito, mas foi ideia do Tate.

Era a única resposta que podia tê-la feito ainda mais feliz.

— Podemos dançar de novo? — pergunta ela.

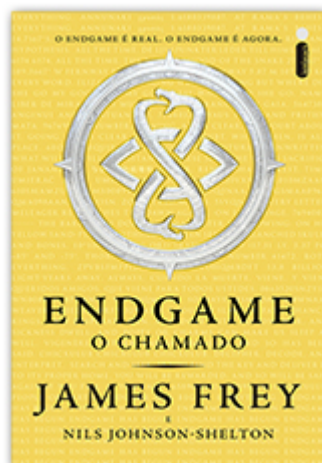
Christopher coloca novamente a música preferida dela e a toma nos braços, cantando baixinho em seu ouvido. Ele tem uma voz horrível, desafinada, e isso a faz amá-lo ainda mais. “Seis anos”, pensa Sarah. Seis anos para sobreviver, lutar, trabalhar, Jogar, encontrar um jeito de se agarrar a isso, a *ele*, custe o que custar. Seis anos de sacrifício que vão valer a pena caso lhe permitam salvar Christopher, Reena e Tate dos horrores que ela viu na fogueira. Os detalhes da visão já sumiram, mas a mensagem é clara: *Jogue ou perca tudo e todos que ama.*

Seis anos Jogando, e eles poderão começar o resto da vida juntos. Não importa o que o destino quer para ela. Não importa o que ela viu nas chamas naquela noite: tanto sangue, tanta morte... A vida é escolha, e Sarah escolhe ter tudo.

SOBRE O AUTOR

JAMES FREY é o fundador da Full Fathom Five, empresa responsável pela criação da bem-sucedida série *Os Legados de Lorien*, também publicada pela Intrínseca, que deu origem à adaptação cinematográfica *Eu Sou o Número Quatro*, produzida por Steven Spielberg e Michael Bay. James Frey mora em Nova York com a esposa, a filha e o cachorro.

CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



Endgame: O Chamado
James Frey & Nils Johnson-Shelton



Diários de treinamento: Origens
James Frey

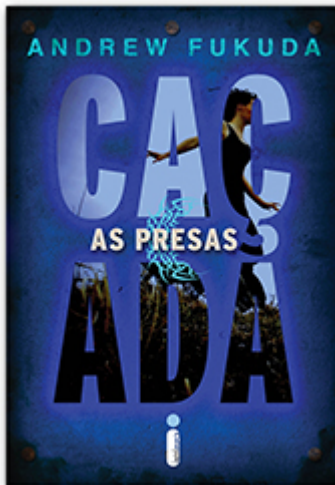


Diários de treinamento: Descendência
James Frey

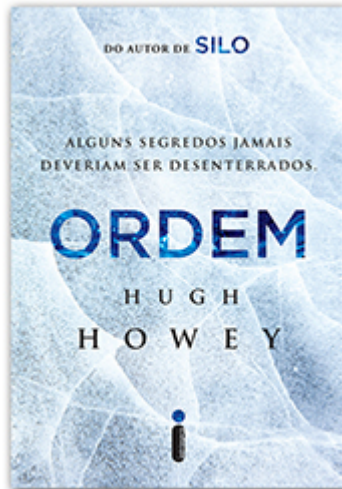
LEIA TAMBÉM



A Caçada
Andrew Fukuda



As Presas
Andrew Fukuda



Ordem
Hugh Howey



Silo
Hugh Howey



Half Bad
Sally Green



Aniquilação
Jeff Vandermeer